

ROVANA KINAS BUENO

**RELAÇÕES ENTRE ENVOLVIMENTO PATERNO COM
FILHOS ADOTIVOS E ESTRUTURA FAMILIAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Bueno, Rovana Kinas

Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos
e estrutura familiar / Rovana Kinas Bueno ; orientador,
Mauro Luís Vieira ; coorientadora, Maria Aparecida
Crepaldi. - Florianópolis, SC, 2014.

200 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências


1. Psicologia. 2. Paternidade. 3. Adoção. 4. Relações pai-
filho. 5. Relações familiares. I. Vieira, Mauro Luís . II.
Crepaldi, Maria Aparecida. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV.
Título.


Rovana Kinas Bueno


Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar

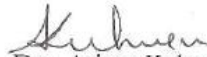
Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.


Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)


Dr. Mauro Luís Vieira
(PPGP - UFSC - Orientador)


Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP - UFSC - Co-orientadora)


Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dra. Ariane Kuhnen
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dra. Rita de Cassia Sobreira Lopes
(PPGP - UFRGS - Examinadora)



Dra. Daniela Ribeiro Schneider
(PPGP – UFSC – Examinadora)

Dra. Ana Maria Xavier Faraco
(UFSC – Suplente)

Dedico este trabalho ao meu marido e aos meus pais que sempre me incentivaram, me acompanharam e contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois, sem Ele, com certeza, não teria chegado até aqui.

Agradeço ao meu marido Rafael, amor da minha vida, companheiro de todas as horas, que sempre me incentivou, apoiou, aconselhou e ajudou em todos os sentidos e em todos os momentos. Poder compartilhar o mestrado e minha vida com você é mesmo uma dádiva de Deus.

Agradeço aos meus pais, Edgar e Nélici, os quais são minha fonte segura. Obrigada por todo investimento e suporte. Vocês sempre me instigaram a dar o meu melhor e a ser melhor a cada dia. Ensinararam e me auxiliaram a crescer e estavam presentes em todos os momentos. Foram fundamentais para esta conquista, a qual compartilho com vocês.

À minha família, à família de meu esposo e aos meus amigos (em especial, Francieli, Lariane, Naiana, Andressa, Valéria, Silvana, Gustavo e GRUPEX), agradeço a torcida! Obrigada por estarem do meu lado e pelos conselhos! Ao pastor José Carlos Venske e à Congregação Trindade, meu muito obrigada pelas orações de agradecimento e para que tudo desse certo.

Agradeço em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Mauro Luís Vieira, pela aprendizagem, pelas reflexões, pelo exemplo, pelo olhar crítico, pelas discussões, pela compreensão sobre nossas diferenças epistemológicas, pelo incentivo em publicar, por acompanhar de perto cada etapa e por me auxiliar a crescer. Espero poder retribuir, algum dia, por toda ajuda e suporte. Foi ótimo trabalhar com você!

Agradeço à minha coorientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, pela oportunidade oferecida, pela confiança depositada, pelas reflexões e por ter me auxiliado na construção de conhecimento. Assim como o Prof. Dr. Mauro, você também é para mim uma fonte de inspiração, alguém que admiro muito. Foi uma honra termos trabalhado juntas! Obrigada!

Agradeço também à Profa. Dra. Ana Maria Faraco de Oliveira pelas valiosas contribuições, bem como aos professores da UFSC pelas disciplinas ministradas com extrema competência. Agradeço em especial ao Prof. Dr. Roberto Moraes Cruz que auxiliou de modo significativo na elaboração de meu projeto de pesquisa.

Agradeço aos meus colegas de sala de aula, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI¹) e do Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), com os quais muito aprendi e pude dividir experiências e opiniões. O companheirismo e a amizade de vocês foram muito importantes durante todo o processo. Agradeço em especial a Carina Nunes Bossardi e a Simone Azeredo Bolze, que acompanharam desde o início o meu ingresso no mestrado e foram grandes amigas e conselheiras em todos os momentos. Agradeço também à Elisângela Böing, pela parceria e ajuda. Vocês sempre me auxiliaram bastante! À Beatriz Schmidt, que me acolheu antes de me conhecer e mesmo longe, se faz presente! À Cibele agradeço pela ajuda no Atlas-ti, e não poderia deixar de agradecer aos colegas Scheila, Maiara, João, Roberta, Gabriel, Shana e Adriano pela parceria e “trocas” de conhecimento! Ao grupo do projeto “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”, obrigada pela torcida!

À equipe CRESCI da UFRGS, agradeço a aprendizagem e o incentivo, em especial, à Gabriela, à Scheila e à Marília, pessoas que admiro muito.

À Denise Duque agradeço o carinho, e à Isabela Machado da Silva, pelos diálogos acadêmicos.

Agradeço também à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFSC, bem como à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por contribuírem para meu aperfeiçoamento profissional. À secretaria do PPGP, em especial às secretárias do programa, meu sincero obrigada!

Também agradeço sinceramente aos pais e às instituições que participaram da pesquisa. Muito obrigada à Christina Salomon e à Michelli Rabuske por toda a ajuda fornecida para que esta pesquisa fosse realizada.

À banca examinadora, agradeço por todas as contribuições para aperfeiçoamento da pesquisa e da dissertação.

¹ Site: <http://www.nepedi.ufsc.br/>

BUENO, R. K. Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar. 200 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar. Esse estudo justifica-pelo incremento na literatura sobre o tema. Participaram da pesquisa quatro pais de crianças que foram adotadas até um ano de idade e que tinham três ou quatro anos no momento da pesquisa. Esses pais foram acessados por meio de duas instituições, escolhidas intencionalmente, em uma cidade do sul do Brasil. Esta pesquisa qualitativa teve como instrumentos um Questionário Sociodemográfico, uma Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno e uma Entrevista Semiestruturada de Genograma. Com relação à análise de dados: O Questionário Sociodemográfico foi utilizado para caracterizar os participantes; a Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno foi analisada conforme seu conteúdo, utilizando-se o software Atlas.ti 5.1; e a Entrevista Semiestruturada de Genograma foi analisada gráfica e clinicamente. Com a análise dos resultados, emergiram as seguintes categorias: Interação; disponibilidade; responsabilidade; padrões de relacionamento; criação; sentimentos e percepções do pai com relação ao filho; experiência em ser pai; e processo de adoção. Nas famílias dos participantes, os padrões de relacionamento predominantes foram os de relacionamentos harmônicos, e a configuração familiar era a de pai, mãe e filho adotivo. Constata-se que esses pais brincam, cuidam, conversam, demonstram afeto e têm lazer com seus filhos. Eles também buscam ser participativos na vida de seus filhos quando estão disponíveis, e essa disponibilidade está diretamente relacionada ao trabalho do pai, o qual organiza a rotina da família. Esses pais dividem algumas tarefas e responsabilidades com suas esposas, tanto no que se refere ao filho quanto no que se refere à casa, e ainda ganha destaque seu papel de provedores do sustento financeiro da família. Além disso, reavaliam o modelo de pai que tiveram de seus pais, fazem combinações com a esposa sobre como criar seus filhos e experienciam positivamente a paternidade. Desse modo, constata-se que em famílias compostas por pai, mãe e filho adotivo, com padrões de relacionamento predominantemente harmônicos, os pais se mostram envolvidos com

seus filhos, caracterizando o estilo emergente de paternidade, que é uma mescla do estilo tradicional com o estilo contemporâneo de paternidade.

Palavras-chave: Paternidade. Adoção. Relações pai-filho. Relações familiares.

BUENO, R. K. Relationship between father involvement with adopted children and family structure. 200 f. Dissertation (Masters in Psychology) – Psychology Postgraduate Program, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the relationships between father involvement with adopted children and family structure. This study is justified by the increase in the literature about the subject. Participants were four fathers of children who were adopted until a year old and were three or four years at the time of the research. These fathers were accessed through two institutions, intentionally chosen, in a city of the southern Brazil. This qualitative research had as instruments a Sociodemographic Questionnaire, a Semistructured Interview of Father Involvement and a Semistructured Interview of Genogram. With respect to data analysis: The Sociodemographic Questionnaire was used to characterize participants, the Semistructured Interview of Father Involvement was analyzed according to their content, using the Atlas.ti 5.1 software, and the Semistructured genogram interview was analyzed graphically and clinically. With the analysis of the results, the following categories emerged: Interaction; availability; responsibility; relationship patterns; raising children; feelings and perceptions of the father regarding the child; experience of being a father; and the adoption process. In the participants' families, the predominant patterns of relationship were the harmonic relationships, and the family configuration was the father, the mother and the adoptive child. It is verified that these fathers play, take care, talk, show affection and have leisure with their children. They also seek to be participants in their children's lives when they are available, and this availability is directly related to the father's work, which organizes the family routine. These fathers share some tasks and responsibilities with their wives, both as regards the child as in relation to the house, and still is highlighted their role as providers of financial support the family. Furthermore, fathers reevaluate the model of father they had of their own fathers, make combinations with their wives about how to raise their children and have a positive parenting experience. Thus, it is verified that in families composed of father, mother and adoptive child with patterns of relationships predominantly harmonic, fathers get involved with their

children, characterizing the emerging style of fatherhood, which is a blend of traditional style with contemporary style of parenting.

Keywords: Paternity. Adoption. Father-child relations. Family relations.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Equação para calcular a concordância entre juízes, retirado de Fagundes (1999).	67
<i>Figura 2.</i> Configuração familiar de P01.	73
<i>Figura 3.</i> Padrões de relacionamento de P01.....	75
<i>Figura 4.</i> Configuração familiar de P02.	78
<i>Figura 5.</i> Padrões de relacionamento de P02.....	80
<i>Figura 6.</i> Configuração familiar de P03.	82
<i>Figura 7.</i> Padrões de relacionamento de P03.....	84
<i>Figura 8.</i> Configuração familiar de P04.	86
<i>Figura 9.</i> Padrões de relacionamento de P04.....	88
<i>Figura 10.</i> Categorias criadas a partir da análise dos dados.	89
<i>Figura 11.</i> Relação entre as categorias.	117
<i>Figura 12.</i> Cinco subcategorias com maior frequência de ocorrência de elementos temáticos.	195

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	52
Tabela 2	63
Tabela 3	70
Tabela 4	91
Tabela 5	94
Tabela 6	95
Tabela 7	97
Tabela 8	99
Tabela 9	103
Tabela 10	106
Tabela 11	109
Tabela 12	112
Tabela 13	115
Tabela 14	187
Tabela 15	188
Tabela 16	188
Tabela 17	189
Tabela 18	189
Tabela 19	190
Tabela 20	190
Tabela 21	191
Tabela 22	193

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA	American Psychological Association
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNA	Cadastro Nacional da Adoção
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CNS	Conselho Nacional da Saúde
CRESCI	Projeto de pesquisa “Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: Estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança”
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INFAPA	Instituto da Família de Porto Alegre
LABSFAC	Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade
NEPeDI	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil
PPGP	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIV	Projeto de pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: A relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos de idade”
UQÀM	Universidade do Québec em Montreal
UM	Universidade de Montreal
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
URI	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	23
1. INTRODUÇÃO.....	25
2. OBJETIVOS.....	31
2.1 OBJETIVO GERAL.....	31
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	31
3. PRESSUPOSTOS	33
4. HIPÓTESES.....	35
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	37
5.1 ENVOLVIMENTO PATERNO.....	37
5.2 PAI E ADOÇÃO.....	42
5.3 A ESTRUTURA FAMILIAR NA PERSPECTIVA SISTÊMICA.....	48
5.4 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	53
5.4.1 Processo	54
5.4.2 Pessoa.....	55
5.4.3 Contexto	56
5.4.4 Tempo.....	57
6. MÉTODO	59
6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	59
6.2 PARTICIPANTES	59
6.3 CONTEXTO DA PESQUISA.....	60
6.4 ASPECTOS ÉTICOS	61
6.5 INSTRUMENTOS	62
6.5.1 Questionário Sociodemográfico.....	62
6.5.2 Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno	62
6.5.3 Entrevista Semiestruturada de Genograma	62
6.6 OBJETIVOS E INSTRUMENTOS.....	63
6.7 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	63
6.8 ANÁLISE DOS DADOS	65

7. RESULTADOS	69
7.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES.....	69
7.2 DESCRIÇÃO DOS CASOS	71
7.2.1 Família de P01	71
7.2.2 Família de P02	76
7.2.3 Família de P03	81
7.2.4 Família de P04	85
7.3 SISTEMA DE CATEGORIAS	89
7.3.1 Categoria 1 - Interação	90
7.3.2 Categoria 2 - Disponibilidade.....	95
7.3.3 Categoria 3 - Responsabilidade.....	96
7.3.4 Categoria 4 – Padrões de relacionamento	98
7.3.5 Categoria 5 - Criação	102
7.3.6 Categoria 6 - Sentimentos e percepções do pai com relação ao filho.....	105
7.3.7 Categoria 7 – Experiência em ser pai	109
7.3.8 Categoria 8 – Processo de adoção	111
8. DISCUSSÃO	117
8.1 INTERAÇÃO, DISPONIBILIDADE E RESPONSABILIDADE COMO DIMENSÕES DO ENVOLVIMENTO PATERNO.....	118
8.2 ENVOLVIMENTO PATERNO E PADRÕES DE INTERAÇÃO FAMILIAR.....	124
8.3 ENVOLVIMENTO PATERNO E CONFIGURAÇÃO FAMILIAR.....	128
8.4 DO MODELO DE PAI À CRIAÇÃO DOS FILHOS.....	129
8.5 SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES DO PAI.....	131
8.6 EXPERIÊNCIA EM SER PAI.....	133
8.7 PROCESSO DE ADOÇÃO	135
8.8 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS	138
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
9.1 PRINCIPAIS CONCLUSÕES E CONTRIBUIÇÕES.....	141

9.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E LIMITAÇÕES DO ESTUDO	143
9.3 DESDOBRAMENTOS PARA A PRÁTICA.....	145
9.4 ESTUDOS FUTUROS	146
REFERÊNCIAS	149
APÊNDICE A – DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL	167
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	169
APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DE ENVOLVIMENTO PATERNO.....	171
APÊNDICE D - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DE GENOGRAMA	175
APÊNDICE E – CARTA-CONVITE	181
APÊNDICE F – TABELA DE FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DOS ELEMENTOS TEMÁTICOS	183
APÊNDICE G – QUADROS-SÍNTESE DOS PRINCIPAIS RESULTADOS DE CADA CATEGORIA	187
APÊNDICE H – TABELA QUE SINTETIZA OS RESULTADOS DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS	193
APÊNDICE I – GRÁFICO COM AS SUBCATEGORIAS COM MAIOR FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA.....	195
ANEXO A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	197

APRESENTAÇÃO

Minha introdução no assunto sobre paternidade e família iniciou-se antes do meu ingresso no mestrado. Durante a graduação na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – *Campus* de Santo Ângelo, sempre me interessei pela perspectiva sistêmica e trabalhos com família. Na verdade, desenvolvimento humano e relacionamento familiar sempre foram minhas duas paixões na Psicologia. Após finalizar a graduação, iniciei uma Especialização em Terapia Individual, Familiar e de Casal, no Instituto da Família de Porto Alegre (INFAPA). Na época, eu também passei a fazer parte de um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) chamado (na época) de “Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: Estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança” (CRESCI). Nesse projeto, um dos focos de estudo era o envolvimento paterno, o qual me chamou a atenção por ser um assunto com muitos aspectos a serem explorados.

Como sempre tive interesse na área acadêmica, e por razões pessoais me mudei para Florianópolis (SC), fiz a seleção de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área “Processos psicossociais, Saúde e Desenvolvimento Psicológico”, hoje nomeada de “Saúde e Desenvolvimento Psicológico”. Ao estudar a estrutura do programa, fiquei feliz em ver que havia trabalhos com família e desenvolvimento humano, e que a linha de pesquisa nomeada na época de “Saúde, Família e Desenvolvimento psicológico”, hoje chamada de “Saúde e Contextos de desenvolvimento psicológico” também estava investigando o envolvimento paterno.

Após ser aprovada na seleção com uma proposta inicial de estudar o envolvimento paterno em padrastos, diversas reuniões foram feitas com meu orientador, o Prof. Dr. Mauro Luís Vieira, também interessado na paternidade. Depois de realizar revisões de literatura, decidimos alterar os participantes da pesquisa de padrastos para pais adotivos, uma vez que estes são pouco estudados e podem ser mais semelhantes aos pais biológicos do que os padrastos.

Paralelo às disciplinas do mestrado e à construção do projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação, ingressei no projeto intitulado “A transmissão intergeracional da violência: A relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos de idade” (TIV). Esse projeto é coordenado pela Dra. Maria

Aparecida Crepaldi e o Dr. Mauro Luís Vieira, e tem por objetivo estabelecer um elo entre três formas de violência familiar, quais sejam, a violência conjugal, a violência parental e a agressão das crianças entre si, propondo um modelo de transmissão intergeracional das estratégias de gestão de conflitos. O envolvimento paterno também é um dos focos de estudo do referido projeto.

Ao construir meu projeto de pesquisa durante o mestrado, eu sempre relacionava o envolvimento paterno com a forma como a família se organiza e se relaciona, e acabamos por relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e a estrutura familiar, utilizando a perspectiva teórica sistêmica. Um dos membros de minha banca de qualificação foi a Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, a qual, logo após a qualificação, tornou-se minha coorientadora. Tanto o Prof. Dr. Mauro quanto a Profa. Dra. Maria Aparecida trabalham com o envolvimento paterno e o contexto familiar, e foram orientações complementares e convergentes.

Na metade deste ano, o NEPeDI e o LABSFAC elaboraram um novo projeto de pesquisa, em união com estudiosos de duas universidades canadenses: Universidade do Québec em Montreal (UQÀM) e Universidade de Montreal (UM). O projeto se intitula “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo” e busca, entre outros objetivos, explorar a relação de ativação pai-criança. Minha inserção nesse projeto no momento de análise de meus resultados foi positiva na medida em que as reflexões no grupo auxiliaram na minha dissertação, e eu também pude contribuir para o grupo.

1. INTRODUÇÃO

O contexto familiar tem sido enfatizado como um dos mais significativos para o desenvolvimento da criança e, nessa perspectiva, evidências sobre o incremento no envolvimento paterno nesse contexto constituem um atual e relevante escopo de estudos. Mas quais os fatores que influenciam esse envolvimento? Qual o papel da estrutura familiar no envolvimento paterno? Será que pais² com filhos biológicos agem diferentemente de pais com filhos adotivos³? Reflexões como essas indicam a necessidade de investigar aspectos do envolvimento paterno de pais com filhos adotivos.

Mudanças na estrutura da família e nas expectativas de desempenho dos papéis parentais têm ocorrido no bojo das transformações econômicas, demográficas e culturais ocorridas nas últimas décadas (Bossardi & Vieira, 2010; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Dessen, 2010; Falceto, 1996; Monteiro et al., 2010; Staudt & Wagner, 2008). A intensificação da participação feminina no mercado de trabalho e o aumento no número de divórcios exigiram uma nova definição dos papéis parentais e da constituição familiar. A maior inserção da mulher no mercado de trabalho possivelmente contribuiu para o maior envolvimento do homem no cuidado com os filhos e no aumento da divisão das tarefas domésticas (Bossardi, 2011; Dessen, 2010; Falceto, 1996; Staudt & Wagner, 2008; Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005).

Com as mudanças na estrutura da família contemporânea, o papel do pai (provedor e modelo de gênero para o filho homem) foi ampliado e intensificou-se sua importância no desenvolvimento infantil (Bueno & Vieira, 2014; Goetz & Vieira, 2009a; Lamb, 1997; Paquette, Coyl-shepherd, & Newland, 2012; Paquette, Eugene, Dubeau, & Gagnon, 2009; Paquette, 2004; Vieira, Rímoli, Prado, & Chelini, 2009). Também é possível constatar o aumento no número de estudos sobre o papel do

² O termo “pais” será utilizado nesta dissertação referindo-se somente aos homens, ou seja, ao plural da palavra “pai”. Quando se referir a “pais e mães”, será assim especificado.

³ Ressalta-se que “filhos são filhos”, e que as expressões “filho biológico” ou “filho adotivo” serão utilizadas especificamente com o objetivo de caracterizar ou ilustrar eventuais semelhanças ou diferenças nos casos em que a criança permanece junto à família natural ou, por impossibilidade para tanto, torna-se filho(a) por meio de colocação em família substituta, na modalidade de adoção (conforme os seguintes dispositivos legais: Lei 8.069/1990 e Lei 12.010/2009).

pai em relação aos filhos nas últimas décadas (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999; Cia, Barham, & Fontaine, 2012; Cia, Pamplin, & Williams, 2008; Cia, Williams, & Aiello, 2005; Fouts, 2008; Goetz & Vieira, 2009a, 2009b).

Diferentes conceitos do envolvimento paterno remetem a diferentes formas de compreender a relação pai-criança. Há estudos que falam em investimento parental e outros em engajamento parental. O investimento parental se refere ao cuidado psicológico e/ou biológico com o objetivo de aumentar as chances de sobrevivência da prole, para que a mesma possa posteriormente atingir o estágio de reprodução (Bossardi, 2011; Lordelo et al., 2006). Esse conceito possui uma perspectiva evolucionista e fala que os cuidados dos pais podem ser diretos (como, por exemplo, cuidados básicos) ou indiretos (como, por exemplo, sustentando financeiramente a família) (Bossardi, 2011; Lamb, 1997; Lordelo et al., 2006; Manfroi, Macarini, & Vieira, 2011). O engajamento parental alude à participação e à preocupação contínua dos pais biológicos ou substitutos, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho (Dubeau, Devault, & Paquette, 2009). O termo engajamento geralmente é utilizado como sinônimo de envolvimento.

No presente estudo, o conceito de envolvimento paterno adotado é o proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), por ser um conceito que abrange três dimensões específicas, e por se referir diretamente ao pai. Este conceito também é considerado o mais bem definido e mais aceito e utilizado, na literatura nacional e internacional (Silva & Piccinini, 2007), e tem sido útil para compreender a relação pai-filho (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004, 2012). Assim, o envolvimento paterno é definido por meio de três dimensões: *Interação* que se refere ao contato direto do pai com seu filho no compartilhamento de atividades e brincadeiras; *disponibilidade* que diz respeito ao potencial de acessibilidade física e psicológica do pai para interação, em virtude de estar presente ou acessível para o filho se a interação direta ocorrer ou não; e *responsabilidade* que é o papel que o pai assume em garantir cuidados à criança, disponibilizando-se e providenciando recursos (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997).

O conceito de envolvimento paterno é utilizado por diferentes teorias e em diferentes contextos. O autor supracitado, por exemplo, derivou o conceito de envolvimento paterno da Psicologia do Desenvolvimento, a partir de estudos principalmente com bebês, para verificar o papel do pai no início da vida da criança. Contudo, como os

estudos com famílias costumam usar a perspectiva sistêmica, e como o envolvimento paterno em famílias adotivas é pouco explorado sob essa perspectiva, esta foi utilizada como fundamento epistemológico desta pesquisa, fazendo uso da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano que é considerada uma teoria sistêmica.

Embora o papel do pai tenha sofrido alterações nos últimos anos, as expectativas sociais de que os casais tenham filhos parecem não ter mudado (Rios & Gomes, 2009). Mesmo que, no Brasil, o número de casais com filhos tenha diminuído de 55%, em 1999, para 47,3% em 2009, os casais com filhos ainda representam uma importante parcela dos arranjos familiares por parentesco residentes em domicílios particulares. Desses casais, 54,7% possuem todos os filhos menores de 16 anos (IBGE, 2010a).

Há os casais que desejam ter filhos, mas biologicamente não conseguem. Muitos desses casais recorrem a técnicas de reprodução assistida para tentar gerar filhos biológicos e/ou optam por adotar uma criança. Embora muitos casais que adotam já possuam filhos biológicos, a maioria dos adotantes (76,19%) tem como principal motivação tornar-se pais, ou seja, a adoção ocorre pela impossibilidade ou dificuldade em gerar filhos biológicos (Weber, 2003). Assim, o ato de adotar surge como uma das possibilidades que o homem e a mulher possuem para tornarem-se pai, sendo uma solução ao fato de não conseguirem ter filhos biológicos (Andrade, Costa, & Rossetti-Ferreira, 2006; Ghirardi, 2009; Ladvocat, 2009). Além disso, alguns autores, como Andrade et al. (2006), referem a “paternidade adotiva” ao fato de homens se tornarem pais através da adoção de uma criança.

Conforme o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) (2013), os dados de outubro de 2013 do Cadastro Nacional da Adoção (CNA)⁴ indicam que o Brasil possui aproximadamente 5,4 mil crianças e adolescentes esperando para serem adotados. Segundo Souza (2012), o número de pretendentes à adoção é aproximadamente cinco vezes maior do que o número de crianças disponíveis para adoção. Porém, o empecilho é o perfil da criança ou adolescente que se deseja adotar, o que geralmente torna o processo demorado, principalmente em casos de adoção de bebês.

⁴ O CNA reúne informações de crianças e jovens disponíveis para adoção e pessoas que desejam adotar, objetivando agilizar os processos de adoção através do mapeamento de informações unificadas. Ele é mantido por meio do CNJ. Maiores informações, consultar <http://www.cnj.jus.br>.

Essa espera pela criança se assemelha ao período gestacional, no qual o casal começa a estabelecer a nova identidade de pai e de mãe. No caso da adoção, a gestação é psicológica, em termos de aspectos afetivos e comportamentais, e ocorre durante o período de espera da criança (Schettini, Amazonas, & Dias, 2006). Na adoção, homem e mulher esperam a criança da mesma forma, e isso os coloca em igualdade de condições: Ambos gestam psicologicamente o filho. Embora na gestação biológica também exista a “gestação psicológica”, o fato de a mulher ter a criança gerada em seu corpo a coloca em uma situação privilegiada em relação ao homem (Schettini et al., 2006).

O casal que possui filho(s) torna-se uma família, a qual pode ser pensada, segundo Cox e Paley (1997), como um sistema (grupo de indivíduos) composto por subsistemas (reagrupamentos desses indivíduos) que são interdependentes (P. Minuchin, 1985; S. Minuchin, 1982; Nunes, Silva, & Aiello, 2008). Os subsistemas são constituídos de fronteiras (limites que variam conforme sua permeabilidade) e são utilizados para definir a *estrutura familiar*, a qual é o conjunto invisível de exigências funcionais que organizam o modo pelo qual os membros da família interagem ao longo do tempo (S. Minuchin, 1982). Esses padrões de interação⁵ são denominados de padrões transacionais⁶, os quais podem ser: Relacionamento harmônico; relacionamento muito estreito ou superenvolvimento; relacionamento fundido e conflitual; aliança; relacionamento conflituoso; relacionamento vulnerável; relacionamento distante; rompimento; triangulação; e coalizão (Wendt & Crepaldi, 2008). Assim, diferentes estruturas familiares se associam a diferentes padrões transacionais que influenciarão no envolvimento paterno.

É importante esclarecer que embora exista a definição de estrutura familiar, não se classificam as famílias em estruturadas ou desestruturadas, e sim, como afirma S. Minuchin (1982), em famílias funcionais ou disfuncionais. As famílias funcionais são aquelas que possuem um funcionamento sistêmico pautado em relacionamentos harmônicos (Wendt e Crepaldi, 2008). Um dos motivos para essa mudança conceitual (de estruturada para funcional) é devido à

⁵ Os “padrões de interação familiar” serão considerados nesta dissertação como sinônimos dos “padrões de relacionamento familiar”, mas entende-se que embora se assemelham, possuem suas especificidades.

⁶ As definições dos tipos de padrões transacionais encontram-se na Tabela 1 (pág. 52).

diversidade de configurações familiares⁷ que existe na atualidade e que acaba sendo confundida com o conceito de estrutura familiar. Mantém-se o conceito de estrutura familiar, conforme S. Minuchin (1982), por ser um conceito atual, útil e abrangente, ou seja, por se referir a padrões de interação que definem como, quando e com quem as pessoas se relacionam (S. Minuchin, 1982).

Em termos de relevância social, este estudo pretende aprofundar o conhecimento sobre o envolvimento paterno, o que irá contribuir para que o pai possa desempenhar ainda melhor sua função, principalmente no caso de adoção, que é um fenômeno complexo. Além disso, a importância do pai no desenvolvimento infantil é enfatizada em diversas pesquisas (Benczik, 2011; Bossardi & Vieira, 2010; Cia, D’Affonseca, & Barham, 2004; Cia, Pamplin, & Williams, 2008; Cia, Williams & Aiello, 2005; Flouri & Buchanan, 2003; Hennigen, 2010; Hook & Wolfe, 2012; Lamb, 1997; Magill-Evans, Harrison, Rempel, & Slater, 2006; Manfroi et al., 2011; Sarkadi, Kristiansson, Oberklaid, & Bremberg, 2008), o que torna o estudo sobre o envolvimento paterno ainda mais relevante. A compreensão das relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e a estrutura familiar facilitará futuras intervenções nas relações familiares, visto que, possibilita a identificação de certas características familiares nas quais o pai demonstra maior envolvimento com seus filhos.

Do ponto de vista científico, a produção nacional sobre o envolvimento paterno com filhos adotivos ainda é reduzida. Realizou-se uma busca no mês de outubro de 2012 nos portais Scielo e Pepsic e na base de dados Index Psi (periódicos), utilizando a combinação de descritores *paternidade* e *adoção*. Como resultado, encontraram-se 11 artigos disponíveis, e, excluindo-se os duplicados (n=4), restaram somente sete artigos, o que demonstra que é um assunto pouco explorado no meio científico. Verifica-se que muitas obras sobre paternidade e adoção não são indexadas, o que contribui para o baixo número encontrado na busca realizada. A maioria das produções enfoca ou a paternidade e o envolvimento do pai com seu filho ou o contexto de adoção, o que reforça a importância de estudar essas duas temáticas associadas.

A relação entre envolvimento paterno e estrutura familiar também é pouco explorada, e, como os termos *envolvimento paterno* e *estrutura familiar* não são descritores em ciências da saúde, faz-se necessário

⁷ A configuração familiar pode ser entendida como os arranjos e disposições dos membros que compõem o núcleo familiar (Wagner et al., 2011).

pesquisar a temática com base em descritores similares, como *paternidade* e *relações familiares*. Assim, ao buscar no mês de novembro de 2012 por esses descritores (*paternidade* e *relações familiares*) nos portais e na base de dados mencionados anteriormente, encontraram-se 26 artigos disponíveis, e excluindo-se os duplicados ($n=2$), têm-se 24 artigos diferentes que relacionam paternidade com relações familiares. Contudo, as relações familiares evidenciadas em grande parte desses estudos não estão associadas aos padrões de interação familiar ao longo do tempo, e sim, a algum aspecto específico de interação ou relação familiar. Além disso, esses resultados também não se referem a famílias com filhos adotivos, o que foi confirmado quando se pesquisou a combinação de descritores *paternidade*, *adoção* e *relações familiares*, nos mesmos portais e base de dados, também no mês de novembro de 2012. Ou seja, não se encontraram obras que envolvam esses três descritores. Assim, esse estudo é relevante, pois, contribuiu para o avanço do conhecimento científico.

O envolvimento paterno é um dos temas de interesse do NEPeDI e a expectativa é de que sua investigação contribua para a produção de conhecimento sistematizado na área de concentração hoje nomeada de “Saúde e Desenvolvimento Psicológico”. Além do mais, a relação entre o envolvimento paterno em famílias adotivas e a estrutura familiar é um tema pouco explorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Diante do exposto e da relevância do tema apresentado, propõe-se a seguinte pergunta de pesquisa: *Quais as relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar?*

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a relação entre o envolvimento paterno com filhos adotivos e a estrutura familiar.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o envolvimento de pais com filhos adotivos, em termos de interação, disponibilidade e responsabilidade;
- Relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e os padrões de interação da família;
- Relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e a configuração familiar.

3. PRESSUPOSTOS

Parte-se do pressuposto da importância de conhecer o envolvimento de pais que adotaram, por se verificar que os pais de um modo geral estão mais envolvidos com os seus filhos e há poucos estudos sobre os pais que adotam. O envolvimento paterno é um fenômeno complexo, no qual não é possível estabelecer uma relação de causa e efeito (previsibilidade), e por isso, para compreendê-lo melhor, deve-se considerar a natureza dinâmica dos relacionamentos e a diversidade dos contextos em que o mesmo ocorre.

Desse modo, ao analisar a literatura, verifica-se uma relação entre o envolvimento paterno e o relacionamento conjugal, e portanto, possivelmente o envolvimento paterno esteja associado com a estrutura familiar. Ou seja, pressupõem-se que a configuração da família e os padrões de interação entre seus membros possam influenciar o envolvimento do pai com o seu filho, e que esse envolvimento possa influenciar os padrões de interação familiar.

Também se ancora no pressuposto de que o pai adotivo se envolva de forma semelhante aos pais biológicos no que se refere à interação, disponibilidade e responsabilidade. Contudo, pode haver alguma especificidade por serem pais adotivos.

Além disso, a presença da pesquisadora na realização da coleta de dados possivelmente interferiu nas respostas dos participantes. Assim, parte-se do pressuposto que não há apenas uma realidade a ser conhecida, e, sim, múltiplas versões da realidade, as quais são coconstruídas entre o participante (que fornece os dados) e a pesquisadora (que coleta, analisa e interpreta os mesmos, seguindo rigorosamente o método científico). Desse modo, como a ciência está em busca do conhecimento, para um mesmo fenômeno, a realidade pode ser múltipla, dependendo de quem observa, do foco que lhe é atribuído e da forma como é estudada.

Considerando o exposto acima, utilizou-se a perspectiva sistêmica (Vasconcellos, 2010) como pressuposto epistemológico da presente pesquisa. Portanto, considerou-se a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para a compreensão sistêmica do fenômeno.

4. HIPÓTESES

No que diz respeito aos objetivos específicos, hipotetiza-se o que segue:

Hipótese 1: O envolvimento paterno com filhos adotivos será semelhante ao que a literatura relata de pais biológicos, ou seja, na interação se destacará a brincadeira; a disponibilidade do pai será maior quando a esposa trabalhar fora de casa, e a principal responsabilidade do pai será a de provedor na família.

Base teórica que sustenta a hipótese: O envolvimento do pai com filhos adotivos será semelhante ao do pai com filhos biológicos pelo desejo de paternidade e preparação psicológica que tiveram antes de ter o filho (Schettini et al., 2006). Assim, em estudos com filhos biológicos, a interação do pai se caracteriza pela brincadeira, como os jogos físicos (Balancho, 2012; Bossardi, 2011; Lamb et al., 1985; Lamb, 1997) e sobre o tempo que o pai passa com os filhos, destacam-se as atividades em família, como sair, brincar, conversar e cantar (Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof, & Abreu, 2006). Quanto à disponibilidade, os pais se envolvem mais com seus filhos quando as mães trabalham (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997). Já quanto à responsabilidade, desconsiderando o aspecto financeiro, o pai costuma ser menos responsável que a mãe (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997).

Hipótese 2: O pai será envolvido com seus filhos em famílias pautadas por relacionamentos harmônicos.

Base teórica que sustenta a hipótese: Quando se menciona “pai envolvido”, está se referindo ao pai que participa e se preocupa com o desenvolvimento e bem-estar de seu filho (Dubeau et al., 2009). Essa participação está relacionada ao estilo emergente de paternidade, no qual o pai demonstra mais afeto pelos filhos e busca compartilhar as tarefas de cuidados dos filhos e da casa com a esposa (Cabrera & Bradley, 2012). Famílias com relacionamentos predominantemente harmônicos relatam experiência emocional de união entre seus membros que, diferenciados, sustentam sentimentos positivos um para com o outro e que possuem interesses, atitudes ou valores recíprocos (Wendt & Crepaldi, 2008). Neste tipo de família, são comuns as fronteiras serem nítidas, o que permite o apropriado funcionamento da família, pois são suficientemente definidas para permitir as funções dos subsistemas sem interferência indevida e, ao mesmo tempo, admitem contato com membros do subsistema e externos a ele (S. Minuchin, 1982). Além

disso, quando o casal possui um relacionamento harmonioso, quanto mais satisfatório for o relacionamento conjugal, maior será o envolvimento paterno (Bossardi, 2011; Wagner et al., 2005).

Hipótese 3: O envolvimento paterno será elevado em famílias compostas por pai, mãe e filho adotivo⁸ e cujo estágio do ciclo vital seja o de famílias com filhos pequenos.

Base teórica que sustenta a hipótese: Quando a família nuclear⁹ inclui pessoas da família de origem (família em que crescemos), há mais pessoas auxiliando nos cuidados das crianças (Bustamante & Trad, 2005; Jayakody & Phuong, 2013) e, por isso, os cuidados do pai podem não ser tão solicitados. Por outro lado, como os pais precisam dar conta dos cuidados de sua prole, quando a família é composta apenas pelos pais e o filho (sendo este ainda criança), pode ser que aumente o envolvimento paterno. Assim, o pai relatará diversas atividades que realiza com o filho e para o filho, como esperado no estilo emergente ou no estilo contemporâneo de paternidade (este último estilo refere-se a uma divisão igualitária de tarefas) (Cabrera & Bradley, 2012). Além disso, famílias com filhos pequenos é a fase na qual os adultos precisam cuidar da criança e fazer inúmeros novos ajustes em seu relacionamento, como a forma de divisão das responsabilidades, cuidados da criança e redistribuição de tarefas domésticas (Carter & McGoldrick, 1995).

⁸ Nesta dissertação será utilizado o termo “filho adotivo” para se referir ao filho ou a filha por adoção.

⁹ Podem ser utilizados diferentes termos para se referir à configuração familiar composta por um homem, sua mulher e seus filhos, tais como: família nuclear, original, biparental, intacta, entre outros. No presente estudo, optou-se pelo termo família nuclear por considerar que este é mais apropriado ao que se pretende abordar. Nota adaptada de Marin (2005).

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 ENVOLVIMENTO PATERNO

O processo de revisão de literatura deste capítulo será norteado com base no enfoque conceitual de envolvimento paterno adotado nesta pesquisa, o qual busca verificar a forma como o pai se relaciona com seu filho através de três dimensões (interação, disponibilidade e responsabilidade). Assim, serão brevemente comentados estudos que têm se interessado pelo pai e seu desempenho na esfera familiar e no desenvolvimento infantil.

Ressalta-se que outras dimensões de envolvimento paterno também são exploradas na literatura, como as propostas por Dubeau, Devault e Paquette (2009): Pai em interação; pai que cuida; pai afetuoso; pai responsável; pai provedor; e pai evocativo (pensa na criança). Essas dimensões foram embasadas em Lamb (1997) e consideram-se inseridas em interação, disponibilidade e responsabilidade.

O “ser pai” é um papel que está em transformação (Gabriel & Dias, 2011). Atualmente, o “padrão ideal” que vem sendo construído é o de um pai participativo e envolvido com a família e os filhos, que compartilha as responsabilidades e tarefas do lar e sobre os filhos com a mulher.

Como as vivências da paternidade podem ser múltiplas, é possível se verificar a coexistência (Wagner et al., 2005) ou alternância (Andrade et al., 2006) de padrões familiares clássicos e contemporâneos na mesma família. Nos “padrões familiares clássicos” (ou “estilo tradicional”), a mãe é a principal responsável pelas tarefas que envolvem a criação e educação dos filhos e o pai é o principal provedor. Já nos “padrões familiares contemporâneos” (ou “estilo contemporâneo”), mãe e pai (“novo homem”) dividirem as tarefas (Wagner et al., 2005).

A coexistência de padrões familiares clássicos e contemporâneos remete a um estilo emergente de paternidade (Cabrera & Bradley, 2012). Nessa direção, muitos pais de origem latina mostram-se mais engajados, responsivos e compartilham tarefas com suas esposas mais do que o esperado em uma visão tradicional de paternidade. Estudos brasileiros também têm encontrado esse estilo emergente de paternidade (Beltrame & Bottoli, 2010; Gomes, 2011).

Embora o pai esteja mais envolvido nas atividades do cotidiano familiar (quando comparado ao papel que o pai exercia em gerações anteriores), esse envolvimento ainda está ocorrendo em escala bem menor que o esperado ou desejado, e a mãe continua sendo a principal responsável pelo cuidado das crianças (Balancho, 2004; Bossardi, 2011; Fagan, 1997; Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008; Nunes & Vieira, 2009; Staudt & Wagner, 2008; Wall & Arnold, 2007) e pelas tarefas domésticas (Balancho, 2004; Bossardi, 2011; Staudt & Wagner, 2008). Nas famílias de nível socioeconômico baixo, essa divisão sexual do trabalho se faz mais clara, de modo que o pai é geralmente o provedor, e a mãe é a responsável por administrar os recursos e manter a união da família, mesmo quando é ela a provedora da casa, esse papel não é tão enfatizado do que é para o homem (Bustamante & Trad, 2005). Ou seja, mesmo que se verifique um maior envolvimento do pai, o estilo tradicional ainda se faz presente no contexto familiar contemporâneo.

Autores (Andrade et al., 2006; Balancho, 2012; Bustamante & Trad, 2005) tem afirmado que muitas vezes o papel do pai tem sido o de ajudante da mãe. Em famílias extensas isso fica mais evidente, uma vez que há mais pessoas para ajudar no cuidado dos filhos, e o pai não se faz tão necessário nesse aspecto, ressaltando-se seu papel de provedor (Bustamante & Trad, 2005). Balancho (2012) afirma, nessa direção, que os homens, em geral, não tomam a iniciativa com relação aos filhos e alega que quando se menciona um maior envolvimento do pai, o parâmetro de comparação costuma ser a mãe, ou seja, a referência é se ele é tão envolvido quanto a mãe. Porém, desse modo, esquece-se das especificidades e características que são peculiares ao homem e que os fazem diferentes das mulheres. Além disso, o homem não deve ser considerado passivo diante de seu envolvimento com seu filho, muito pelo contrário, seu envolvimento recebe influência do ambiente externo, mas depende, principalmente, de seus desejos e motivações. Assim, essa diferença entre o homem e a mulher não deve ser ignorada, e sim, considerada, pois interfere no envolvimento paterno.

O envolvimento paterno é afetado pelos seguintes fatores: Motivação, habilidades, suporte e práticas institucionais, conforme Lamb et al., (1985) e Lamb (1997). A *motivação*, relacionada ao desejo do pai se envolver nos cuidados diários dos filhos (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997; Pleck, 1997), é influenciada por sua própria história e pelo envolvimento com seu próprio pai, características da personalidade e crenças. Assim, possivelmente, o pai se envolve com seus filhos como

seu próprio pai se envolvia com ele, ou tenta compensar as faltas que percebeu no envolvimento do seu pai se envolvendo mais com seus filhos do que seu pai se envolvia com ele (Pleck, 1997).

As *habilidades* que os pais possuem em cuidar de seus filhos influenciam no envolvimento paterno. Os pais podem ser tão competentes nos cuidados das crianças quanto as mães, embora a falta de prática faça com que levem mais tempo para chegarem a um nível de competência semelhante ao evidenciado nas mães (Lamb, 1997). Mas até que ponto essas técnicas de cuidado precisam ser dominadas pelos pais? Seria necessário um mesmo nível de competência entre homem e mulher? Levanta-se esses questionamentos para indicar que embora sejam consideradas, as habilidades não devem ser limitadoras do envolvimento paterno.

Já o *suporte* se refere à aprovação e ao incentivo do envolvimento paterno por pessoas significativas, como a mãe, parentes, amigos e colegas (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997; Pleck, 1997). Assim, quando incentivado, é possível que o pai seja mais envolvido.

As *práticas institucionais* estão relacionadas ao ambiente de trabalho e relacionamento do pai com os colegas desse contexto (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997; Pleck, 1997). Sobre esse assunto, Cia e Barham (2006) afirmam que as condições de trabalho podem reduzir a participação do pai na rotina familiar. Outros estudos evidenciam que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos engajado ele é com o filho (Beltrame & Bottoli, 2010; Gomes, 2011). Silva e Piccinini (2007) também verificaram que o tempo em que o pai está disponível para os filhos está fortemente influenciado pelas exigências do trabalho dos pais. Assim, embora o trabalho possa reduzir o envolvimento direto do pai com a criança, existe o envolvimento indireto, na medida em que sendo o provedor, ele está proporcionando recursos materiais para garantir o sustento da família (e isto remete à dimensão da responsabilidade). Assim, quando os pais possuem uma extensa jornada de trabalho e acabam não ficando com os seus filhos, é importante ressaltar que pode não haver o envolvimento direto, mas o envolvimento indireto se faz presente.

Além desses fatores, as *características sociodemográficas* dos pais também são importantes correlatos do envolvimento do pai com seu filho (Cabrera & Bradley, 2012; Pleck, 1997). No que se refere às características idade e escolaridade, Souza e Benetti (2008) verificaram que a idade do pai não interfere no envolvimento paterno, mas sua escolaridade sim, ou seja, quanto maior sua formação no ensino, mais

participa nos cuidados de seus filhos. Quanto ao nível socioeconômico, Cabrera et al. (1999) afirmam que pais com maior nível socioeconômico passam menos tempo com seus filhos, mas se envolvem mais positivamente em termos de qualidade com seus filhos, quando comparados com os pais que possuem nível socioeconômico mais baixo. Bossardi (2011), por sua vez, verificou que o envolvimento paterno não apresentou relações com as variáveis sociodemográficas, mas observou que, quanto ao sexo da criança, os pais tendem a disciplinar mais os meninos.

As características sociodemográficas e o relacionamento conjugal não são destacados por Lamb (1997), de forma direta, como fatores que interferem no envolvimento do pai com seu filho, mas o autor os menciona de modo indireto, não deixando dúvidas de sua interferência sobre o envolvimento paterno. Assim, o *relacionamento conjugal* também pode ser considerado um fator que interfere no envolvimento do pai (Bossardi, 2011; Wagner et al., 2005). Outros autores também ressaltam essa relação entre envolvimento paterno e relacionamento conjugal e verificam que o pai se envolve menos, quando há uma relação conjugal problemática (Cabrera & Bradley, 2012; Falceto, Fernandes, Baratojo, & Giugliani, 2008; Pleck, 1997; Schober, 2012; Simões, Isabel, & Maroco, 2010). Porém, ao estudar o envolvimento paterno com bebês, Gabriel (2012) constatou que os pais estão bem envolvidos com seus filhos, mesmo havendo problemas conjugais. Assim, embora a mãe possa impedir o envolvimento do pai, isso nem sempre acontece, e o seu envolvimento com o filho pode ser usado como uma resposta para seu conflito conjugal (Gabriel, 2012).

Uma das formas de se verificar o envolvimento paterno é considerando a dimensão interação que pode ser analisada através do relacionamento que o pai estabelece com o seu filho. Um estudo verificou se a percepção das crianças com relação ao comportamento paterno real e ideal de cuidado difere da percepção das mesmas com relação ao comportamento materno. Verificou-se que, para as crianças, o pai real está distante do pai ideal, principalmente nos quesitos cuidado, atenção, diversão, orientação, brincadeira e carinho. Para as crianças, a mãe real se aproxima da mãe ideal, embora também esperem da mãe mais diversão e brincadeira (Goetz, 2005; Goetz & Vieira, 2009a; Goetz & Vieira, 2009b). Além disso, quando os pais não são casados, a mãe real continua próxima da mãe ideal, mas o pai real fica ainda mais distante do pai ideal, do qual as crianças esperam mais cuidados diretos e indiretos, bem como maior interação social instrutiva e calorosa

(Goetz, 2005; Goetz & Vieira, 2008; Goetz & Vieira, 2009a; Goetz & Vieira, 2009b).

Pais e mães se envolvem de maneiras diferentes com os filhos, devido a características específicas de cada sexo e os aspectos sociais e culturais (Bossardi, 2011; Manfroi et al., 2011; Prado & Vieira, 2003; Crepaldi et al., 2006). Embora o cuidado parental seja universal, o modo como vai ser desempenhado dependerá de cada cultura e de cada contexto (Bossardi, 2011). Verifica-se, na cultura ocidental, que a interação mãe-criança é predominantemente de cuidados básicos e a interação pai-criança é caracterizada pela brincadeira, como os jogos físicos (Balanchó, 2012; Lamb, 1997). Constata-se também que, quando a mãe se engaja em jogos físicos (mais realizados pelo pai), o pai aumenta o envolvimento em cuidados básicos (mais realizados pela mãe) (Bossardi, 2011). Leavell, Tamis-LeMonda, Ruble, Zosuls e Cabrera (2012) verificaram que pais de meninos se engajam mais em jogos físicos, enquanto pais de meninas se engajam mais em atividades que envolvam alfabetização. Além disso, em uma pesquisa com pais de crianças de quatro a seis anos, verifica-se que o envolvimento paterno não é igual em todas as dimensões, destacando-se o suporte emocional e a disciplina, e não tanto os cuidados básicos e tarefas da casa (Bolze, 2011; Bossardi, Gomes, Vieira, & Crepaldi, 2013).

Outra forma de se verificar o envolvimento paterno é considerando a dimensão disponibilidade. Há estudos que comparam a quantidade de tempo que os pais passam com seus filhos com a quantidade de tempo que as mães passam com os filhos. Lamb (1997) afirma que a proporção de tempo de interação do pai com seus filhos, comparado com o tempo de interação das mães com seus filhos, é de aproximadamente 33% quando a mãe trabalha, ou seja, o pai passa com seus filhos apenas 33% do tempo que a mãe permanece com os mesmos, e essa porcentagem diminui para 20 a 25%, quando as mães não trabalham. Já a proporção de disponibilidade dos pais, comparada às mães que trabalham é de 65%, mas quando a mãe não trabalha essa proporção cai para 33%. No que se refere à responsabilidade, verifica-se que os pais assumem menos tarefas relacionadas aos filhos do que as mães. Assim, quando as mães trabalham, os pais são mais envolvidos com seus filhos (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997).

Pais espanhóis e brasileiros foram perguntados sobre o tempo que passam com seus filhos durante a semana. Os primeiros despendem uma média de 18 horas, enquanto os brasileiros passam uma média de 21 horas com seus filhos. Em geral, eles gostariam de passar mais tempo

com os filhos e tanto os brasileiros quanto os espanhóis têm menos tempo a sós com o filho do que gostariam (Staudt & Wagner, 2011). Outro estudo, sobre o tempo que o pai passa com os filhos, revelou que se destacam as atividades que ele realiza com as crianças e com a esposa, como sair, brincar, conversar e cantar (Crepaldi et al., 2006).

Há ainda uma terceira dimensão para verificar o envolvimento paterno, que é através da responsabilidade. Uma das funções que parece ser compartilhada entre o pai e a mãe são as tarefas de casa (Bossardi, 2011). Wagner et al. (2005) afirmam que a nutrição e o acompanhamento do cotidiano dos filhos ainda aparecem como trabalho feminino, mas que, em geral, ambos os pais compartilham tarefas como o exercício da disciplina, o suporte afetivo, a educação básica em termos de higiene, o compromisso com a escola e o sustento econômico.

O estudo de Silva e Piccinini (2007) reforça que os pais podem ter uma ampla participação na vida dos seus filhos, não restringindo seu envolvimento ao sustento financeiro, passeios ou brincadeiras. Os pais do estudo participavam do cuidado básico dos filhos e compartilhavam com suas esposas as responsabilidades pelos filhos. Assim, a participação do pai no desenvolvimento infantil pode ser definida tanto em termos de contribuição direta (como se responsabilizando pela higiene e alimentação da criança) quanto indireta (como se envolver nas tarefas domésticas) (Manfroi et al., 2011).

Considerando a participação que o pai pode ter na vida dos filhos, é importante estudar o envolvimento paterno no contexto da adoção, uma vez que esta é uma possibilidade de o homem exercer sua paternidade. A seguir, serão exploradas as peculiaridades da adoção e dos pais que adotam uma ou mais crianças.

5.2 PAI E ADOÇÃO

Práticas relativas à adoção existiram em todas as épocas históricas (Andrade et al., 2006; Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Contudo, suas significações, práticas e regulamentações legais têm passado por alterações ao longo da história (Andrade et al., 2006; Costa & Rossetti-Ferreira, 2007; Ladvocat, 2009). Com relação às definições de adoção, as mesmas têm variado ao longo do tempo e são, em sua maioria, jurídicas (Weber, 2001). A adoção pode ser compreendida como acolher uma criança abandonada e torná-la filha (Weber, 2005).

Conforme Weber (2003), existem duas formas de adoção no Brasil: A *adoção legal*, a qual é realizada através dos Serviços de

Adoção dos Juizados da Infância e da Juventude, e a *adoção informal*, também chamada de *adoção à brasileira* (ou *adoção direta*), que é quando uma pessoa registra uma criança nascida de outra mulher como filho legítimo, por meio de um falso registro em cartório. Considerando o elevado número de adoções à brasileira que existem no Brasil, muitas delas realizadas completamente em segredo, não há como saber o número total de famílias adotivas ou se existe uma maior concentração em determinadas regiões do país (Weber, 2001). A família adotiva é substituída da família biológica, o que é diferente do que geralmente ocorre no caso dos chamados *filhos de criação*, os quais permanecem com a certidão de nascimento inalterada e possuem uma filiação adotiva, pois, na maioria das vezes, mantêm contato com sua família biológica (Gagno & Weber, 2002).

É importante deixar claro que a *adoção clássica* preocupava-se em suprir as necessidades e interesses dos casais, não sendo o principal objetivo encontrar um lar para as crianças abandonadas. Assim, pensando nos aspectos históricos da adoção, a mesma em seus primórdios tinha o objetivo de deixar descendência a quem não possuía filhos biológicos. Ainda hoje, este é o tipo de adoção que predomina no Brasil, em detrimento da *adoção moderna* que busca garantir o direito de toda criança crescer e ser educada por uma família (Weber, 2001, 2005).

Constata-se que os pais que desejam adotar são em sua maioria casados, de cor branca, e que não possuem filhos biológicos (Weber, 2001, 2003). Rangel (2007) ressalta que pessoas jovens (em torno de 30 anos) que desejam adotar possuem uma “motivação” mais biológica (querer um filho e não conseguir tê-lo naturalmente) e desejam adotar crianças até dois anos (“adoção tradicional”), enquanto as pessoas mais velhas (em torno de 50 anos) apresentam uma “motivação” mais social e não se mostram tão criteriosas em suas preferências, havendo um maior número destas adotando crianças com mais idade (“adoção tardia”).

No entanto, a maior demanda para a adoção ainda é de casais jovens com problemas de infertilidade (Schettini et al., 2006). Assim, a família adotiva, na maioria das vezes, constitui-se a partir do encontro do sofrimento da criança (que não ficou com sua família biológica) e do casal (quando infértil, que não conseguiu ter filhos biológicos) (D’Andrea, 2002). Além da infertilidade, outro luto que precisa ser elaborado pelo casal são as dúvidas e incertezas sobre a capacidade de acolher como filho uma criança que não foi por eles gerada. Assim, com

o desejo de ter um filho, o projeto de adoção revela também receio por parte dos candidatos (Levy, Dinana, & Pinho, 2009).

A adoção faz com que a criança encontre uma nova família, e que o casal possa exercer sua parentalidade. Desse modo, a adoção é um dos caminhos possíveis para se constituir uma família (Schettini et al., 2006). Da mesma forma como os pais biológicos, os pais adotivos também constroem uma criança idealizada que será confrontada com a criança real (Costa & Kimmelmeier, 2013; Levy et al., 2009). Em contraponto, há pais que não idealizam e alegam que desejarão a criança que vier (Costa & Kimmelmeier, 2013). Verifica-se também que pais adotivos violam mais facilmente suas expectativas e idealizações, ou seja, desejam, por exemplo, uma menina, mas pode vir um menino, desejam uma criança branca, mas pode vir uma morena (Moyer & Goldberg, 2011).

Existe preferência pela adoção de bebês, principalmente pela crença de que estes não trarão lembranças de sua vida antes da adoção (Ladvoat, 2009; Schettini et al., 2006; Weber, 2003), e por esperarem que estes se apeguem mais facilmente aos novos pais (Schettini et al., 2006). O desejo em adotar um bebê também pode significar o desejo de que a adoção não fique tão evidente e aponte a impossibilidade de os pais terem filhos biológicos. Possibilita, também, que os pais adotivos possam vivenciar praticamente todas as experiências e fases de seu filho desde o começo, principalmente quando se trata de adoção de recém-nascidos. Além disso, adotar um recém-nascido pode ser também um desejo de minimizar a carga genética pela imposição da educação que os pais darão ao filho adotivo (Weber, 2003). Constata-se, nessas justificativas, um desejo de os pais “dominarem” seus filhos.

Além dessa preferência por bebês, há também uma preferência por bebês de cor branca, saudáveis e do sexo feminino (Costa & Campos, 2003; Weber, 2001, 2003). Porém, segundo o CNA, estima-se que, das crianças que estão disponíveis para adoção, aproximadamente 46,5% são pardas, 34,5% são brancas e 19% são negras. Além disso, aproximadamente 77% dessas crianças têm irmãos, sendo 36% com o mesmo também inscrito no CNA. As pessoas que desejam adotar buscam, em sua maioria (82%), apenas uma criança, e apenas 18% estão dispostos a adotar irmãos. Com relação à raça, 90,9% dos pretendentes aceitam adotar brancos, 61,8%, pardos e 34,9%, negros (Souza, 2012). Assim, o perfil de criança desejado é o que geralmente torna o processo de adoção demorado.

Com a adoção, a família que ganha mais um membro deve se reorganizar e renegociar os papéis e funções de seus membros (Marchetto, 2010). Essas transformações nas relações familiares ocorrem tanto na família nuclear quanto na família de origem (Marchetto, 2010). Trata-se cotidianamente de um “fazer” família (Jones & Hackett, 2011). Essa renegociação é evidenciada na narrativa de um pai adotivo de um estudo realizado por Costa e Rossetti-Ferreira (2009) o qual afirma que sua paternidade é coconstruída na sua relação com seus filhos, o que reforça que a paternidade do pai adotivo tem uma função mais centrada nos aspectos sociais, emocionais e educativos, em detrimento do biológico (Balacho, 2012). Diante dessa afirmação questiona-se: Qual paternidade que não é construída com o filho? Pai adotivo, pai biológico ou padrasto: Nenhum deles nasceu “pai”, todos tornaram-se pais.

Pode-se afirmar que se verificam três momentos do processo de adoção: 1º) anterior à habilitação (certificado oferecido por uma autoridade judiciária que confere a possibilidade em adotar), no caso dos casais inférteis, o desejo por “gerar um filho” precisa ser substituído pelo desejo em ser pai ou mãe (“criar um filho”), mas nesse momento ainda prevalece a busca por semelhança física com a criança que será adotada; 2º) habilitados, pais esperam pela criança; 3º) período pós-adoção, no qual as ansiedades giram em torno do contar sobre a adoção e do receio das “marcas” que a criança traz de seus pais biológicos (Levy et al., 2009).

Sánchez (1996), em seu estudo, revela que as famílias com filhos adotivos apresentam grande escore em afeto e comunicação, mais demonstrado pelas mães do que pelos pais, e essa demonstração de afeto parece se reduzir conforme a idade dos filhos vai aumentando. Também se encontrou correlação positiva entre a idade dos pais e a idade dos filhos, de modo que os filhos que apresentam mais problemas de conduta são os que possuem os pais mais velhos, e são também os que menos recebem afeto e mais recebem disciplina. O estudo revelou que pais mais jovens são mais afetivos do que pais mais velhos. Contudo, verifica-se que as manifestações de afeto nos pais aumentam conforme o nível de escolaridade dos mesmos, ou seja, pais com maior escolaridade demonstram mais afeto aos seus filhos do que pais com níveis de escolaridade mais baixo. Além disso, o estudo constatou que as famílias adotivas também valorizam a existência de normas na educação de seus filhos, e as tarefas educativas são mais desempenhadas pelos pais.

Ressalta-se que esses achados são importantes e necessários em todas as famílias, não apenas nas famílias adotivas.

Além disso, como mencionado anteriormente, por não haver gestação biológica, homem e mulher estão em “pé de igualdade”, o que pode aumentar o envolvimento paterno (Schettini et al., 2006). Andrade et al. (2006) também afirmam que como o pai adotivo não tem de romper a excessiva proximidade da mãe com a criança por não ter havido gestação ou amamentação, isso o coloca em maior igualdade com relação aos cuidados da criança. Sabe-se, porém, que pode haver grande aproximação da mãe com a criança e esta pode amamentar, independentemente da gestação.

Há autores, porém, que possuem uma visão diferente a respeito de um pai não biológico envolvido, os quais discutem, sob a perspectiva evolucionista, o chamado *Efeito Cinderela*. Esse fenômeno se baseia em estudos epidemiológicos com grandes amostras, e se refere à hipótese das taxas de abuso e exploração serem mais elevadas em filhos não biológicos do que em filhos biológicos (Daly & Wilson, 2007a). Como cada filho e cada pai são únicos e possuem suas especificidades, diferentes níveis de análise devem ser considerados. Esse fenômeno é baseado em dados gerais coletados nos estudos, e não a casos particulares, visto que muitos pais não biológicos podem cuidar de modo exemplar de seus filhos.

Sobre o Efeito Cinderela, Daly e Wilson (2005, 2007a) mencionam diversas pesquisas para exemplificar a existência de uma discriminação parental contra filhos não biológicos. Ou seja, que os mesmos são menos investidos e sofrem mais violência que filhos biológicos, independentemente do registro marital da mãe da criança com o pai não biológico.

Um desses estudos alega que os padrastos abusivos tendem a poupar seus próprios filhos, o que reforça a ideia de que os seres humanos são programados para proteger a prole que carrega sua genética, o que justifica a alta taxa de abusos cometidos por padrastos, mas dificulta o entendimento dos padrastos que não abusam. Além disso, verifica-se que os padrastos passam menos tempo com as crianças e brincam menos que os pais biológicos, e os enteados se machucam mais porque são menos monitorados e protegidos, sofrendo, de modo geral, uma alta taxa de mortalidade. Porém, essa elevada taxa de violência em enteados não implica necessariamente que o relacionamento com o padrasto seja o fator causal, ou seja, outros

fatores podem interferir e provocar essa maior taxa de violência em famílias com enteados (Daly & Wilson, 2007a).

Embora os enteados fiquem sujeitos a taxas elevadas de abuso e homicídio, esses resultados não são típicos. Daly e Wilson (2007a) citam estudos controversos, os quais mostram a limitação da generalização do Efeito Cinderela, mas alegam que não há razões para duvidar de sua existência. Também afirmam que provavelmente a maioria dos padrastos tem contribuições positivas a seus enteados, e que a maioria dos enteados e dos padrastos avalia seu relacionamento como sendo um pouco positivo.

Em seus estudos, Daly e Wilson (2005, 2007a, 2007b) mencionam a figura do padrasto, mas deixam claro que o fenômeno não ocorre apenas com os padrastos, uma vez que o Efeito Cinderela se refere aos cuidadores que não sejam os pais biológicos. No entanto, é importante salientar que existem especificidades com relação aos padrastos e pais adotivos. Uma dessas especificidades é o fato de o padrasto ter grande interesse na mãe da criança, e não necessariamente na criança. Ele não ficou com a mãe da criança por causa da criança, mas tem a criança por estar com a mãe da mesma. No caso dos pais adotivos, fica evidente o desejo da parentalidade, logo, é esperado um maior envolvimento nesses filhos que foram geralmente tão desejados. Além disso, Daly e Wilson (2007a) verificam que crianças de relacionamentos anteriores aumentam as chances de divórcio do casal, enquanto crianças do relacionamento atual reduzem essas chances.

Daly e Wilson (2007b) verificaram que o Efeito Cinderela sofre alterações no caso dos pais adotivos. Um dos motivos pode ser pelo fato de, em muitas culturas, os pais adotivos serem parentes biológicos próximos da criança adotada. Outro motivo pode ser porque os pais adotivos geralmente não possuem seus próprios filhos, ou não possuem o filho do sexo que desejam. Um terceiro motivo é o fato de os pais terem recursos para manterem uma criança, mas sendo inférteis, não possuem seu próprio filho, e por isso, ao adotarem, terão pelo menos uma criança. Além disso, embora a adoção seja algo recente, cuidar de um filho não biológico ocorre desde a Antiguidade, o que também é verificado em alguns animais, os quais cuidam de filhotes que não são seus (Daly & Wilson, 2007a).

De qualquer forma, verifica-se que embora seja diferente do padrasto, o pai adotivo também difere do pai biológico. Glover, Mullineaux, Deater-Deckard e Petrill (2010), em seu estudo com famílias que possuem filhos adotivos e biológicos, verificaram que os

pais acabam percebendo o comportamento dos filhos adotivos de modo mais negativo/menos positivo, quando comparado com a percepção do comportamento dos filhos biológicos. Mas com relação aos sentimentos de pais e mães para com esses filhos, não se verificou diferença entre o filho biológico e o adotivo.

Desse modo, foram trazidas essas pesquisas, discussões e reflexões para se atentar a tais aspectos, ao se estudar o pai adotivo. Assim, como se pretende relacionar o envolvimento paterno com a estrutura familiar, serão utilizados os fundamentos epistemológicos do pensamento sistêmico, uma vez que é uma perspectiva bastante adequada para descrever de modo contextualizado a família se desenvolvendo ao longo do tempo (Pinheiro, Crepaldi, & Cruz, 2012).

5.3 A ESTRUTURA FAMILIAR NA PERSPECTIVA SISTÊMICA

Nesta pesquisa, partiu-se dos pressupostos da perspectiva sistêmica: Complexidade, instabilidade e intersubjetividade (Vasconcellos, 2010). Ou seja, partiu-se do pressuposto da complexidade, que afirma que homem e contexto se influenciam mutuamente, e assim, há a necessidade de ampliação do foco a ser estudado, como por exemplo, não olhar apenas para o envolvimento paterno, mas verificar o contexto familiar em que ele ocorre, e compreender que há uma causalidade circular recursiva dos fenômenos. Além disso, o pressuposto da instabilidade se refere ao fato de que não é possível prever os fenômenos, e nem controlá-los, e essa compreensão contribuiu para o estudo dos fenômenos investigados, ou seja, contribuiu para a análise e discussão dos mesmos. O terceiro pressuposto, chamado pressuposto da intersubjetividade, alude à presença da pesquisadora no contexto de pesquisa, e que as versões da realidade são coconstruídas. Por isso, ressalta-se que o conhecimento sobre um mesmo fenômeno pode ser múltiplo, dependendo de quem o observa.

O pensamento sistêmico contribuiu para a compreensão de que com as modificações nas funções e nas relações familiares, as quais estão diretamente relacionadas às mudanças vivenciadas pela sociedade, o conceito de família foi ampliado (Wagner, Tronco, & Armani, 2011). É difícil pensar em um único conceito de família devido à diversidade de configurações familiares, as quais proporcionaram uma diversidade de conceitos de família (Böing, Crepaldi, & Moré, 2008).

A família, na perspectiva sistêmica, é definida como um sistema complexo e dinâmico composto de indivíduos, ou seja, um grupo de

pessoas que conviveu por tempo suficiente para ter desenvolvido padrões de interação e histórias que explicam esses padrões de interação (S. Minuchin et al., 2008). Esses padrões de interação ao longo do tempo constituem a estrutura familiar (S. Minuchin & Fishman, 1990), já mencionada anteriormente, que orienta os membros da família a se adaptar às regras familiares, definindo os papéis e as funções de cada um (S. Minuchin, 1982; S. Minuchin et al., 2008).

Para Minuchin (1982), cada sistema familiar engloba vários subsistemas, os quais são os reagrupamentos dos membros da família que estabelecem uma comunicação distinta da usada no sistema principal. Ou seja, são unidades dentro do sistema familiar em que cada indivíduo é um subsistema de sua família.

São os subsistemas que irão diferenciar e propagar as funções da família. Cada membro da família pertence a diferentes subsistemas, nos quais possui diferentes níveis de poder e aprende habilidades diferenciadas (S. Minuchin, 1982). Assim, pode-se encontrar o subsistema conforme a idade/geração (como o subsistema de adultos e de crianças), gênero (como o subsistema masculino ou feminino), tarefas/funções (como o subsistema parental ou fraternal) e conforme os laços de sangue em famílias mistas (como “os filhos dele” e “os nossos filhos”) (S. Minuchin et al., 2008).

Dessa forma, tem-se, por exemplo, os subsistemas conjugal (holon conjugal), fraterno (holon fraterno) e parental (holon parental). Com relação a este último subsistema, ressalta-se a importância de os pais nutrirem, protegerem, orientarem e controlarem seus filhos, elementos estes que devem ocorrer proporcionalmente às necessidades de desenvolvimento da criança e da capacidade dos pais (S. Minuchin, 1982).

Esses subsistemas podem ser descritos como cercados de limites que variam conforme sua permeabilidade (S. Minuchin et al., 2008). Esses limites são conceituados de fronteiras, as quais são as regras que definem quem participa daquele subsistema e como participa (S. Minuchin, 1982). A interação entre os membros de uma família podem ser compreendidas ao longo de um *continuum* no qual em uma das extremidades estão as fronteiras difusas, na outra extremidade as fronteiras excessivamente rígidas, e no meio, as fronteiras nítidas.

Assim, as fronteiras nítidas permitem o apropriado funcionamento da família, pois são suficientemente definidas para permitir as funções dos subsistemas sem interferência indevida e, ao mesmo tempo, admitem contato com membros do subsistema e externos

a ele. As fronteiras difusas são frágeis e dizem respeito a um estilo de interação emaranhado, ou seja, grande preocupação entre os membros da família, distância reduzida, comunicação aumentada, há renúncia de autonomia, um membro afeta imediatamente os demais, e qualquer nível de estresse ressoa rapidamente em outros subsistemas, ativando o apoio dos membros familiares. Assim, nessas famílias, para qualquer variação do habitual, os membros respondem rapidamente e de forma intensa. As fronteiras excessivamente rígidas estão associadas ao estilo desligado de interação, ou seja, a comunicação pode se tornar difícil, as funções protetoras podem ficar prejudicadas, tolera uma larga amplitude de variações individuais, mas somente um nível elevado de estresse ativa os sistemas de apoio da família. Nessas famílias, é comum não responderem a uma demanda da família, mesmo quando uma resposta é necessária (S. Minuchin, 1982).

As famílias precisam se organizar para se ajustar aos preceitos socioculturais para o comportamento de seus membros, os quais são alterados com o crescimento dos indivíduos e com as modificações que vão sofrendo (S. Minuchin et al., 2008). Assim, o desenvolvimento do indivíduo está inserido no desenvolvimento da família, relacionado ao que culturalmente se espera dos comportamentos de cada indivíduo em diferentes estágios do *ciclo vital familiar* (Carter & McGoldrick, 1995). Por exemplo, o grande envolvimento das famílias com filhos pequenos pode não ser adaptativo em famílias com filhos adolescentes, os quais necessitam de uma maior autonomia.

Deste modo, o ciclo vital familiar são as etapas pelas quais as famílias passam, desde a sua constituição até a morte das pessoas que a iniciaram. Essas etapas são definidas conforme critérios como idade, tempo de união e entrada e saída de membros (Cerveny & Berthoud, 2009). Mesmo que o ciclo vital proposto por Carter e McGoldrick (1995) tenha sido elaborado com base no contexto das famílias americanas, essa proposta de ciclo vital é a mais utilizada na literatura nacional. Essas autoras dividem as etapas do ciclo vital da seguinte forma: O lançamento do jovem adulto solteiro; a união das famílias através do casamento: O novo casal; tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos; transformação do sistema familiar na adolescência; lançando os filhos e seguindo em frente; e a família no estágio tardio da vida. Já para Cerveny e Berthoud (2009), as quais estudam as famílias brasileiras paulistas, o ciclo vital familiar é composto por quatro fases: Fase da aquisição; família adolescente; fase madura; e fase última.

Considerando o ciclo vital proposto por Carter e McGoldrick (1995), o estágio “tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos” é a fase na qual os adultos precisam cuidar da criança e fazer inúmeros novos ajustes em seu relacionamento, como a forma de divisão das responsabilidades, cuidados da criança e redistribuição de tarefas domésticas. Esse estágio corresponde à fase de aquisição proposta por Cerveney e Berthoud (2009), as quais afirmam que essa fase corresponde à aquisição da parentalidade, e vai desde a união do casal até a entrada dos filhos na adolescência.

Como em cada fase há tarefas desenvolvimentais, a família está em constante ajustamento e modificação, para melhor se adequar às necessidades de seus membros (S. Minuchin & Fishman, 1990; S. Minuchin et al., 2008). Dessa forma, a família é um sistema social, vivo e aberto (Chacon, 2011; S. Minuchin, 1982), que incorpora novos membros por meio do nascimento, adoção ou casamento (Carter & McGoldrick, 1995).

Assim, os padrões de interação (padrões transacionais) entre os membros da família podem ser modificados ao longo do tempo. Isso permite a continuidade da família e a diferenciação (individualidade/maturação) de seus membros (P. Minuchin, 1985; S. Minuchin, 1982; Wendt & Crepaldi, 2008). Segundo Wendt e Crepaldi (2008), são padrões transacionais: Relacionamento harmônico; relacionamento muito estreito ou superenvolvimento; relacionamento fundido e conflitual; aliança; relacionamento conflituoso; relacionamento vulnerável; relacionamento distante; rompimento; triangulação; e coalizão. Esses padrões e seus conceitos estão dispostos na Tabela 1.

Para estudar a estrutura das famílias, pode-se, dentre outras formas, construir um genograma familiar ou elaborar um mapa estrutural, também chamado de mapa familiar. O genograma ou genetograma, conforme Wendt e Crepaldi (2008), é uma representação gráfica do sistema familiar, no qual se sintetizam os dados da família, como a configuração familiar, a sua história transgeracional, crenças, valores, formas de relacionamento e etapa do ciclo vital. O genograma é elaborado com base em uma entrevista semiestruturada que alterna questionamentos e comentários empáticos, visto que algumas questões podem gerar desconforto. Propõe-se, para a elaboração do genograma: Incentivo à comunicação; destaque e clarificação de conteúdos; e apoio. Além disso, para a elaboração do genograma, é importante que não seja seguida uma ordem previamente estabelecida, para não haver uma

mudança brusca de assunto, e que essa elaboração seja realizada com os informantes (Wendt & Crepaldi, 2008).

Tabela 1
Padrões transacionais e seus conceitos, conforme Wendt e Crepaldi (2008)

Padrões transacionais	Conceito
Relacionamento harmônico	Refere-se à experiência emocional de união entre membros da família que, diferenciados, sustentam sentimentos positivos um para com o outro e que possuem interesses, atitudes ou valores recíprocos.
Relacionamento muito estreito ou superenvolvimento	No qual não há diferenciação entre os membros, logo, verifica-se dependência emocional.
Relacionamento fundido e conflitual	No qual existe estreita dependência emocional e conflitos constantes entre os membros familiares, não havendo diferenciação entre os mesmos.
Aliança	Indica uma ligação baseada nas lealdades que interferem, também, no processo de diferenciação.
Relacionamento conflituoso	No qual há atritos constantes que ocasionam ansiedades e desavenças trazidas pela dificuldade de comunicação.
Relacionamento vulnerável	No qual não há conflito explícito, mas o mesmo pode ocorrer em situações adversas.
Relacionamento distante	No qual há pouco contato principalmente de ordem emocional, comum em famílias com fronteiras rígidas.
Rompimento	No qual, embora se mantenha uma ligação emocional, não há contato entre os membros.
Triangulação	É a configuração emocional de três pessoas, na qual a pessoa triangulada alivia a tensão da díade, assim, em situação de ausência de conflito explícito apresenta insegurança ou sofrimento emocional, e quando o conflito é explícito pela díade, a pessoa triangulada encontra-se aliviada.
Coalizão	É a aliança de duas pessoas contra uma terceira.

O mapa familiar é construído com base nos subsistemas, fronteiras e formas de relacionamento e é avaliado considerando-se dois

aspectos: A “forma” da família e seu “desenvolvimento”. A forma da família, ou o modo como esta se configura, está relacionada aos seus aspectos sociodemográficos, ou seja, se é, por exemplo, uma família nuclear tradicional, monoparental, expandida, homoafetiva ou mista. Diferentes formas de famílias remetem a diferentes funções sobre os seus membros. Assim, uma estrutura familiar adaptativa para uma forma de família pode não ser adaptativa para outra. Um exemplo disso é a proximidade entre mãe e filho: Ela pode ser indesejável em uma família com ambos os pais, porque poderá afastar o pai (S. Minuchin et al., 2008). Já o desenvolvimento da família se refere ao ciclo vital familiar, mencionado anteriormente.

Portanto, pensar sistemicamente implica reconhecer a pessoa em seu contexto, sem desconsiderar seus processos intrapsíquicos (Böing, Crepaldi, & Moré, 2009; Moré, Crepaldi, Golçalves, & Menezes, 2009). Assim, são várias as teorias que podem contribuir na investigação do contexto no qual a pessoa está inserida, dentre elas, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Böing et al., 2008).

5.4 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano tem como principal expoente Urie Bronfenbrenner. Ela é a principal teoria utilizada para a compreensão do desenvolvimento na abordagem sistêmica (Schultz et al., 2012), pois destaca a relevância e a influência dos ambientes ecológicos no desenvolvimento do ser humano (Johnson, 2008).

Essa teoria foi reformulada e reestruturada (Prati, Couto, Moura, Poletto, & Koller, 2005). O seu primeiro modelo teórico, chamado Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano, enfocava principalmente o ambiente. Com a evolução e ampliação da teoria, Bronfenbrenner considerou quatro aspectos inter-relacionados, o que ficou conhecido como Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT). Essas alterações levaram ao Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano e, atualmente, à Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Prati et al., 2005).

A epistemologia da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, ou seja, a teoria geral acerca do modo de produzir conhecimento, é construtivista-interacionista. Isso se justifica porque o

conhecimento é entendido como uma construção social e o que é visto como ‘realidade’ depende, em parte, da cultura, da história e do poder que está em jogo no momento. Não há, portanto, uma única realidade para ser conhecida, mas múltiplas realidades (Tudge, 2008, p. 2).

Assim, para serem estudadas, as pessoas não podem ser separadas dos contextos em que estão inseridas, e o conhecimento é obtido por meio de um processo coconstrutivo que envolve o pesquisador e o participante da pesquisa (Tudge, 2008). Desse modo, para considerar essa visão mais contextualizada do sujeito, seguem abaixo os quatro elementos PPCT da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

5.4.1 Processo

No modelo PPCT, os indivíduos são observados em função dos processos de interação, relacionados às características da pessoa e do contexto. Assim, os indivíduos não são mais observados em função do ambiente, como ocorria na teoria ecológica.

Essa perspectiva teórica afirma que o desenvolvimento ocorre ao longo do tempo através de processos de interação recíproca progressivamente mais complexos entre a pessoa em desenvolvimento e o contexto (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 1994, 1999; Prati et al., 2005). Essa interação se refere aos *processos proximais*, os quais envolvem transferência de energia entre o ser humano em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos do ambiente (Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 1994; Prati et al., 2005).

Os processos proximais são os produtores do desenvolvimento e podem ser diferenciados em dois principais tipos de resultados: Competência (aquisição e desenvolvimento de conhecimento, habilidade ou capacidade de governar o próprio comportamento) e disfunção (dificuldades em controlar o comportamento em diferentes situações e domínios do desenvolvimento). A exposição é um dos fatores indiretos que interfere no resultado, e ela pode ser avaliada através da duração, da frequência, se é previsível ou se ocorre interrupção, o momento em que ocorre e através da intensidade da exposição (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

A forma, o poder, o conteúdo e a direção dos processos proximais que produzem o desenvolvimento variam sistematicamente como uma

função de um conjunto de características da pessoa em desenvolvimento, do contexto ambiental, das continuidades e mudanças que ocorrem ao longo do tempo, o período histórico, e a natureza dos resultados desenvolvimentais (Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 1994, 1999). Desse modo, o envolvimento do pai com o seu filho irá receber influências de um conjunto de variáveis como as características do próprio filho, do contexto em que estarão inseridos e do período histórico, as quais irão direcionar a forma como o mesmo irá se envolver, o conteúdo e até mesmo a intensidade desse envolvimento, ou o tempo que esse pai irá interagir com o seu filho.

Os processos proximais são fundamentais para o desenvolvimento das capacidades biológicas e do potencial genético de cada pessoa, pois possibilita que os recursos pessoais sejam estimulados e desenvolvidos (Bronfenbrenner & Ceci, 1994). Para que esses processos proximais ocorram, faz-se necessária a presença dos seguintes aspectos: 1) a pessoa precisa se engajar em uma atividade; 2) essa atividade precisa ocorrer regularmente ao longo do tempo; 3) a atividade deve ser cada vez mais complexa; 4) as relações interpessoais devem ser recíprocas; 5) os processos proximais não são limitados às interações interpessoais, pois podem envolver a interação com objetos e símbolos (Bronfenbrenner, 1999). Dessa forma, para que o envolvimento paterno ocorra, o pai precisa, por exemplo, interagir com a criança, essa interação precisa ocorrer com certa regularidade, deve ser recíproca e cada vez mais complexa.

5.4.2 Pessoa

O ser humano é um ser biológico e psicológico que interage constantemente com seu contexto, e é produto desta interação (Bronfenbrenner, 2005). Essa interação é dinâmica e não linear e se altera ao longo do tempo. Bronfenbrenner também ressalta o ser humano como ativo em seu desenvolvimento, pois não apenas recebe influências do ambiente, mas o influencia (Sifuentes, Dessen, & Oliveira, 2007). Essa influência também pode ser passiva, já que a pessoa altera o ambiente apenas por estar inserida nele (Tudge, 2008). Se um membro de uma díade sofre uma mudança no desenvolvimento, é possível que o outro também mude (Bronfenbrenner, 1996).

Bronfenbrenner também reconheceu a relevância dos aspectos genéticos da pessoa e ressaltou que as características das pessoas influenciam os processos proximais e atuam no desenvolvimento

(Tudge, Mokrova, Hatfield, & Karnik, 2009). Essas características são divididas em três tipos: *Demanda* que favorece ou desencoraja as reações do ambiente, proporcionando ou não os processos proximais, ela se refere aos “estímulos pessoais” que influenciarão as interações, como a aparência física; *recurso* que são as experiências, habilidades e inteligência bem como os recursos materiais da pessoa, necessários para o funcionamento eficaz dos processos proximais no desenvolvimento da pessoa; e *disposição*, o qual movimenta e sustenta os processos proximais, alude às diferenças de temperamento, motivação, persistência e gostos (Tudge et al., 2009; Yunes & Juliano, 2010). Assim, aspectos físicos (como cor da pele, deficiência física, entre outros) do pai, habilidades (como saber dar banho no filho), experiência (como já ter tido outro filho), temperamento (ser calmo, irritado, entre outros), motivação (como desejar estar com o filho) e gostos (como gostar de crianças ou preferir sair com os amigos), por exemplo, poderão fazer com que o mesmo se envolva mais ou menos com o seu filho.

5.4.3 Contexto

O contexto influencia o desenvolvimento em termos de extensão e suas consequências. A relação da pessoa com o ambiente é multidirecional, ou seja, influenciam-se mutuamente (Prati et al., 2005). O ambiente se refere ao contexto social maior e não apenas ao ambiente no qual a pessoa está inserida (Cerqueira-Silva, Dessen, & Júnior, 2011). Ele é fundamental no desenvolvimento e é compreendido em termos físicos, sociais e culturais (Prati et al., 2005).

O contexto foi subdividido em quatro níveis de interação: Microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. Como a pessoa está inserida em mais de um microssistema, Bronfenbrenner descreveu a relação entre os mesmos (Tudge et al., 2009). Além disso, as propriedades das pessoas e dos ambientes e os processos que neles ocorrem também estão interconectados (Bronfenbrenner, 1996).

O microssistema é o ambiente imediato onde a pessoa se encontra e no qual ocorrem as interações face a face. Está também relacionado às atividades, papéis sociais e relacionamentos interpessoais vivenciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas (Bronfenbrenner, 1994, 1996, 1999). Os papéis sociais são definidos como uma série de atividades e relações que se espera de uma pessoa em uma determinada

situação em relação à outra pessoa (Bronfenbrenner, 1996). Um exemplo de microsistema é o pai interagindo com o filho em casa, ou os filhos brincando no parque da escola.

O mesossistema compreende a relação entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente (Bronfenbrenner, 1996). É um sistema de microsistemas (Bronfenbrenner, 1994). Como exemplo, têm-se as relações que o pai estabelece com sua família, trabalho e amigos, ou seja, com diferentes microsistemas.

O exossistema compreende a relação entre dois ou mais ambientes, sendo que em um deles não há participação ativa da pessoa em desenvolvimento. Porém, os eventos que acontecem nesse ambiente influenciam indiretamente os contextos imediatos nos quais se encontra a pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1994, 1996). Um exemplo de exossistema, tendo como foco a criança, é a influência que o trabalho do pai exerce em seu desenvolvimento, ou seja, embora a criança não esteja no ambiente do trabalho do pai, este ambiente influencia seu relacionamento com seu pai e, conseqüentemente, em seu desenvolvimento. Outro exemplo, tendo como o foco o pai, seria a influência do trabalho da esposa, que irá influenciar o relacionamento do casal, o qual afeta o pai e seu envolvimento com seus filhos.

O macrosistema se refere aos sistemas de ordem inferior interconectados (micro-, meso- e exo-) que existem ou poderiam existir dentro de uma cultura ou subcultura (Bronfenbrenner, 1996). Refere-se também aos estilos de vida, costumes, sistemas de crenças, entre outros (Bronfenbrenner, 1994; Sifuentes et al., 2007). Como exemplo, têm-se os aspectos culturais que influenciam na forma como o pai irá se envolver com o filho.

5.4.4 Tempo

Deparando-se com a questão do tempo, Bronfenbrenner (1994) desenvolveu o conceito de cronossistema, inserindo uma terceira dimensão no ambiente. O cronossistema examina as influências do tempo no desenvolvimento da pessoa e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo no ambiente (Bronfenbrenner, 1994; Prati et al., 2005).

O cronossistema é dividido em microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo se caracteriza por ocorrer durante o curso de uma atividade específica ou interação. O mesotempo são as atividades e interações que ocorrem com alguma periodicidade no

ambiente da pessoa em desenvolvimento. O macrotempo abrange as mudanças na sociedade através das gerações, assim como a forma que esses eventos afetam o desenvolvimento humano no ciclo de vida (Tudge et al., 2009).

Ao considerar a dimensão tempo, é importante conceituar as transições ecológicas normativas ou não normativas, que são as mudanças na vida das pessoas diante de papéis e atividades distintas que são desempenhados ao longo de sua vida. As transições ecológicas normativas são as esperadas, e as não normativas são as condições adversas ou atípicas do desenvolvimento (Cerqueira-Silva et al., 2011).

Há quatro aspectos a serem considerados no elemento tempo: 1) o desenvolvimento ocorre ao longo do tempo, dentro de um período histórico; 2) outro fator que influencia o desenvolvimento é o que culturalmente se espera em cada idade e de cada papel e das oportunidades que surgem para cada pessoa ao longo da vida; 3) os membros da família são interdependentes e por isso se influenciam em seu desenvolvimento; 4) e os seres humanos influenciam seu próprio desenvolvimento com suas escolhas e ações (Bronfenbrenner, 1999). Assim, o elemento tempo refere-se tanto às continuidades quanto às mudanças que ocorrem ao longo do ciclo vital do indivíduo e sua família (Schultz et al., 2012) e, devido a sua relevância, é importante considerá-lo.

6. MÉTODO

6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa constitui-se em um estudo de abordagem qualitativa (Creswell, 2010), na compreensão do envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar, uma vez que a pesquisa qualitativa busca a apreensão dos significados atribuídos ao fenômeno investigado por meio da análise dos discursos dos sujeitos (Nogueira-Martins & Bógus, 2004; Turato, 2005). Quanto à temporalidade, trata-se uma pesquisa do tipo transversal, pois os dados foram coletados em um único momento da trajetória de vida dos participantes (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006). Quanto aos objetivos, este estudo é do tipo exploratório e descritivo (Sampieri et al., 2006). Exploratório porque busca examinar o envolvimento paterno com filhos adotivos e sua relação com a estrutura familiar, que é uma temática pouco referida na literatura especializada, com o objetivo de aumentar a familiarização com o tema de estudo. Descritivo porque busca descrever a relação entre envolvimento do pai com seu filho adotivo e a estrutura familiar.

6.2 PARTICIPANTES

Os participantes foram acessados em duas instituições de uma cidade do sul do Brasil, escolhidas por critério de intencionalidade (Marotti et al., 2008; Richardson, 1999), pois, com base nas informações disponíveis sobre as instituições, o número de pais adotivos nas mesmas é maior quando comparadas com outras instituições. A escolha da cidade ocorreu por acessibilidade (Gil, 1994).

Os quatro pais entrevistados preencheram os requisitos estabelecidos para participar da pesquisa, ou seja, eram casados ou com uma união heterossexual desde pelo menos o momento da adoção, adotaram seu filho com até um ano de idade¹⁰ através de uma adoção legal, e no momento da coleta de dados a criança tinha três ou quatro anos de idade. A escolha pela faixa etária de três ou quatro anos se justifica pelo fato de a criança, em seu desenvolvimento inicial, ser dependente e imatura e, por isso precisa de adultos para cuidar dela e garantir sua sobrevivência (Manfroi et al., 2011). Assim, após os três

¹⁰ As crianças foram adotadas com o seguinte tempo de vida: O filho de P01 com três meses; a filha de P02 com dois meses; o filho de P03 com três meses; e a filha de P04 com aproximadamente um mês.

anos de idade, embora as crianças ainda sejam dependentes dos cuidados de um adulto, estão mais abertas para novos relacionamentos e menos dependentes da mãe, o que possibilita ao pai maior espaço para aproximação e interação (Lamb et al., 1985).

O critério de o pai ter adotado a criança com até um ano de idade se justifica pelo fato de o relacionamento pai-criança não receber tanta interferência da vida da criança anterior ao momento da adoção. Utilizou-se como critério de exclusão pais cujo filho adotivo tivesse algum tipo de deficiência física ou mental. Esse critério de exclusão se justifica, pois é um aspecto importante da adoção e que deve ser foco de estudos futuros.

O número reduzido de participantes justifica-se por se almejarem a compreensão e o aprofundamento (Laville & Dionne, 1999) sobre a relação entre envolvimento paterno com filhos adotivos e a estrutura familiar. Esses participantes foram acessados através das instituições, as quais entraram em contato com pais que tinham, pelo menos, um filho adotivo. Solicitou-se às instituições que dessem preferência a pais que não tivessem filhos biológicos, com o intuito de buscar uma homogeneidade no perfil dos participantes. Além disso, considera-se que ter filhos biológicos e adotivos pudesse influenciar no envolvimento do pai quando comparado ao pai que possui apenas filhos adotivos. Não se colocou este como um critério de exclusão visto que, se houvesse dificuldade em encontrar pais adotivos, seriam buscados pais que tivessem filhos adotivos e biológicos.

6.3 CONTEXTO DA PESQUISA

A coleta de dados aconteceu entre os meses de abril e maio de 2013, em uma cidade do sul do Brasil. No que se refere às características da cidade, a mesma possui aproximadamente 420 mil habitantes (IBGE, 2010b). É uma cidade que possui grande diversidade cultural, recebendo influência da cultura açoriana ao longo de sua história. Uma característica da cidade é que seus bairros são bem distintos entre si, e por isso, há bairros que se assemelham a pequenos vilarejos e outros, no entanto, são populosos e desenvolvidos. A cidade é geograficamente extensa, e sua população apresenta elevado índice de qualidade de vida. Grande parte da população nasceu em outras cidades (próximas ou até mesmo em outros Estados), e há períodos do ano em que o número da população flutuante aumenta consideravelmente em função de características turísticas do município.

Os quatro pais entrevistados moram na cidade em que aconteceu a coleta de dados, embora dois deles tenham nascido em outro Estado. As instituições que possibilitaram acesso a esses pais são consideradas fonte de acesso a pais adotivos: Uma delas por estar vinculada ao processo de adoção; e outra por ser um espaço de apoio e reflexão sobre a temática que esses pais podem participar.

6.4 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi desenvolvida com base em parâmetros éticos, atendendo à Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)¹¹. Foram atendidos todos os cuidados para uma pesquisa com seres humanos. O Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia de 08/2005 discorre sobre a realização de pesquisas e ressalta a importância da observação desses aspectos, como a proteção dos envolvidos, garantia de voluntariedade, anonimato e devolução dos dados.

Assim, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo PPGP da UFSC, este foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da referida universidade e aprovado sob o Parecer Consubstanciado 216.414, no dia 18 de fevereiro de 2013. Solicitou-se o consentimento das instituições em participar da pesquisa através de uma Declaração Institucional (Apêndice A), conforme solicita o CEPSH.

Atendendo à Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996 do CNS, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), redigido em linguagem acessível aos participantes. No termo, os participantes que aceitaram participar da pesquisa foram informados, entre outros aspectos, sobre os objetivos do estudo, o anonimato, a voluntariedade e o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Ao longo das entrevistas, a pesquisadora sanou as dúvidas dos participantes com relação à pesquisa e informou aos mesmos que lhes será feita a devolução dos resultados.

¹¹ É importante salientar que a Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, é a Resolução que ainda estava em vigor na ocasião do envio do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Contudo, a pesquisa aconteceu no momento de transição de Resoluções, e no momento atual está em vigor a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Mesmo que a pesquisa tenha sido realizada sob a Resolução nº 196, a mesma atende às exigências da Resolução nº 466.

6.5 INSTRUMENTOS

Para a realização do presente estudo, foram utilizados três instrumentos: Questionário Sociodemográfico (Anexo A); Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno (Apêndice C); e Entrevista Semiestruturada de Genograma (Apêndice D).

6.5.1 Questionário Sociodemográfico

Este questionário foi desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI e adaptado para ser utilizado na presente pesquisa. As questões que esse questionário aborda se referem basicamente aos dados da família (como escolaridade) e renda familiar (como profissão e jornada de trabalho). Não se estabeleceram critérios de exclusão em relação a essas características sociodemográficas, tendo em vista o pressuposto de que diferenças encontradas entre pais adotivos, contextos e estruturas familiares possibilitarão avaliar a influência das variáveis sociodemográficas sobre o envolvimento do pai adotivo e a estrutura familiar. Assim, esse instrumento foi utilizado para caracterizar sociodemograficamente os participantes da pesquisa.

6.5.2 Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno

Este instrumento foi desenvolvido para a presente pesquisa e contém perguntas adaptadas de uma entrevista elaborada por pesquisadores vinculados ao NEPeDI. Foram explorados o processo de adoção, as dimensões do envolvimento paterno e as influências que a motivação, as habilidades, o suporte e o relacionamento conjugal possam ter sobre o fenômeno. Segundo Ghiglione e Matalon (1993), a entrevista semiestruturada permite certa estruturação da fala do indivíduo, ao mesmo tempo em que possibilita uma abordagem mais livre do tema.

6.5.3 Entrevista Semiestruturada de Genograma

Optou-se pelo genograma por ser um instrumento bastante utilizado em pesquisas para coletar informações referentes à família. O genograma explorou a estrutura familiar. Assim, nele também são anotadas as idades, profissões, condições especiais de saúde, motivo de morte, entre outras informações relevantes. Esses aspectos foram explorados através de uma entrevista semiestruturada elaborada para a presente pesquisa, a qual auxiliou na confecção do genograma que foi realizado com os participantes. O genograma foi baseado e adaptado do

modelo proposto por McGoldrick e Gerson (1995) e S. Minuchin (1982), e a análise dos padrões de interação da família foi baseada em Wendt e Crepaldi (2008).

6.6 OBJETIVOS E INSTRUMENTOS

Descreve-se, na Tabela 2, a correspondência entre os instrumentos descritos e os objetivos do estudo.

Tabela 2
Correspondência entre objetivos e instrumentos

Objetivos	Instrumentos
Caracterizar o envolvimento de pais com filhos adotivos em termos de interação, disponibilidade e responsabilidade.	Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno.
Relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e os padrões de interação da família.	Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno e Entrevista Semiestruturada de Genograma Familiar.
Relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e a configuração familiar.	Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno e Entrevista Semiestruturada de Genograma Familiar.

6.7 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Inicialmente realizou-se contato com as duas instituições por meio das quais se pretendia acessar os participantes. Foi explicada às mesmas a pesquisa que se pretendia realizar, o perfil de participantes e que os dados seriam coletados após a aprovação do Comitê de Ética. Solicitou-se o consentimento das instituições que aceitaram participar da pesquisa, através de uma Declaração Institucional (Apêndice A).

Com as autorizações institucionais, o projeto foi encaminhado ao CEPESH (UFSC). Com a aprovação do mesmo, realizou-se uma entrevista preliminar com um pai adotivo, recrutado por acessibilidade, com o objetivo de aprimorar os instrumentos, e para não reduzir o número de participantes acessados por meio das instituições. Esse pai entrevistado não foi contado como um dos quatro pais sobre os quais se

realizou a análise, visto que a entrevista cumpriu sua finalidade de aprimorar os instrumentos.

Para a coleta de dados propriamente dita, retomou-se o contato com as instituições. Para manter o anonimato dos pais adotivos, foi a própria instituição que entrou em contato com os pais que preencheram os critérios da pesquisa e os convidou para participar. No caso de um pai acessado em uma das instituições foi a pesquisadora que agendou o encontro, que ocorreu na residência do participante, e os outros três pais acessados na outra instituição foi a própria instituição que agendou o encontro, o qual foi realizado nas dependências da mesma. O convite feito aos pais teve como norteador a “Carta-convite” (Apêndice E) e foi realizado por telefone. O agendamento dos pais que se enquadravam no perfil desejado e que aceitaram participar da pesquisa foi conforme preferência dos pais e disponibilidade da pesquisadora, a qual havia deixado previamente seus horários acessíveis para a instituição.

O encontro para a realização das entrevistas e do questionário teve duração aproximada de uma hora e meia, e nele se fez a leitura em voz alta do TCLE, o qual foi assinado em duas vias, uma ficando com a pesquisadora e outra com o participante. Então, foi preenchido o Questionário Sociodemográfico (Anexo A), e foi realizada a Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno (Apêndice C). Após, elaborou-se com o pai o genograma através da Entrevista Semiestruturada de Genograma (Apêndice D). As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e transcritas, posteriormente, na íntegra. Com um dos pais foi agendado um segundo encontro, devido à entrevista ter se prolongado. Ao final da coleta, agradeceu-se a participação dos pais e comunicou-se aos mesmos que, se desejassem, seriam contatados para receber a devolução dos resultados da pesquisa. Assim, combinou-se com cada pai a forma como desejaria receber a devolução dos resultados (verbal ou por escrito, pessoalmente ou por intermédio de internet). De qualquer forma, esclareceu-se que próximo à data de devolução dos resultados, será feito contato novamente com os mesmos (do mesmo modo como foram contatados para a coleta de dados) para confirmar a forma de devolução, e então, data, hora e local para a mesma (a qual acontecerá possivelmente no mesmo lugar de coleta de dados).

É provável que a pesquisa tenha permitido aos participantes uma reflexão acerca de suas vivências e sentimentos sobre seu envolvimento paterno. Porém, visto que na entrevista e no genograma foram abordadas algumas questões que pudessem gerar algum desconforto, a

pesquisadora acolheu as angústias evidenciadas pelos pais, através da escuta, bem como ressaltou aos pais que, se houvesse necessidade, poderia encaminhá-los para o Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC), fato que não ocorreu.

Para as instituições que propiciaram o acesso aos participantes, além da devolução verbal dos resultados da pesquisa, será oferecida uma oficina relacionada ao tema da pesquisa, a qual pode ser adaptada às demandas institucionais. As oficinas são uma forma de cumprir com o compromisso ético de devolução dos dados coletados para a instituição.

6.8 ANÁLISE DOS DADOS

O Questionário Sociodemográfico foi utilizado para descrever os participantes. Assim, informações como idade, escolaridade e jornada de trabalho foram utilizadas para caracterizar cada um dos pais. Quando possível, calcularam-se as frequências e as médias das variáveis.

A transcrição literal da Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno foi analisada conforme seu conteúdo¹² (Bardin, 1977), utilizando-se o software ATLAS.ti 5.1¹³ para organização dos dados a serem analisados. A análise de conteúdo baseada em Bardin (1977) refere-se a uma análise temática e sequencial do *corpus* (material que será analisado), da qual emergirão categorias temáticas¹⁴. Essa análise de conteúdo objetiva apreender o que está por trás do discurso de quem fala, buscando, por meio de eixos temáticos, desvendar os núcleos de sentido do discurso do entrevistado. Da análise de conteúdo, emergiram sete categorias temáticas.

Os dados obtidos, por meio da transcrição literal da Entrevista Semiestruturada de Genograma e da confecção do mesmo, foram analisados conforme a proposta de Wendt (2006), ou seja, foram submetidos às análises gráfica e clínica, cujas definições dos símbolos e

¹² A análise da presente pesquisa utilizou algumas das técnicas de análise de conteúdo sugeridas por Bardin (1977), quais sejam: leitura flutuante das entrevistas; nova leitura para identificação dos elementos temáticos (unidades mínimas de análise); síntese de cada entrevista; elaboração do quadro de análise temática; e categorização dos elementos temáticos.

¹³ Software utilizado para análise de dados qualitativos.

¹⁴ Ressalta-se os critérios para a construção das categorias temáticas: Critério semântico; e demais critério de Bardin, quais sejam, exclusão mútua, homogeneidade, exaustividade, pertinência e objetividade (Bardin, 1977).

padrões relacionais foram ancorados na literatura (McGoldrick & Gerson, 1995; S. Minuchin, 1982). As análises do genograma de cada um dos participantes foram descritas em termos de configuração familiar (McGoldrick, Gerson & Petry, 2012; McGoldrick & Gerson, 1995) e em termos de padrões de interação (Wendt & Crepaldi, 2008). A descrição dos padrões de interação foi agrupada em uma categoria temática para melhor visualização dos resultados.

Os sistemas de categorias constituídos no processo de análise, com a Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno, o genograma e a Entrevista Semiestruturada de Genograma, foram submetidos a duas juízas¹⁵: Duas psicólogas terapeutas relacionais sistêmicas. A concordância de cada uma das juízas com a pesquisadora foi de 90% no que se refere às sete categorias que emergiram na análise de conteúdo e 95% na classificação dos padrões de relacionamento familiar. Ou seja, após lerem o material, concordaram com as categorias e suas subcategorias propostas e sugeriram pequenas alterações, as quais foram avaliadas e, em sua maioria, aceitas.

A equação utilizada para calcular a concordância entre juízes foi tomada emprestada do método observacional, o qual utiliza a concordância entre juízes para avaliação de fidedignidade (Fagundes, 1999). Esse cálculo resultou do número de acordos da juíza (com a pesquisadora) dividida pelo número de acordos da juíza somados ao número de desacordos dessa juíza, e este resultado se multiplicou por 100 para resultar em uma porcentagem (Figura 1). Esse cálculo foi feito separadamente com as pontuações da juíza 1 e, depois, com as pontuações da juíza 2. Caracteriza-se por coincidência o fato de os resultados terem sido iguais.

¹⁵ Entregaram-se às juízas as sete categorias e subcategorias (que emergiram da Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno), nas quais descreveu-se o que se evidenciou de cada pai em cada uma das subcategorias. No que se refere à oitava categoria, dos padrões de relacionamento, selecionaram-se todos os trechos da entrevista que se referiam a cada um dos relacionamentos e classificou-os. Essas categorias e classificações foram entregues com as entrevistas e o genograma. As juízas, separadamente, assinalaram o que concordavam e o que discordavam, fazendo comentários e sugestões, quando consideravam pertinente. Quando não assinalado nada, interpretou-se que haviam concordado com a classificação efetuada. Cada um dos acordos e desacordos foi contabilizado para o posterior cálculo de concordância.

$$C = \frac{\sum \textit{Acordos}}{\sum \textit{Acordos} + \sum \textit{Desacordos}} \times 100\%$$

Figura 1. Equação para calcular a concordância entre juízes, retirado de Fagundes (1999).

7. RESULTADOS

Para melhor visualização dos dados coletados, primeiramente apresentam-se uma tabela com os dados sociodemográficos dos participantes e uma descrição de cada família com os seus respectivos genogramas. Após, demonstra-se as categorias e subcategorias, ilustradas com vinhetas extraídas das entrevistas¹⁶. Cada família foi nomeada com um número, assim, o primeiro pai apresentado é denominado P01, seu filho é F01, sua esposa E01. O segundo pai é o P02, e assim sucessivamente.

Ressalta-se que os pais, no momento da entrevista, perguntaram à pesquisadora se a entrevista era com eles mesmos, ou afirmavam que suas esposas achavam que elas também deveriam participar, relevando estranhamento em a pesquisa envolver apenas eles (os pais). Esse estranhamento costuma ser esperado, pois geralmente a figura parental, foco das pesquisas, envolve a mãe ou perguntam a esta sobre o pai.

7.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa quatro pais: Dois de meninos e dois de meninas. Na Tabela 3, estão sintetizados os dados sociodemográficos desses participantes.

Verifica-se que a média de idade dos pais é de aproximadamente 44 anos, variando de 37 anos a 53 anos. A média de idade das mães se assemelha à dos pais. Duas crianças (um menino e uma menina) têm três anos de idade, e duas (também um menino e uma menina) têm quatro anos. Os pais moram com suas esposas e seu filho adotivo.

Evidencia-se um tempo médio de união do casal de 18 anos, sendo o tempo mínimo de 11 anos e o máximo de 30 anos. Três pais são casados (P01, P03 e P04), e um está em união estável (P02).

¹⁶ As categorias possuem inúmeros outros exemplos de relatos dos pais que não foram incluídos na dissertação para não torná-la extensa. Em função disso, também se buscou editar algumas citações, excluindo partes que não eram fundamentais para o seu entendimento (indicadas pelo uso de reticências entre parênteses) ou acrescentando expressões para facilitá-lo (indicadas entre colchetes). Nota adaptada de Piccinini et al. (2012).

Tabela 3
Caracterização sociodemográfica das famílias

Caso	Membros da Família	Idade ***	Escolaridade ****	Profissão	Jornada de trabalho semanal	Tempo de união
1	Pai	37a	E.S.	Servidor público	40h	11
	Mãe	37a	E.M.	Do lar	-	
	Filho	3a e 1m	-	-	-	
2	Pai	50a	E.S.	Corretor de imóveis	16h*	19
	Mãe	47a	E.M.	Do lar	-	
	Filha	3a e 7m	-	-	-	
3	Pai	53a	P.G.	Médico	40h ou mais	30
	Mãe	53a	P.G.	Professora universitária	40h ou mais	
	Filho	4a e 6m	-	-	-	
4	Pai	37a	E.M.	Vigilante	36h**	13
	Mãe	39a	E.M.	Do lar/Diarista	16h*	
	Filha	4a e 11m	-	-	-	

* Aproximadamente;

** Turno noturno;

*** A letra “a” indica “anos”, e a letra “m”, “meses”.

**** Legenda:

E.M.: Ensino Médio Completo;

E.S.: Ensino Superior Completo;

P.G.: Pós-Graduação.

A escolaridade dos pais, com a carga horária de trabalho e profissão, está associada com a renda: Verifica-se que quanto maior a escolaridade e carga horária de trabalho, maior a renda. Contudo, não se especificou a renda das famílias na presente dissertação para evitar exposições desnecessárias.

Além disso, verifica-se que três mães (duas do lar e uma que é do lar e diarista) mostram-se totalmente disponíveis para seus filhos. Nessas famílias não há babá nem empregada doméstica, e os pais são os únicos (P01 e P02) ou principais (P04) provedores do sustento financeiro da família.

Também se perguntou sobre o local em que os familiares residem. P01 e P04 moram na mesma cidade que seus familiares, enquanto os familiares de sua esposa não. P02 mora na mesma cidade que os familiares da esposa, mas seus familiares residem em outra cidade. P03 mora distante da cidade dos seus familiares e dos familiares da esposa.

7.2 DESCRIÇÃO DOS CASOS

7.2.1 Família de P01

O pai P01 tem 37 anos, é casado há 11 anos com E01 da mesma idade, e adotaram um menino que está com três anos e um mês. Ele tem Ensino Superior Completo e ela, Ensino Médio Completo. Ele é servidor público, trabalha 40 horas semanais e ela é do lar. Ele relata que ele e a esposa desejavam ter um filho, mas como não conseguiram engravidar, resolveram adotar. A iniciativa pela adoção foi da esposa. Ele afirma que desejam adotar o segundo filho (iniciativa da esposa), e sente que o filho sempre foi deles. Relata também que sente que se tornou pai do dia para a noite (quando seu filho chegou) e que é um “paizão” (sic) para o filho. As pessoas falam que o filho é parecido fisicamente com ele, e ele verbaliza outras semelhanças que também verifica entre ele e o filho. P01 é o provedor da família e auxilia a esposa nos cuidados com o filho e com as tarefas da casa, embora deixe claro que ela é a principal responsável pela casa e pelos cuidados do filho. Ele afirma que seu pai foi pouco afetuoso e muito disciplinador, e sua mãe era carinhosa, e por isso, ele busca ser uma mescla dos dois.

Como se pode verificar no genograma¹⁷ que evidencia a configuração familiar (Figura 2), no que se refere à família de origem de P01, ele é o caçula de três filhos. Possui um irmão de 41 anos, que é divorciado e possui dois filhos: Uma menina de 10 anos e um menino de sete anos. P01 também tem uma irmã de 38 anos que é casada e não tem filhos. Seu pai morreu em decorrência de uma neoplasia maligna (câncer), há aproximadamente cinco anos, com 62 anos de idade. Sua mãe tem 74 anos e trabalhou como auxiliar de enfermeira até casar: Depois, se tornou do lar. Seus pais ficaram casados por 38 anos, até a morte de seu pai. P01 possui mais tios por parte de mãe do que por parte de pai. Quanto aos irmãos de sua mãe, ele não soube afirmar a ordem de nascimento dos mesmos, exceto que sua mãe é a primogênita. O seu pai

¹⁷ Lembra-se de que a legenda do genograma encontra-se no Apêndice D.

é o terceiro de seis filhos. Os dois mais velhos morreram com idades entre 30 e 40 anos por problemas de saúde ocasionados pelo abuso de álcool. Com exceção da avó materna (que morreu por problemas do coração aos 88 anos), os demais avós morreram há mais de 20 anos, e por isso, P01 não teve ou teve pouco contato. De modo geral, a família de origem do participante possui um nível de escolaridade superior ao nível de escolaridade da família de origem da esposa.

Quanto à família de origem de sua esposa, P01 afirma que a mesma possui oito irmãos (três homens e cinco mulheres). Ele não sabia a ordem de nascimento deles, mas sabe que a esposa é a quarta ou quinta filha em ordem de nascimento¹⁸. Contou que a saída de casa da esposa foi a “contragosto” (sic) dos sogros, mas que atualmente já está tudo bem com relação a isso. Sua esposa trabalhou como babá até o filho chegar, após, também se tornou do lar. O pai e a mãe da esposa possuem 67 anos: Ele é aposentado e ela é do lar. Seus pais estão casados há 40 anos. O avô materno e a avó paterna da esposa ainda estão vivos. Todos os irmãos da esposa estão casados ou em união estável, e alguns já possuem filhos (o pai não especificou quais cunhados possuem filhos, mas especificou os dois casais com quem possui maior proximidade).

¹⁸ Mesmo o pai não tendo certeza da ordem de nascimento dos irmãos da esposa, com base nas informações fornecidas pelo pai, os mesmos foram descritos no genograma para facilitar a visualização da configuração familiar.

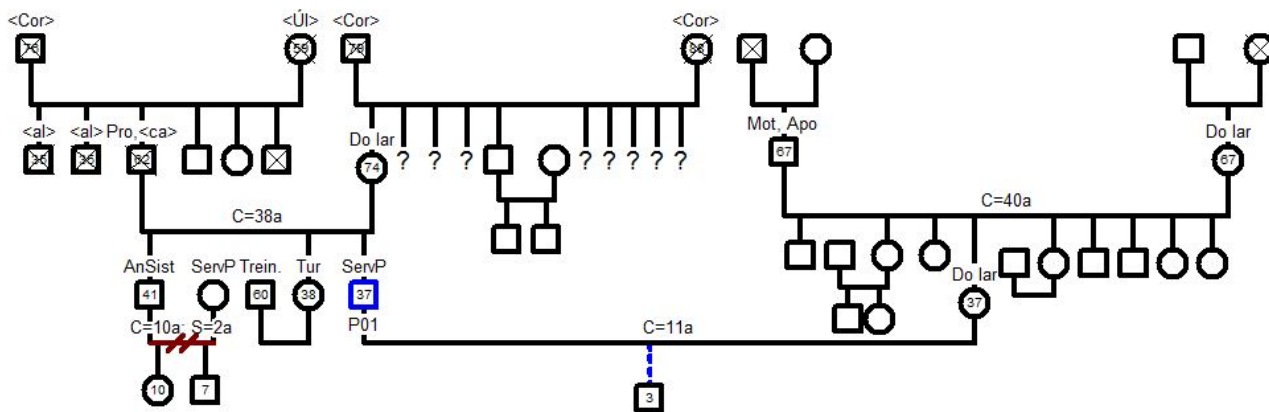


Figura 2. Configuração familiar de P01.

No genograma, que evidencia os padrões de relacionamento da família (Figura 3), verifica-se que P01 tinha um relacionamento vulnerável com seu pai, mas harmônico com a mãe. Sua esposa, segundo verifica, tem relacionamento distante com o pai dela, além de fundido e conflitual com a própria mãe. O relacionamento conjugal é harmônico, bem como o relacionamento deles com o filho. O relacionamento de seus irmãos com o seu pai era conflituoso, do seu pai com o pai dele era distante e com a mãe dele era harmônico. Já o relacionamento dos seus irmãos com a mãe é harmonioso e dela com a sua própria mãe era muito estreito. P01 relata um relacionamento estreito com dois primos por parte de mãe, com seus avós maternos, com seu sogro e com duas cunhadas e suas respectivas famílias. No que se refere aos pais da esposa, seu sogro apresenta um relacionamento conflituoso com sua própria mãe e sua sogra, um relacionamento distante com o seu pai. Um dos irmãos da esposa rompeu relacionamentos com o restante da família, rompimento este evidenciado no genograma através do rompimento dele com sua própria mãe. O relacionamento conjugal dos pais de P01 era fundido e conflitual e o dos seus sogros é harmônico.

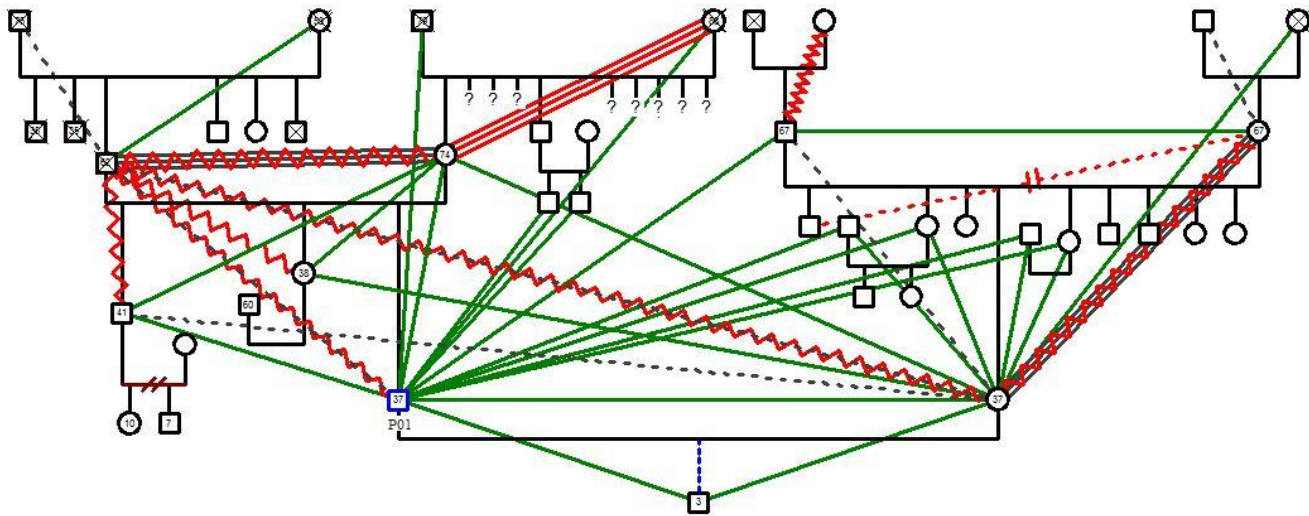


Figura 3. Padrões de relacionamento de P01.

7.2.2 Família de P02

O pai P02 tem 50 anos e possui uma união estável¹⁹ há 19 anos com E02 de 47 anos de idade. A filha adotiva deles possui três anos e sete meses. Ele tem Ensino Superior Completo e ela, Ensino Médio Completo. P02 é corretor de imóveis, trabalha aproximadamente 16 horas por semana, e sua companheira é do lar. Ele afirma que a esposa desejava ter um filho, e que ele nunca quis ser pai. Eles tiveram dificuldade para engravidar, e quando ela engravidou, perdeu o bebê. Para engravidar novamente teria de fazer tratamento. P02 sugeriu à esposa que adotassem uma criança. Ele conta que esquecem que a filha é adotada. P02 afirma que foi adquirindo a técnica em ser pai no dia a dia, e se considera um ótimo pai. Ele e as demais pessoas falam que a filha é parecida fisicamente com ele. P02 é o provedor da família e afirma que fica bastante tempo com a filha, mas que as tarefas da casa e de cuidados da menina são de responsabilidade da esposa. Ele conta que seus pais eram carinhosos e amigos, e que ele é assim com sua filha.

No genograma que evidencia a configuração familiar (Figura 4), verifica-se que, no que se refere à família de origem de P02, ele é primogênito e possui um irmão de 47 anos que é casado e possui uma menina de oito anos de idade. Seu pai morreu por problemas do coração há aproximadamente 20 anos, com 54 anos de idade. Sua mãe tem 75 anos e é do lar. Seus pais ficaram casados por 31 anos, até seu pai morrer. P02 possui 17 tios por parte de mãe, e quatro por parte de pai. Seu pai era o filho primogênito. Todos os seus avós já são falecidos. Ele relata que, por parte de mãe, possui mais de 96 primos, e por parte de pai tem sete primos. Ele comentou que tem primos adotivos, mas não especificou nenhum.

Quanto à família de origem de sua esposa, P02 afirma que a mesma possui seis irmãos (três homens e três mulheres). A esposa é a quarta filha em ordem de nascimento. Sua esposa é do lar, assim como a mãe dela e duas irmãs. Seu sogro morreu há aproximadamente dois anos, com 72 anos, e sua sogra tem 75 anos. Eles ficaram casados por 55 anos, até a morte dele. Todos os avós da esposa já faleceram, os irmãos dela possuem pelo menos um filho, e os três irmãos homens são

¹⁹ Mesmo que em situações de união estável costuma-se chamar os cônjuges de companheiros, optou-se por denominá-los “esposa” e “marido”, pois, é assim, segundo relato do pai, que os mesmos se consideram e se nomeiam, e do ponto de vista jurídico, o casamento e a união estável se assemelham.

divorciados. Uma irmã já é viúva, e a filha mais nova desta está apresentando dificuldades em engravidar.

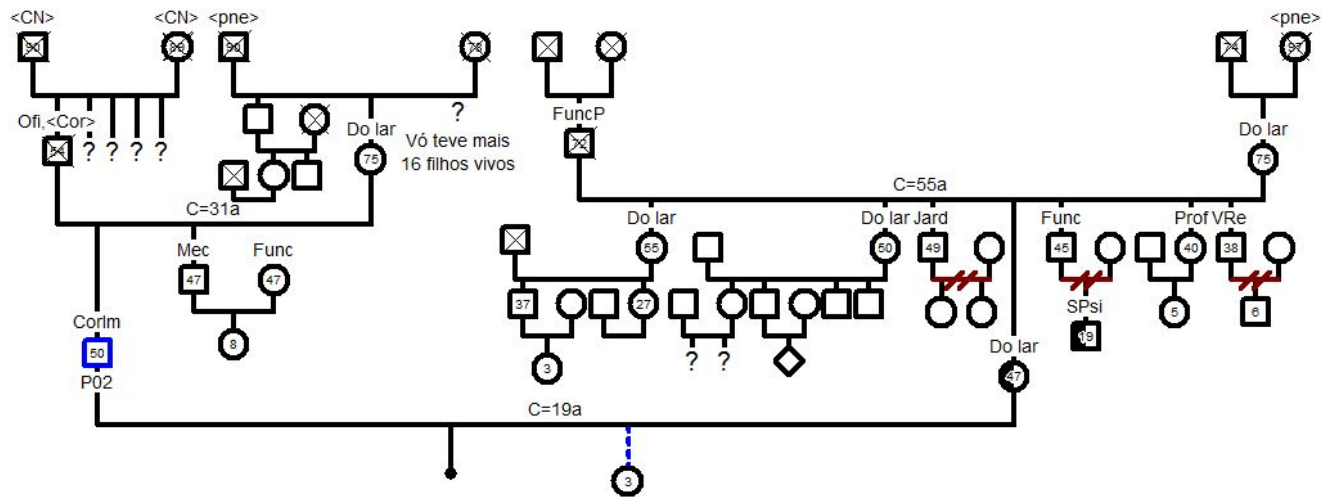


Figura 4. Configuração familiar de P02.

No genograma que retrata os padrões de relacionamento (Figura 5), constata-se que P02 tem um relacionamento harmonioso com seus pais, e que sua esposa tem um relacionamento distante com os pais dela. O casal possui um relacionamento muito estreito entre si, e a esposa apresenta esse superenvolvimento também com a filha. O relacionamento de P02 com a filha é harmonioso. Os relacionamentos de P02 com sua família e seus sogros são harmônicos. O relacionamento conjugal de seus pais e seus sogros também. A esposa apresenta relacionamento harmônico com uma irmã e com a mãe de P02. O irmão de P02 tem um relacionamento harmonioso com o pai de P02. Já os irmãos da esposa apresentam um relacionamento distante com seus próprios pai e mãe.

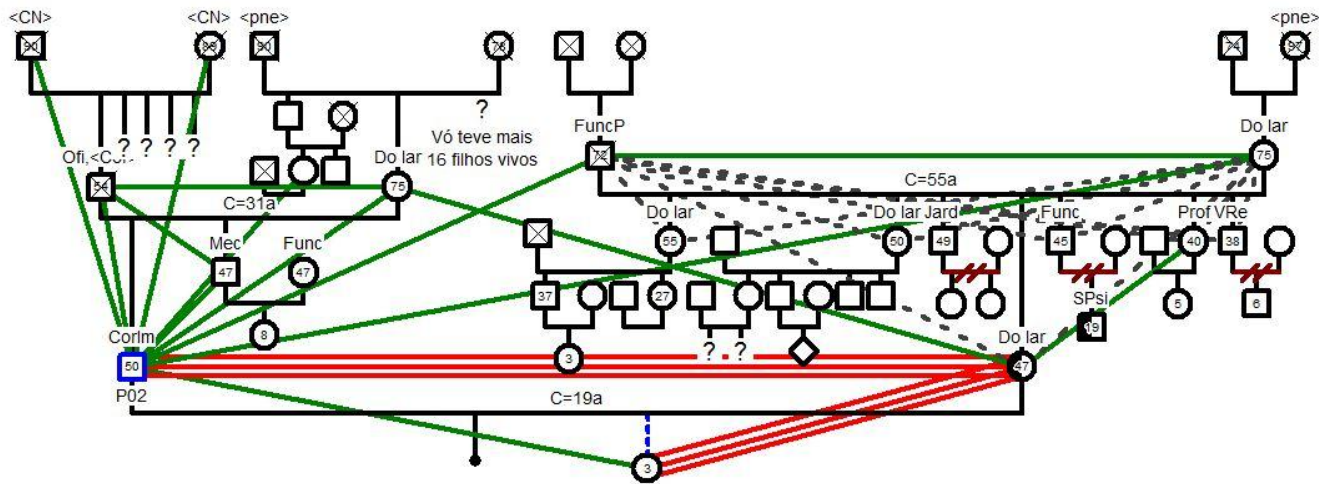


Figura 5. Padrões de relacionamento de P02.

7.2.3 Família de P03

O pai P03 e sua esposa possuem 53 anos de idade, estão casados há 30 anos, e seu filho adotivo está com quatro anos e seis meses. Ambos possuem Pós-Graduação e trabalham 40 horas por semana, e às vezes até mais que isso. Ele é médico e ela, professora universitária. Ele conta que não tinha o desejo de ser pai. Ele e a esposa tentaram ter filhos, mas como não conseguiram engravidar, decidiram adotar. A iniciativa da adoção foi da esposa. Ele conta que esquecem que o filho é adotado. As pessoas falam que o filho é parecido fisicamente com ele. P03 relata que percebe o filho mais apegado a ele que à mãe. Com relação aos cuidados do filho, ele e a esposa buscam dividir as tarefas. P03 e esposa contribuem de modo semelhante como provedores da família. P03 relata que seu pai era distante, e que ele como pai é diferente do pai que ele teve.

Como se verifica no genograma que evidencia a configuração familiar (Figura 6), no que se refere à família de origem de P03, ele é o caçula de três filhos homens. Seu irmão mais velho tem 64 anos, é divorciado e tem três filhos homens (de 32, 28 e 20 anos, respectivamente). Seu irmão do meio tem 60 anos, também é divorciado e tem três filhas mulheres. Sua mãe morreu há mais de 20 anos, em decorrência de uma neoplasia maligna (câncer), aos 53 anos de idade. Seu pai faleceu por problemas do coração há aproximadamente dois anos, aos 89 anos de idade. Eles ficaram casados por 32 anos. Após a morte de sua mãe, seu pai ficou um tempo sozinho, e depois passou a se relacionar com uma nova companheira, a qual também já é falecida. Após a morte desta, seu pai ficou sozinho. Seus pais eram advogados, mas sua mãe nunca exerceu a profissão. P03 possui uma tia por parte de pai que morreu em decorrência de uma neoplasia maligna (câncer). Ele tem quatro tios por parte de mãe: Dois mais velhos que sua mãe e dois mais novos, sendo três homens e uma mulher, e esta nunca casou e tampouco teve filhos. Seu pai era o filho primogênito. Todos os seus avós já são falecidos.

Quanto à família de origem de sua esposa, ela é a segunda filha de quatro filhos, sendo uma irmã mais velha e dois irmãos mais novos que ela. Todos têm filhos, a irmã é casada, e os irmãos são divorciados. Seus pais são separados há aproximadamente 35 anos, e seu pai morreu aos 72 anos há aproximadamente dois anos. Ele chegou a formar outra família, com a qual a esposa de P03 não teve contato, pois rompeu relacionamento com o próprio pai. Sua mãe tem 73 anos, é do lar e costureira. Os quatro avós da esposa já são falecidos.

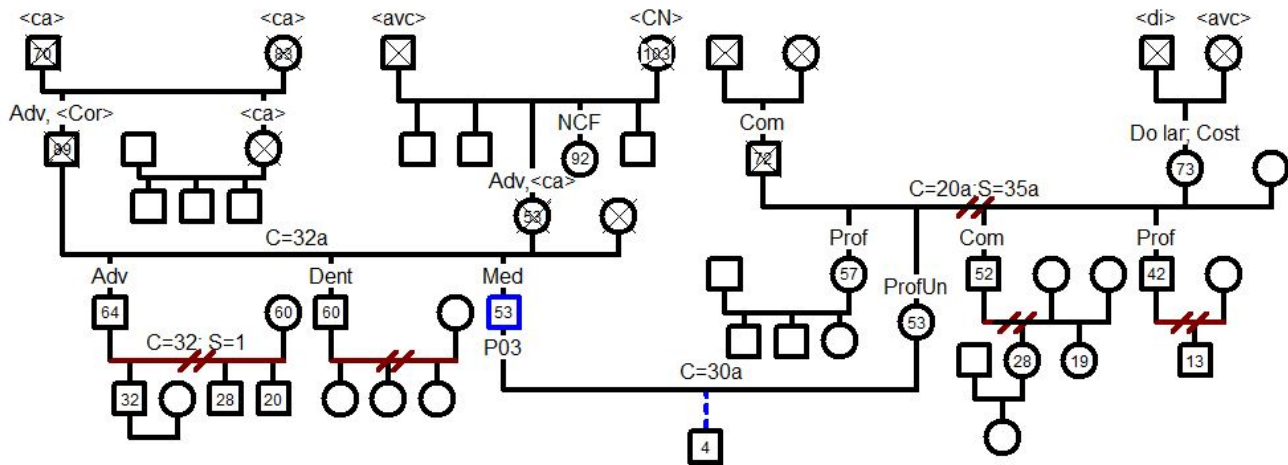


Figura 6. Configuração familiar de P03.

Já no genograma que evidencia os padrões de relacionamento (Figura 7), verifica-se que P03 tinha um relacionamento distante com seu pai, mas um relacionamento muito estreito com sua mãe. Sua esposa rompeu com o pai dela e possui um relacionamento harmonioso com a mãe dela. O casal (P03 e E03) possui um relacionamento harmonioso. A esposa possui um relacionamento harmonioso com o filho, enquanto P03 possui um relacionamento muito estreito com o mesmo. P03 e sua esposa romperam com seu irmão do meio. P03 apresenta relacionamentos harmônicos com seu irmão mais velho, primos e tios por parte de pai, sobrinhos (filhos do cunhado mais velho) e com o cunhado mais novo. A esposa também apresenta relacionamentos harmônicos com seus sobrinhos (filhos do irmão mais velho dela), com a avó materna dela e com o irmão caçula dela. O relacionamento conjugal dos pais de P03 e dos pais de sua esposa era conflituoso. Os seus irmãos e os da esposa tinham um relacionamento distante com seus próprios pais. Sua esposa apresentava um relacionamento vulnerável com sua mãe (mãe de P03).

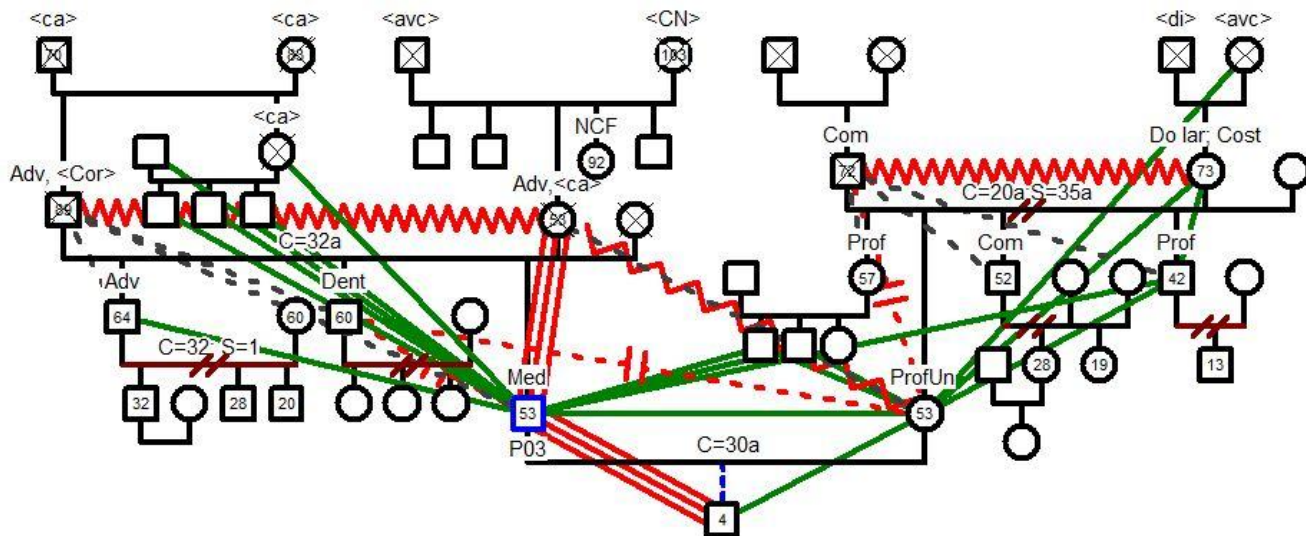


Figura 7. Padrões de relacionamento de P03.

7.2.4 Família de P04

O pai P04 tem 37 anos, e está casado há 13 anos com sua esposa que tem 39 anos. A filha adotiva deles tem quatro anos e 11 meses. Ambos completaram o Ensino Médio. Ele é vigilante, trabalha 36 horas por semana no turno noturno, e sua esposa, aproximadamente, 16 horas (no restante do tempo ela é do lar). Ele relata que a esposa queria ter filhos, e ele queria esperar mais para ter melhores condições financeiras. Como não conseguiram engravidar, e devido a um problema de saúde ela não poderia mais ter filhos, decidiram adotar, sendo dela a iniciativa pela adoção. A chegada da filha, assim como para os outros pais desta pesquisa, foi um marco em sua vida. P04 conta que sua família lhe pressionava para ter filhos. Pensam em adotar um segundo filho. Ele e as demais pessoas falam que a filha é parecida fisicamente com ele. P04 relata que percebe a filha mais apegada a ele que à mãe. Ele busca ajudar sua esposa nos cuidados com a filha e com as tarefas domésticas, mas afirma que é ela quem assume a maioria das atividades. P04 é o principal provedor da família. Ele afirma que seu pai era participativo em sua vida, e alega que busca ser semelhante ao seu pai.

Como se verifica no genograma com a configuração familiar (Figura 8), no que se refere à família de origem de P04, ele é terceiro de quatro filhos. Sua irmã tem 43 anos, é divorciada e tem uma filha (22 anos) e um filho (17 anos). Um de seus irmãos, que morreu há três anos devido a um tumor, era divorciado e também tinha dois filhos: Uma menina de 21 anos e um menino de 17 anos. Seu irmão mais novo tem 34 anos. Sua mãe tem 62 anos, e seu pai tem 69 anos. Ambos estão aposentados. Eles estão casados há 45 anos. Seus avôs e a avó materna já são falecidos. Sua avó paterna tem 90 anos de idade. Seu pai é filho primogênito e tem um irmão que já é falecido (morreu recentemente em função de um acidente de trânsito). Sua mãe é a segunda de quatro filhos. O filho de um de seus tios maternos cometeu suicídio, após se envolver com drogas.

Quanto à família de origem de sua esposa, ela é a caçula de quatro filhos, sendo três irmãs e um irmão. Duas irmãs dela são divorciadas. Todos têm filhos. O pai de E04 já morreu, bem como os avôs dela. A mãe de E04 tem 75 anos de idade.

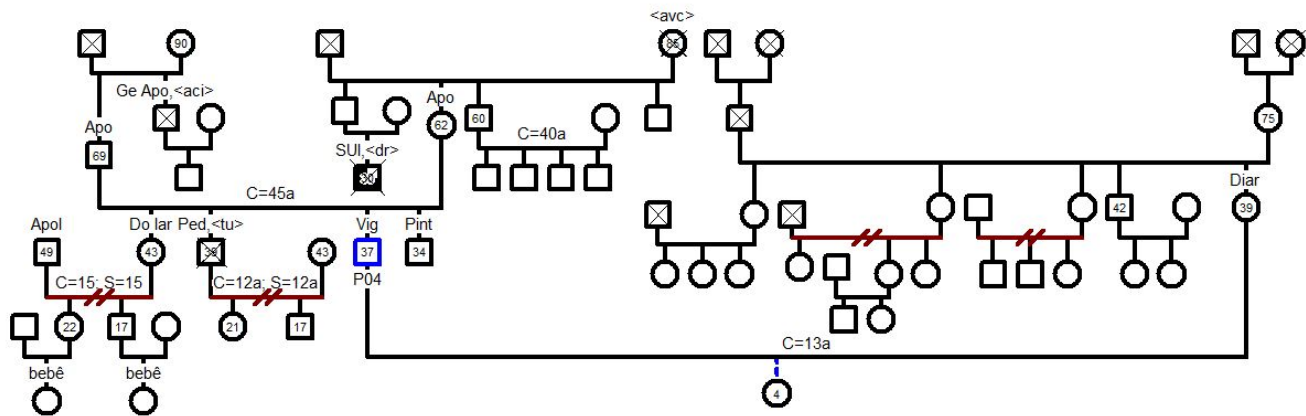


Figura 8. Configuração familiar de P04.

Como se constata no genograma com os padrões de relacionamento (Figura 9), P04 possui um relacionamento muito estreito com seus pais, assim como sua esposa com os pais dela. Entre eles e eles com a filha também apresentam um relacionamento muito estreito. P04 também apresentava relacionamento muito estreito com sua avó materna, e relacionamento harmonioso com dois tios (um irmão do pai e um irmão de sua mãe). Ele possui um relacionamento harmonioso com sua sogra. Sua esposa apresenta relacionamento harmonioso com seus pais (de P04). O relacionamento de seus cunhados com os seus sogros é muito estreito. O relacionamento conjugal dos seus pais e dos seus sogros é harmônico.

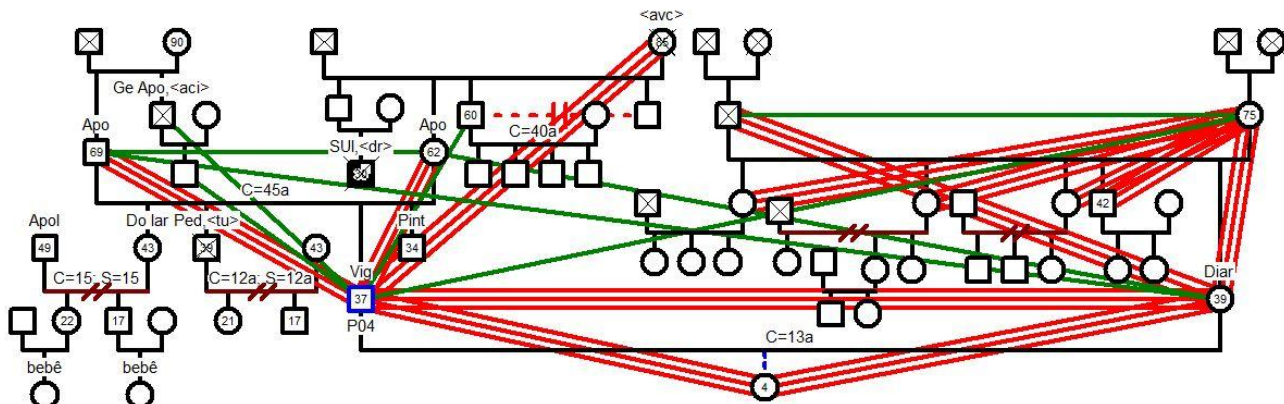


Figura 9. Padrões de relacionamento de P04.

7.3 SISTEMA DE CATEGORIAS

As categorias foram definidas a partir do conteúdo que apareceu nos dados coletados. Com exceção da categoria “Padrões de relacionamento” (descrita a partir da Entrevista Semiestruturada de Genograma), as demais categorias foram delineadas a partir dos agrupamentos dos elementos temáticos que emergiram no momento da análise da Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno. A categoria dos padrões de relacionamento foi subdividida em cinco subcategorias. Já as sete categorias que emergiram na Entrevista de Envolvimento Paterno foram subdivididas em 24 subcategorias, tendo 131 elementos temáticos diferentes, os quais tiveram uma frequência de ocorrência total de 681. A tabela de frequência de ocorrência que contém essas sete categorias, com suas subcategorias e elementos temáticos, encontra-se no Apêndice F. A Figura 10 apresenta as oito categorias que emergiram, e a seguir, são discutidas cada uma delas e as subcategorias que as compõem.



Figura 10. Categorias criadas a partir da análise dos dados.

7.3.1 Categoria 1 - Interação

A categoria denominada “Interação²⁰” (Tabela 4) abarca o que o pai faz com a criança quando está com ela. Assim, essa categoria compreende as seguintes subcategorias: Cuidar, conversar, demonstrar afeto, brincar e lazer.

A subcategoria “cuidar” representa os cuidados que o pai presta à criança. Todos os pais relataram que fizeram ou fazem a mamadeira para seus filhos. Trocar a fralda (P01, P02 e P03), fazer dormir (P01, P02 e P03) e dar banho (P01, P03 e P04) foi evidenciado por três de quatro pais, os quais alegam que já fizeram ou ainda fazem com relação aos filhos. P01 e P04 também vestem seus filhos, P02 fazia a “papinha” para a filha e P03 é quem, muitas vezes, dá comida para o filho. P01 e P04 arrumam seus filhos para ir à escola, e P01 alega que também ajuda seu filho no banheiro. P02 afirma que *“Eu fico muito tempo com a [nome da filha], mas a higiene da [nome da filha], a alimentação da [nome da filha], é tudo com minha mulher”*. Esse pai conta que no início ajudava mais, porque a filha exigia mais cuidados por ser bebê.

Ressalta-se que todos esses cuidados mencionados são às vezes realizados pelos pais, ou seja, são realizados quando os mesmos estão presentes, mas não são cuidados realizados exclusivamente por eles. P01 e P03 também ressaltam que buscam tomar a iniciativa desses cuidados: *“Nunca ela [esposa] chegou, assim, foram raras às vezes que ela disse ‘Ah, vem cá, por favor, vem trocar a fralda!’ . Não, quando precisar a gente via e não, ele tá com fralda, tá precisando de troca, então vamos lá”* (P01).

Ao serem questionados como aprenderam a cuidar de criança, P02, P03 e P04 afirmam que foi através da convivência de outras crianças, já P01 conta que foi com seu próprio filho com auxílio da esposa. P04 conta que já ter tido experiência em cuidar de criança, e manter um bom relacionamento com a filha facilita seu envolvimento paterno. Além disso, três pais (P01, P03 e P04) afirmaram que sua esposa lhes ajuda a se envolver com os cuidados do filho, e P02 afirmou que não há interferência da mesma (P02).

²⁰ A Tabela 14, que se encontra no Apêndice H, apresenta uma síntese dos principais resultados desta categoria.

Tabela 4

Categoria Interação, suas subcategorias e elementos de análise

Categoria	Subcategorias	Elementos temáticos
Interação	Cuidar	ajudar no banheiro arrumar o filho dar banho fazer “mamã” fazer dormir trocar fralda vestir dar comida Iniciativa
	Conversar	disciplinar sobre a escola assuntos diversos sobre a brincadeira ensinar
	Demonstrar afeto	demonstração de afeto
	Brincar	andar de bicicleta andar de carrinho/moto no balanço de bonecos com areia contar histórias de carrinho no escorregador geral jogar bola jogos de encaixe ir ao parque de quebra-cabeça supervisionar ver TV jogar videogame desenhar
	Lazer	passar praia sair de casa shopping teatro visitar familiares

A subcategoria “conversar” refere-se ao que o pai conversa com o filho. Os pais afirmam que conversam de forma lúdica com os filhos e sobre assuntos que possam ser conversados com uma criança. Os pais (P02 e P03) alegam que conversam sobre diversos assuntos com seus filhos. Um assunto que costumam conversar é sobre a escola do filho (P01 e P03), e também sobre a brincadeira (P04). O conversar também é aproveitado para os pais ensinarem e explicarem coisas aos filhos (P02), bem como para disciplinar (P01 e P03). A fala de P01 retrata o conversar com o filho:

A conversa nossa gira em torno de escola, geralmente é uma conversa bem lúdica, de brincadeiras, retoma os brinquedos dele, conversa sobre os brinquedos, conversa sobre a escola, sobre as atitudes dele também eu converso com ele, ontem, por exemplo, eu fiquei chateado porque a professora me disse que ele bateu nos amigos, aí eu conversei com ele, deixei ele de disciplina, aí eu conversei com ele sobre isso. Falei pra ele “[nome da criança] o pai está triste porque você bateu nos amigos, você não pode fazer isso etc. etc.”. É assim, do que ele fez quando chega a noite, “o que você fez hoje a tarde? Você brincou com a mãe?”, tento instigar ele a relatar como é que foi o dia, ele gosta disso, ele gosta de contar as coisas, quando ele não está muito interessado ele fala “não sei”.

A subcategoria “demonstrar afeto” retrata o carinho que os pais sentem e expressam aos seus filhos. Todos os pais evidenciaram essa questão de afeto. Contudo, é o pai P01 quem mais relatou que busca demonstrar carinho e afeto ao filho: “*Aí às vezes ela [esposa] arruma ele [filho], muitas vezes eu arrumo, o bichinho precisa de muita balda sozinho, então tem que ir lá, tem que fazer o chamego, devagarinho e tal (...)*”.

A subcategoria “brincar” evidencia as brincadeiras que os pais realizam com seus filhos. Brincar, de um modo geral, foi mencionado por todos os pais, bem como o andar de bicicleta e ver desenho com o filho na televisão (TV)²¹. Jogar bola (P01, P02 e P03) e ir ao parque (P01, P03 e P04) foi mencionado por três de quatro pais. Os pais P03 e P04 mencionam que, muitas vezes, ficam apenas supervisionando o filho brincar. Os outros pais, embora não mencionaram diretamente essa

²¹ Ressalta-se que ver desenho com o filho na televisão foi elencado pelos pais como uma brincadeira.

questão, ao longo de sua fala deixam entender que isso também lhes ocorre. Todavia, embora às vezes o pai apenas queira supervisionar o brincar do filho, a fala de P04 evidencia que muitas vezes isso não é possível:

Não, brinca junto, porque ela vai lá no tanque pra pegar água, pra fazer bolinho, aí tem que fazer, pra fazer café, eu tenho que estar comendo junto se não ela já grita, “ô pai, tem que tá junto!!!” tem que estar igual, porque causa do carro [na rua] e tudo e tem que estar participando ali junto também (P04).

Demais formas de brincar podem ser evidenciadas na Tabela 5 , a qual explicita as atividades que o pai faz com o filho, o que faz com maior frequência e os gostos de pai e do filho. Como todas as atividades mencionadas pelo pai se referem à brincadeira, a tabela encontra-se inserida nesta subcategoria.

A subcategoria “lazer” se refere aos momentos de entretenimento. Os pais citam como lazer o sair de casa em família. Isso é exemplificado na fala de P04: “*E final de semana, tipo sábado ou domingo que a gente costuma passear, ela [filha] está junto também*”.

Assim, ao especificarem o que é esse sair de casa ou para onde vão, aparecem o passear (P03 e P04) e visitar os familiares (P01 e P04). Os pais também comentam que vão com seus filhos à praia (P02), ao shopping (P01) e ao teatro (P01).

Tabela 5

Tarefas que o pai realiza, frequência e gostos do pai e do filho

Pai	O que o pai faz com o filho	O que o pai faz com maior frequência com o filho	O que o pai mais gosta de fazer com o filho	O que o filho mais gosta de fazer com o pai
P01	<ul style="list-style-type: none"> - ir ao parque; - jogar bola; - jogar videogame; - contar histórias; - ver TV; - de carrinho; - de quebra-cabeça; - jogos de encaixe; - andar de bicicleta; - brincar no geral. 	<ul style="list-style-type: none"> - ver TV; - de quebra-cabeça; - jogos de encaixe. 	<ul style="list-style-type: none"> - jogar videogame. 	<ul style="list-style-type: none"> - jogar videogame; - ver TV; - de quebra-cabeça; - jogos de encaixe.
P02	<ul style="list-style-type: none"> - andar de bicicleta; - no escorregador; - no balanço; - jogar bola; - ver TV; - brincar no geral. 	<ul style="list-style-type: none"> - andar de bicicleta. 	<ul style="list-style-type: none"> - andar de bicicleta. 	<ul style="list-style-type: none"> - andar de bicicleta; - no escorregador; - no balanço; - jogar bola.
P03	<ul style="list-style-type: none"> - jogar bola; - ver TV; - de bonecos; - de carrinho; - andar de bicicleta; - andar de carrinho/moto; - ir ao parque; - brincar no geral. 	<ul style="list-style-type: none"> - jogar bola; - andar de bicicleta; - brincar no geral. 	<ul style="list-style-type: none"> - jogar bola. 	<ul style="list-style-type: none"> - jogar bola; - andar de carrinho/moto.
P04	<ul style="list-style-type: none"> - ver TV; - ir ao parque; - desenhar; - de quebra-cabeça; - com areia; - andar de bicicleta; - no balanço; - brincar no geral. 	<ul style="list-style-type: none"> - ir ao parque; - com areia. 	<ul style="list-style-type: none"> - andar de bicicleta. 	<ul style="list-style-type: none"> - ir ao parque; - com areia.

7.3.2 Categoria 2 - Disponibilidade

A categoria denominada “Disponibilidade²²” abarca a disponibilidade de tempo do pai para estar com o filho. Assim, ela se refere à influência do trabalho no tempo que os pais ficam disponíveis para o filho, bem como a forma como aproveitam esse tempo “disponível”. A Tabela 6 evidencia esta categoria, a qual possui as seguintes subcategorias: Trabalho e participativo.

Tabela 6

Categoria Disponibilidade, suas subcategorias e elementos de análise

Categoria	Subcategorias	Elementos temáticos
Disponibilidade	Trabalho	fica menos tempo com o filho fica muito tempo com o filho organiza a rotina familiar
	Participativo	participativo

A subcategoria “trabalho” alude ao trabalho do pai. Verificou-se que o trabalho interfere diretamente na disponibilidade de tempo do pai com a criança. Os pais P01 e P03, devido a sua carga horária de trabalho, não conseguem ficar mais tempo com o filho:

A participação pra mim é, eu acho que eu não poderia assim, só se eu não trabalhasse, se eu não trabalhasse eu poderia participar melhor, mais da vida dele (...) (P01).

Já a flexibilidade e a carga horária dos trabalhos de P02 e P04 permitem que eles consigam passar mais tempo com suas filhas. Ressalta-se também que, nas quatro famílias, o trabalho do pai organiza a rotina familiar. Isso é evidenciado na fala de P04:

(...) Quando eu não trabalho a gente acorda junto. (...) Quando eu trabalho minha esposa já deixa ela arrumadinha pra não perder muito tempo (...) aí já deixa ela pronta e já levo. E quando eu folgo, eu arrumo mesmo, até porque tem dias que a minha esposa trabalha, então eu ajeito tudo (...).

²² A Tabela 15, que se encontra no Apêndice G, apresenta uma síntese dos principais resultados desta categoria.

A subcategoria “participativo” recebeu este nome porque evidenciou-se que no momento em que os pais não estão trabalhando e estão disponíveis para os filhos, eles costumam participar de alguma forma, ou interagindo²³ com o filho ou auxiliando a esposa nas tarefas domésticas. Isso é reforçado pela fala de P03:

Dá pra dizer que hoje eu vivo em função dele. Eu digo, eu falo brincando que hoje eu faço duas coisas, eu trabalho, se eu não estou trabalhando eu estou cuidando do [nome do filho], se eu não estou cuidando do [nome do filho], eu estou trabalhando, claro que às vezes tem alguns momentos que eu faço alguma coisa de lazer que ele não está junto, às vezes eu jogo um futebolzinho, eu gosto de andar de barco, às vezes a gente sai de barco e ele não está indo muito, ele tem um pouco de medo, mas bem, é bem pouco assim. Praticamente, sempre até nos meus momentos de lazer eu estou sempre com ele.

7.3.3 Categoria 3 - Responsabilidade

A categoria denominada “Responsabilidade²⁴” (Tabela 7) se refere às atividades que são de responsabilidade do pai, ou seja, as atividades que ele assume com relação à casa e com relação ao filho. Também inclui o fato de o pai se colocar como ajudante da esposa na maioria das tarefas. Essa categoria possui como subcategorias: As tarefas sobre o filho e as tarefas da casa.

A subcategoria “tarefas sobre o filho” remete às atividades que o pai assume com relação ao filho. Três pais (P01, P02 e P04) afirmam que acompanham a saúde do filho, desde levar ao médico como dar medicação quando necessário. Levar e buscar o filho da escola é função de P01, P02 e P04, e P03 compartilha essa responsabilidade com sua esposa (nos demais, às vezes a esposa busca/leva). P01 e P03 são os responsáveis por levantar à noite quando o filho chama, para trocar a fralda ou dar a mamadeira. P04 diz que é ele quem penteia o cabelo de sua filha todos os dias.

²³ Ressalta-se que o interagir com o filho remete à categoria “interação”. Contudo, mantém-se a subcategoria “participativo” na categoria “disponibilidade” por se referir à percepção que os pais possuem do tempo que estão disponíveis aos seus filhos, a qual inclui participar da vida do filho (interação) ou participar das tarefas da casa.

²⁴ A Tabela 16, que se encontra no Apêndice G, apresenta uma síntese dos principais resultados desta categoria.

Tabela 7
Categoria Responsabilidade, suas subcategorias e elementos de análise

Categoria	Subcategorias	Elementos temáticos
Responsabilidade	Tarefas sobre o filho	divisão/ajudante acordar à noite levar/buscar escola pentear o cabelo acompanhamento de saúde
	Tarefas da casa	divisão/ajudante provedor arrumar a mesa para o café dar banho no cachorro fazer compras lavar a louça lavar o carro limpar vidros varrer passar aspirador de pó preparar café

A divisão dos cuidados do filho foi relatada por todos os pais, os quais dividiram o que compete à esposa e a eles, conforme a rotina familiar e os gostos de cada um. Com exceção de P03 (que busca uma divisão igualitária), os demais pais alegam que grande parte dos cuidados fica sob responsabilidade da esposa. P01 exemplifica essa divisão:

(...) De madrugada eu sou o vigilante, é eu quem acorda, porque, como eu ia pro trabalho, ela não poderia, os dois acordar, não adiantou, daí a gente combinou assim, já que é pra acordar alguém, então eu acordo, trato ele, porque muitas vezes era “mamã”, ou tirar a fralda, trocar a fralda, então eu fazia isso, pra ela ficar com o sono tranquilo e de dia ela assumia (...).

Ainda sobre os cuidados com os filhos, quando os pais foram questionados sobre quem cuida da criança quando ela não está na escola, os pais alegam que, quando a mãe não pode ou não está presente, eles são os responsáveis pelo cuidado da criança. Ou seja, a mãe ainda é colocada como a principal responsável.

A subcategoria “tarefas da casa” se refere às tarefas que os pais realizam com relação a casa e que são de sua responsabilidade. Verifica-se que três (P01, P02 e P04) dos quatro pais são os principais contribuintes para a renda da família, e um dos pais (P03) divide o sustento da casa com a esposa. Além disso, todos os pais afirmam que lavam a louça, e P01 e P02 também fazem as compras (como trazer pão, por exemplo). P01 também mencionou que é ele quem prepara o café, arruma a mesa para o café, limpa os vidros e passa aspirador de pó na casa. P04 também comenta que é ele quem dá banho no cachorro, lava o carro e varre a casa. Os quatro pais também alegam que dividem as tarefas da casa, mas, assim como os cuidados do filho, P01, P02 e P04 relatam que a maior parte das tarefas fica com suas esposas. P02 relata essa divisão, que não é rígida, mas é definida:

A gente não tem assim uma tarefa específica, a única coisa que eu nunca faço, a não ser que a [nome da esposa] não pode é limpar a casa, arrumar as roupas, essas coisas eu nunca faço. Mas do resto, lavar a louça, cozinhar, fazer compras, isso quase sempre é eu que faço.

O termo “ajudante” apareceu em resposta à pergunta sobre como o pai participa dos cuidados com a casa e com o filho, ou seja, os pais se colocam como ajudantes da esposa. A fala de P04 evidencia essa situação: “*Até porque se não ajudar também fica complicado, todo dia tudo pra mulher, tem que ajudar um pouco também*”.

7.3.4 Categoria 4 – Padrões de relacionamento

A categoria “Padrões de relacionamento²⁵” se refere aos padrões de interação entre os membros da família e subdivide-se nas seguintes subcategorias, as quais foram embasadas nas divisões realizadas por Marchetto (2012): Relacionamento na família de origem; relacionamento com a família de origem; relacionamento com a família do cônjuge; relacionamento conjugal; e relacionamento parental. Ressalta-se que nem todos os padrões de relacionamento da família foram explorados, logo, quando não explicitado o tipo de relacionamento nos genogramas ou na discussão de alguns membros da família, significa que o pai não discorreu sobre aquele relacionamento de modo que o mesmo pudesse ser classificado dentro dos tipos

²⁵ A Tabela 17, que se encontra no Apêndice G, apresenta uma síntese dos principais resultados desta categoria.

estabelecidos. A Tabela 8 apresenta essa categoria, suas subcategorias e os tipos de relacionamento que apareceram nas falas dos pais.

Tabela 8

Categoria Padrões de Relacionamento, suas subcategorias e elementos de análise

Categoria	Subcategorias	Tipos de relacionamento
Padrões de relacionamento	Relacionamento na família de origem	relacionamento harmônico; relacionamento muito estreito; relacionamento fundido e conflitual; relacionamento conflituoso; relacionamento vulnerável; relacionamento distante; rompimento.
	Relacionamento com a família de origem	
	Relacionamento com a família do cônjuge	
	Relacionamento conjugal	
	Relacionamento parental	

Na subcategoria “relacionamento na família de origem”, incluíram-se os padrões de relacionamento mantidos entre os membros das famílias de origem dos cônjuges (Marchetto, 2012). Assim, verifica-se que, nas famílias de origem dos pais, predominam relacionamentos harmônicos (P02 e P04), relacionamentos conflituosos, fundido e conflitual (P01), e também, predomínio de relacionamentos distantes (P03). P04 fala do relacionamento de seus pais, classificado como relacionamento harmônico: *“Eles estão há 40 e poucos anos casados, acho que não tem muito o que [risos]. Ah, todo casal deve ter uns, néh, eles não têm nada que, nada que demonstrem... tranquilo o casamento deles.”*

Já nas famílias de origem das esposas, na família da esposa de P02 constata-se o predomínio de relacionamentos distantes, como se exemplifica no seguinte trecho: *“Todos eles não tinham essa afetividade, sempre foi um relacionamento assim, respeitoso, mas sem troca de informações... de conversa”* (P02 falando do relacionamento dos irmãos da esposa com o pai da esposa). Contudo, também se verificaram relacionamentos muito estreitos na família da esposa de P04, o qual discorre sobre o relacionamento dos irmãos da esposa com os pais da mesma: *“Bem tranquilo, muito bom. Eles são muito família, também porque onde eles moram não tem muito movimento, então eles são bem apegados assim”* (Relacionamento classificado como muito

estreito). Nas famílias das esposas de P01 e P02, não se verificou predomínio de algum tipo de relacionamento.

A subcategoria “relacionamento com a família de origem” trata das relações existentes entre cada cônjuge com sua família de origem (Marchetto, 2012). Verifica-se, nas famílias dos pais, um predomínio de relacionamentos harmoniosos com suas famílias de origem:

Eu tenho mais contato com esse irmão mais velho. (...) Sempre houve essa proximidade com o mais velho. (...) Só esse meu irmão mais velho que ele sempre vem pra cá, quase uma vez por mês, no verão ele sempre vem, eles sempre passavam as férias, quando eram casados, eles sempre passavam as férias aqui (P03 falando de seu relacionamento com seu irmão mais velho).

Outras formas de relacionamentos dos pais com suas famílias de origem também foram encontradas. Assim, evidenciou-se também relacionamento muito estreito, distante, vulnerável e rompimento.

Já as esposas com suas famílias de origem, constata-se o predomínio de relacionamentos harmoniosos em E01 e E03, distantes em E02 e muito estreito em E04. Outras formas de relacionamento das esposas com suas famílias de origem também foram evidenciadas como fundido e conflitual e rompimento. Um exemplo de rompimento é evidenciado entre a esposa de P03 e seu pai (pai dela): “*A minha mulher não tinha contato com ele, eu nem o conheci. (...) Ela nem quis mais saber dele. A [nome da esposa] que rompeu com ele.*”

No “relacionamento com a família do cônjuge”, ressaltaram-se os relacionamentos entre um cônjuge e a família do seu companheiro (Marchetto, 2012). Verifica-se que todos os pais possuem relacionamentos harmoniosos com a família de origem da esposa. Esse relacionamento é evidenciado no seguinte trecho:

Os meus cunhados assim, eu não tenho muito contato, porque geralmente quando a gente vai lá, geralmente a gente fica na casa dos pais. (...) O que a gente vai mais é na casa de duas irmãs, essas duas, essas duas famílias a gente, eu conheço bem e a gente se relaciona bem (...). E os dois, esse casal tem um casal também de filhos que também se dá muito bem(...). Então a gente sempre vai lá e tal, joga baralho também, gosto também muito do meu concunhado, néh?! A gente se dá muito

bem (...) são os que eu mais me dou assim, o resto, até ela mesmo não vai assim, não vai visitar muito (P01 falando do seu relacionamento com dois cunhados).

Já com relação ao relacionamento das esposas com a família de origem dos pais, verifica-se o predomínio de relacionamentos harmoniosos, mas há também relacionamentos do tipo: Vulnerável, distante e rompimento. P01 fala do relacionamento de sua esposa com seu irmão (irmão de P01):

Meu irmão já não. Meu irmão assim, não que ela não gosta, mas ela não é assim, gosta dele e tudo, mas não é assim, não é que não simpatiza, mas é justamente assim por ser mulher, ela fica mais achegada às mulheres da minha família (relacionamento classificado como distante).

A subcategoria “relacionamento conjugal” refere-se ao relacionamento estabelecido entre o casal. Os casais P01 e P03 revelaram ter um relacionamento harmonioso, enquanto os casais P02 e P04 demonstram ter um relacionamento muito estreito. As falas dos pais exemplificam a classificação:

Olha, um relacionamento assim bem tranquilo, bem amoroso, a gente se entende bem, a gente graças a Deus fez 17 anos que a gente se conheceu, a gente tem a nossa história, como qualquer namorado, que termina, que volta, aquela coisa toda, e assim, depois que a gente casou também, nos mudamos algumas vezes, e de modo geral assim, tem uma e outra questãozinha que a gente briga e tal, mas nada... bem tranquilo assim. Ela, eu sinto que ela me ama bastante, eu também demonstro isso pra ela, é um relacionamento bem estável (P01 – relacionamento harmonioso);

A gente leva uma vida muito simples, muito tranquila. Sem segredos, sem especulações, sem ciúmes (P02 relata também, ao longo da entrevista, que após conhecer sua atual esposa, não conseguiu ficar longe dela – relacionamento muito estreito).

Ao serem questionados sobre o seu envolvimento paterno quando o casal está em conflito, dois pais afirmaram que nada muda (P03 e P04), e um deles relata que se envolve mais (P01). O outro pai (P02) negou a existência de conflito entre ele e a esposa.

A subcategoria “relacionamento parental” abarca o relacionamento pai-filho e mãe-filho. Evidenciou-se como relacionamento parental dois tipos de relacionamentos: Relacionamentos muito estreitos (E02-F02; P03-F03; P04-F04 e E04-F04) e relacionamentos harmoniosos (P01-F01; E01-F01; P02-F02; e E03-F03), não havendo prevalência de nenhum desses tipos. As falas abaixo exemplificam esses tipos de relacionamento.

Acho que se fosse mais [envolvido] ia ser demais até. Eu acho que eu sou muito envolvido. Como eu te disse, ele é a coisa principal. (P03 falando do seu relacionamento com o filho, classificado como muito estreito).

Relacionamento em geral é ótimo, não tem aquele grude todo, não tem, nem comigo também. E com ela assim, é super especial. É um relacionamento carinhoso, total, tem umas briguinhas, de dar tapa, de gritar, mas a gente sabe que isso aí é coisa da idade. Mas assim, ela adora ele também, ama de paixão, ela vive praticamente, o dia todo, a rotina dela está voltada pra ele. Sua atenção é voltada à atenção a ele (P01 falando do relacionamento que a esposa possui com o filho – relacionamento classificado como harmonioso);

É uma paixão as duas. Dormem abraçadinhas, estão sempre grudadas uma na outra (P02 falando do relacionamento de sua esposa com sua filha – relacionamento muito estreito).

7.3.5 Categoria 5 - Criação

A categoria “Criação²⁶” (Tabela 9) alude a educação que os pais dão aos filhos, a qual é perpassada pelos modelos de educação que os próprios pais receberam. Assim, educação e modelos são as duas subcategorias dessa categoria.

²⁶ A Tabela 18, que se encontra no Apêndice G, apresenta uma síntese dos principais resultados desta categoria.

Tabela 9
Categoria Interação, suas subcategorias e elementos de análise

Categoria	Subcategorias	Elementos temáticos
Criação	Educação	imposição de limites obediência aos pais ensinar o que é certo punição meio-termo estratégias
	Modelos	acaba repetindo coisas boas e ruins busca repetir somente os aspectos positivos ser um pai diferente do pai que teve mescla da educação que recebeu ser pai como o próprio pai quer ser exemplo para o filho

A subcategoria “educação”, indica como os pais percebem que educam seus filhos. Os quatro pais mencionaram a importância da imposição de limites para a educação de seus filhos. P01 alega que, em sua casa, é ele quem mais impõe limites, P02 e P04 alegam que são suas esposas, e P03 afirma que ele acha que é ele, mas sua esposa acha que é ela. P01, P03 e P04 reforçam a importância da criança obedecer aos pais e quando isso não acontece, de receber algum tipo de punição (geralmente o castigo, mas P01 fala que já fez uso da “palmada pedagógica” [sic]). P01 e P03 afirmam que buscam ensinar o que é certo, o que pode ser exemplificado na seguinte fala:

(...) É aquilo que eu disse, tem que educar, tem que dizer o que é certo, o que é errado, o que pode e o que não pode, às vezes ele não entende, não aceita. Não é uma tarefa fácil. Mas por outro lado é gostoso. Gratificante, digamos. Mas que é difícil, é difícil (P03).

P01, P02 e P04 falam de estratégias que utilizam para fazer o filho lhes obedecer, como negociar com a criança. P02 explica:

(...) Se você for incisivo em determinadas coisas pra ela, ela é teimosa, e ela revida e faz o que você não quer, então nós descobrimos que tem jeito pra [nome da filha] fazer as coisas,

se você pede, “oh, [nome da filha], por favor, não faça isso”, e ela insiste, tu deixa, pede daqui a pouco devagarinho... com jeitinho, “ata, então tá” aí ela faz. Então ela não pode ser assim, contrariada. Mais nas coisas, ela assim, irrita muito fácil, então a gente aprendeu a lidar assim com ela e normalmente dá certo. E se não dá certo a gente deixa ela se acalmar um pouco. Pra não discutir com ela, pra não brigar com ela.

Os pais e as mães também falam que buscam conversar e encontrar um “meio-termo” no que se refere ao filho, fazendo combinações entre ambos para entrarem em um consenso sobre como agir com o filho. Essas combinações vão desde a não dar doce para a criança antes das refeições (como no caso de P04) a cuidar para um pai não desautorizar o outro na frente do filho (como evidencia P01).

A subcategoria “modelos” remete aos modelos que os pais receberam de educação quando crianças e que interferem na educação que os pais dão aos seus filhos. Essa subcategoria revela que P02 e P04 buscam ser pais como os pais que tiveram, mas que P01 e P03 buscam ser diferentes do pai que tiveram, lembrando que era um relacionamento distante.

Os pais (P01 e P02) contextualizaram o papel de pai de seus próprios pais justificando a forma que seus pais agiam, alegando que “na época era assim” (sic). P01 retrata o processo de reavaliação dos modelos de pais que teve para buscar criar o seu próprio modelo, com sua esposa, de como educar o seu filho:

Então, estou tentando também, separar os pontos negativos da educação que eu tive, minha educação foi uma educação assim, rígida, mas eu fui criado por essa educação, e os aspectos positivos, meu pai era um, era uma pessoa que não transmitia, que eu me lembro, muito carinho, muito afeto, a gente sabe que ele gostava da gente, néh, minha mãe não, minha mãe era toda dengosa, aquela coisa toda, meu pai era muito exigente, muito explosivo, entendeu? Então isso logicamente eu não quero passar pra essa geração. Então eu tive muito isso da minha mãe, eu puxei isso da minha mãe, é uma mescla em termos de exigência e em termos de não brigar muito e tal, assim, às vezes até eu me passo, brigo um pouquinho mais e tal, mas a gente fica sentido (...) eu tenho

como modelo as coisas boas, (...) eu estou tentando tirar os aspectos positivos da educação dele, essa coisa rígida, porque falta um pouco de carinho e de afeto. Mas eu também puxo bastante da minha mãe, minha mãe também, minha mãe teve, tem até hoje grande participação na nossa educação, e eu tento fazer essa mescla das coisas boas pra passar pra ele, néh?! Junto com minha esposa também que teve uma educação parecida. Minha esposa teve uma educação bastante parecida com relação à mãe dela, então a gente tenta passar isso pro [nome do filho], mas sempre focando no aspecto do amor, do amor incondicional, do afeto, do carinho, pra ele ir, e tem aquela, e sem deixar de lado os limites.

Ainda nessa temática, P01 e P04 afirmam que desejam ser um exemplo para seus próprios filhos. Ou seja, querem ser um exemplo de bom pai/boa pessoa.

7.3.6 Categoria 6 - Sentimentos e percepções do pai com relação ao filho

A categoria denominada “Sentimentos e percepções do pai com relação ao filho²⁷” engloba o amor como sentimento dos pais com relação aos filhos, medos e preocupações com relação à criança, a percepção de que o filho sempre foi deles, esquecendo-se muitas vezes de que o mesmo é adotado, e as semelhanças evidenciadas entre pai e filho. A Tabela 10 evidencia esta categoria, a qual tem como subcategorias: Amor, medo/preocupação, pertencimento e semelhança.

Um dos sentimentos mencionados pelos pais é o “amor”, o qual se tornou uma subcategoria, por ser como os pais nomeiam o sentimento pelos seus filhos. P01 e P02 falam do amor sentido como algo instantâneo no momento em que conheceram a criança e que sentem que esse amor “maravilhoso” (sic) é algo que facilita seu envolvimento paterno. Por outro lado, ao serem questionados se existe algo que dificulta seu envolvimento com o filho, os quatro pais afirmaram que nada dificulta.

A fala de P01 exemplifica esse sentimento:

(...) A gente foi lá conhecer a criança e assim, parece que ela já tinha saído da maternidade, porque, foi uma coisa

²⁷ A Tabela 19, que se encontra no Apêndice G, apresenta uma síntese dos principais resultados desta categoria.

tão... uma empatia, uma afinidade, um amor que logo se criou (...) mas, foi assim, amor à primeira vista, claro que ninguém ama assim à primeira vista, mas digo naquela conotação, que todo mundo gostou, minha família toda assim, vê ele como uma criança iluminada, e foi bem legal.

Tabela 10

Categoria Sentimentos e percepções do pai com relação ao filho, suas subcategorias e elementos de análise

Categoria	Subcategorias	Elementos temáticos
Sentimentos e percepções do pai com relação ao filho	Amor	muito apegado mais apegado ao pai maravilhoso facilita o envolvimento instantâneo maior/igual que de filho biológico
	Medo/preocupação	em adotar em conhecer a criança reação da criança em saber da adoção saúde da criança que se envolva com drogas com a diferença de idade
	Pertencimento	nosso filho esquece que o filho foi adotado
	Semelhança	física personalidade/jeito de ser herdada destino

P02 imagina que o amor que sente pela filha não deva ser diferente de um amor por filhos biológicos. Já P01 fala que acredita que o amor que sente pelo seu filho adotivo seria igual ou maior do que o amor que sentiria por um filho biológico. O pai P04 também relata se sentir muito apegado à sua filha. E este pai com P03 alegam que percebem seus filhos mais apegados a eles do que a suas esposas.

Outra subcategoria que emergiu foi “medo/preocupação”, pois os pais também relataram sentimentos de medo e/ou preocupação com relação a diversos aspectos, tais como, com relação à saúde da criança (P01, P02 e P04), para que a mesma não adoecia. Medos e preocupações com relação a ter um filho adotivo também apareceram:

Sinceramente eu tinha um pouco de reticências porque nunca na minha família tinha história de adoção, a gente sempre ouviu casos e tal de situações da criança que vem com trauma, aquela coisa toda, eu tinha realmente medo assim, medo, um receio, mas depois eu fui avaliando, refletindo e tal... (P01).

P03 também comenta:

(...) Preconceito, eu acho, sei lá. Eu, sabe que eu tinha também, eu tinha muito medo de como eu ia me sentir em relação a ele por ele não ser meu filho, quer dizer, eu achava isso (...) É, isso que eu estava te dizendo, eu tinha muito medo de como é que eu ia me sentir em relação a ele, eu achei que eu poderia até não gostar dele, sei lá, passava isso na minha cabeça, mas não existe. Como eu te disse, é intenso. É muito grande.

Outros medos também emergiram. Dentre esses medos, tem-se: O medo de P04 com relação à reação da filha quando esta souber que é adotada; medo de P03 com relação à diferença de idade dele para com o filho; e medo de P01 de que o filho se envolva com drogas.

Os quatro pais relatam um sentimento de “pertencimento” com relação ao filho, fazendo emergir uma subcategoria com este nome. Isso se verifica na fala de P01:

O sentimento que a gente tem hoje, e que até outras pessoas mais chegadas também têm é que ele foi sempre nosso. Assim sabe, que saiu da barriga, foi parto normal, que ele foi sempre nosso. É um sentimento que a gente tem.

P01, P02 e P03 inclusive relatam que esquecem que o filho é adotado. Isso pode ser exemplificado na fala de P03:

Hoje eu nem lembro que ele é adotado [pai se emociona]. É tanto assim, que às vezes a gente fala umas coisas que não se dá conta, eu sou baixo e minha mulher é baixa também, e às vezes a gente fala pro [nome do filho] que ele vai crescer “ah, mas nós somos baixinhos!”, sabe?! É uma coisa tão já... ele é o

meu filho mas a gente pensa às vezes como se ele fosse realmente filho biológico também, daí se dá conta, perai, não tem nada a ver, mas a gente chega às vezes a pensar isso, “ah, ele não vai crescer muito porque nós somos baixos”, entendeu?! Depois a gente se dá conta [pai se emociona].

A subcategoria “semelhança” se refere à percepção de que o filho é parecido com o pai. Os quatro pais relatam que as pessoas com as quais convivem alegam semelhança física entre eles e o filho(a), como se os filhos fossem biológicos. P04 afirma que não concorda com essa semelhança. A fala de P04 indica a situação por ele vivenciada:

O pessoal que fala, o pessoal de fora, o pessoal que fala “Nossa, ela é muito parecida contigo!”. Até no começo (...) pra ter ideia, quando a [nome da criança] veio, o pessoal começou a falar tanto, o pai e a mãe, que ela [filha] era parecida comigo, que ela [esposa] encasquetou na cabeça que ela era filha minha mesmo, que eu tinha feito uma filha fora (...). Mas todo o pessoal de fora, que começa a conversar, que nunca viu, até mesmo um dia “ah, como ela é parecida contigo”, depois eu falo, “é adotivo, é minha filha por adoção”, “ah, é mentira tua!”, eu digo “não é mentira não, é verdade!” até... eu particularmente não acho [parecido], mas cada um, cada um (...). Eu me acho pai normal, não adotivo, pra mim adotivo (...) não sei, ela é bem parecida comigo e ser pai adotivo pra mim é como se fosse ser pai normal, pai adotivo e pai, acho que ser pai já basta.

Outra semelhança evidenciada é quanto à personalidade, verificada por P02 ao falar que ele e sua filha são muito parecidos no jeito de ser. P01 também verifica essa semelhança ao falar que ele e o filho são impacientes, carinhosos e têm uma atenção dispersa.

Ainda sobre as semelhanças, P01 comenta: “(...) Até hoje ele tem e eu também tenho bronquite, tive a minha vida toda, é uma coisa também que puxou assim de mim, néh?!”. P01 acredita que essas semelhanças, e inclusive o fato de a esposa ter enjoado antes da chegada do filho, indicam que o filho era para ser deles.

7.3.7 Categoria 7 – Experiência em ser pai

A categoria denominada “Experiência em ser pai”²⁸ se refere a como o pai descreve a transição para a paternidade, os sentimentos e como se descreve como pai. A Tabela 11 evidencia esta categoria, a qual possui as seguintes subcategorias: Tornar-se pai, sentimentos em ser pai e como se percebe como pai.

Tabela 11

Categoria Experiência em ser pai, suas subcategorias e elementos de análise

Categoria	Subcategorias	Elementos temáticos
Experiência em ser pai	Tornar-se pai	do dia para a noite marco na vida muda a vida no dia a dia
	Sentimentos em ser pai	bom/prazeroso experiência única gratificante surpreender-se
	Como se percebe como pai	paizão/bom pai impaciente presente preocupado carinhoso papel importante amigo provedor protetor atencioso

A subcategoria “tornar-se pai” se refere a esse processo de transição para a parentalidade e foi experienciada de diferentes maneiras. P01 relata “(...) Assim, me colocaram o crachá de pai de um dia pro outro, então foi bem assim, estressante, mas pelo lado bom assim, porque a gente não tinha nada (...)”. P02 explicou que no dia a dia foi aprendendo a técnica de ser pai (como dar mamadeira e ir ao

²⁸ A Tabela 20, que se encontra no Apêndice G, apresenta uma síntese dos principais resultados desta categoria.

mercado com a criança). Os pais falam que a chegada do filho foi um marco em suas vidas. P03 relata:

Eu assim, a partir do momento que ele chegou, natural que seja, eu acho, ele passou a ser a coisa mais importante. Tudo o que a gente faz, foi uma mudança, brusca, radical na vida, porque quando tu não tem filho, tu faz o que quer, a hora que quer, programa férias, viagem, passeio, e a partir do momento que o guri chegou isso mudou completamente. Então a gente faz o que é possível fazer, quando dá pra fazer, e ele sempre é a coisa mais importante digamos, é uma coisa que a gente leva em consideração pra saber se a gente vai poder fazer determinado passeio, uma determinada viagem, enfim, tudo é planejado e feito em função dele, então mudou completamente (...) Não, não imaginava. Realmente eu não imaginava. A gente só vê como é que é quando está vivendo mesmo néh?! A gente sempre ouviu falar e tal, mas é uma mudança muito radical mesmo, a vida muda completamente.

A subcategoria “sentimentos em ser pai” abarca os sentimentos e a vivência em ser pai. Os sentimentos e a vivência em ser pai são relatados positivamente por todos os pais, os quais afirmam que é uma experiência muito boa: “*Eu só tenho a falar coisas boas. A experiência foi a melhor possível, a melhor possível*” (P01). Todos os pais também relatam que é gratificante ser pai. P01 afirma que se surpreendeu positivamente consigo mesmo, e P04 ressalta que para ele, ser pai é uma experiência única.

A subcategoria “Como se percebe como pai” é a percepção do pai a respeito de si mesmo como pai. Todos os pais afirmaram que seu papel é importante para a criança, e de modo geral, se percebem muito positivamente como pais. As seguintes frases exemplificam essa percepção: “*Olha, em termos de qualidade eu acho que eu posso me dizer que eu sou um pai, um pai, acima da média*” (P01); “*Eu acho que eu sou um excelente pai*” (P02); “*Cuidadoso, preocupado... que mais?! Responsável... Eu assim, a partir do momento que ele chegou, natural que seja, eu acho, ele passou a ser a coisa mais importante*” (P03); “*Ah, um pai bobão (...) acho que [minha participação] é show de bola, acho que é essencial*” (P04). Os pais também se percebem como amigos do filho (P02 e P04), preocupados com o filho (P01 e P03), atenciosos

(P02), carinhosos (P01 e P02), protetores (P02 e P03), provedor (P02), participativo (P01), mas também impaciente (P01).

7.3.8 Categoria 8 – Processo de adoção

A categoria denominada “Processo de adoção²⁹” (Tabela 12) inclui os desejos que envolvem o processo de adoção, as motivações para a mesma, a reação das famílias com relação à decisão pela adoção, a idealização do filho, os sentimentos que perpassam pelo processo de adoção e o contar ao filho sobre a adoção. Cada um desses temas que compõem essa categoria (desejos, motivações, idealizações, sentimentos da espera à chegada da criança, reações da família e contar ao filho sobre a adoção) foram elencados como subcategorias, sobre as quais será apresentado a seguir.

A subcategoria “desejos” retrata o desejo em ter um filho, o desejo das famílias de que o casal tenha filhos, o desejo em adotar, bem como o desejo pela criança que seria adotada. Abaixo segue uma breve descrição de como o desejo foi evidenciado nos pais.

O desejo ou falta de desejo em ter um filho é evidenciado pelos pais da seguinte forma: Os pais P01 e P04 relatam que eles e suas esposas desejavam ter um filho. Contudo, os pais P02 e P03 relatam que eles não tinham esse desejo: “*Não, não, eu nunca tinha... eu nunca tive muito esse desejo. Nunca me chamou muito atenção ser pai. Sabe, não era uma coisa que fosse na época pra mim muito importante*” (P03). As famílias também expressam o desejo de que o casal tenha filhos, e isso é expresso na fala de P04: “*Eles também queriam, eles que me enchem o saco mais pra ter filho não sei o que... ‘Não vai ter?’, puxa, todos em cima, ‘Não, tem que ter! tem que ter!’*”.

No que se refere ao desejo em adotar uma criança, foi P02 quem tomou a iniciativa por sugerir a adoção, já que em sua família ele tem primos adotivos. Os demais pais relatam que a iniciativa foi da esposa e, inclusive, P01 e P04 comentam que desejam adotar o segundo filho, desejo este evidenciado pelas esposas: “*Inclusive a gente tá pensando em adotar de novo outra criança, uma menina, minha esposa tá bem tendente a isso, a gente ainda está evoluindo nesse projeto*” (P01); “*Bem legal, assim, a minha esposa também, ela ficou bem contente, tanto é que está pensando até em adotar outra já*” (P04).

²⁹ A Tabela 21, que se encontra no Apêndice G, apresenta uma síntese dos principais resultados desta categoria.

Tabela 12

Categoria Processo de adoção, suas subcategorias e elementos de análise

Categoria	Subcategorias	Elementos temáticos
Processo de adoção	Desejos	ter filho não ter filho da família criança recém-nascida adotar
	Motivações	infertilidade caridade ter alguém para lhes cuidar
	Reações da família	aceitação estranhamento felicidade tranquilidade
	Idealizações	menino como o pai realismo saudável
	Sentimentos: Da espera à chegada da criança	ansiedade/demora alegria surpresa/despreparado
	Contar ao filho sobre a adoção	momento aos poucos/indiretamente compreensão filho do coração não sabe como

Evidenciou-se o desejo dos pais em adotarem um bebê:

(...) A gente queria uma criança recém-nascida, por essa questão que a gente sabe que a criança depois dos 3, 4, 5 e mais adiante ela já tem uma carga e muitas vezes, quase todas às vezes negativa, das situações que ela passou, do ambiente que ela ficou, do amor que faltou, enfim, de tudo de ruim assim, claro que seria um impedimento, um obstáculo, mas que a gente poderia contornar, só que, além disso, a gente queria, eu fiz questão de quando me cadastrei, quando nos cadastramos pra adoção, de ser uma criança recém-nascida porque a gente

queria passar todas as fases, a gente queria passar a fase da fralda, queria passar a fase da criança aprendendo a andar, aprendendo a falar mamãe, papai, isso tudo, eu não queria perder, eu queria passar esses momentos (...) (P01).

O desejo pela criança que seria adotada é explicitado por P04 e P01. P04 afirma que quando lhe ligaram para falar da criança, ele já a queria, sem antes conhecê-la, como se evidencia na seguinte frase:

Eu disse “eu não quero nem ver, eu já quero! Eu já quero!” [risos], a minha esposa foi lá, toda ansiosa pra chegar no hospital, queria no hospital primeiro antes de chegar no [local]. Aí ela levou nós lá, aí já na hora que viu [pai se emocionou]... é complicado falar.

P01 também compartilha que, quando conheceram seu filho, desejaram levá-lo imediatamente para casa:

Foi uma coisa tão... uma empatia, uma afinidade, um amor que logo se criou ali que minha esposa “oh, eu quero levar ele hoje”, e não tinha passado pela audiência do juiz, não tinha nada, daí eu falei pra assistente social “oh, a gente quer levar a criança hoje, tal”.

A subcategoria “motivações” inclui as motivações para adotar uma criança. Verifica-se que o principal motivo é a infertilidade, verificada em todos os casais, após tentativas de ter filhos biológicos:

Aí a gente tentou ter filhos e não conseguimos, ela não engravidou. (...) A gente tentou um ano. Ter filho natural. E como não conseguiu, os dois já estavam com uma idade relativamente avançada nessa época, 40 e poucos, “ah, então vamos adotar!”(P03).

Todavia, também surge como motivação para adoção a caridade, mencionada por P01: “Até pela questão de dar um lar para uma criança que muitas vezes vai ter um futuro incerto ou mal futuro, então a gente conjugou todos esses aspectos pra fazer não: Vamos adotar”. Além da caridade, outra motivação que apareceu, elencada por P04, foi ter alguém para cuidar deles, quando envelhecerem.

A subcategoria “reações da família” abarca as reações dos familiares com relação à decisão do casal por adotar uma criança. Todos os pais afirmaram aceitação por parte das famílias e três delas, também, tranquilidade. A felicidade também foi mencionada (P04). Contudo, sentimentos como estranhamento também apareceram, como relata P03:

No início o pessoal também era, ficou meio assim “adotado... vão adotar?!” e tal e depois assim, todo mundo apoiou. Foi só o início que foi meio, sei não como vou te explicar exatamente, acharam estranho, talvez esse seja o termo. Viam com desconfiança, digamos assim o fato de ter um filho adotivo.

A subcategoria “idealização”, diz respeito à idealização sobre a criança, evidencia que os pais relataram o realismo da situação, como afirma P01:

A gente idealiza, mas com os pés no chão. Sabe, eu... nesse curso que a gente fez, foi bem importante isso que a gente... não é uma criança que a gente vai escolher, é uma criança que a gente vai acolher.

Embora eles procurem não idealizar nada, P01 e P03 mencionam que imaginavam uma criança saudável. P04 revela que esperava um menino para que fosse como ele.

A subcategoria “sentimentos: Da espera à chegada da criança” engloba alguns dos sentimentos vivenciados pelos pais no processo de adoção. Dentre os sentimentos, elenca-se a ansiedade relacionada à demora da chegada; a alegria quando a criança chegou; e a surpresa e sentimento de estar despreparado para a chegada.

A ansiedade com relação à demora na lista de espera é evidenciada por todos os pais, os quais alegaram que achavam que a adoção não iria mais acontecer. P02 afirma: “A gente esperava, mas não esperava, porque já haviam passado cinco anos, e eu vinha aqui seguido pra ver se eles não tinham nos tirado da lista de espera, mas não, era assim mesmo”. Essa demora é mensurada pelo tempo de espera pela criança (Tabela 13), cuja média foi de quatro anos e três meses.

Tabela 13

Tempo de espera

Pai	Tempo de espera
P01	3 anos
P02	5 anos
P03	5 anos
P04	4 anos

Os pais também retratam alegria no momento da chegada do filho. P04 comenta:

Aí ela ligou “tem uma menina, no hospital infantil, vocês estão interessados ainda?”, “óbvio, só minha esposa que não sabe ainda, já vou ligar pra ela”, ela estava vindo do caminho do serviço e ela [esposa] ficou toda eufórica... (...) aí eu fui pra casa, pegar roupa pra minha esposa, aí ela ficou sexta, sábado e domingo no hospital com ela [filha], e na segunda-feira de manhã ela teve alta. Aí levamos pra casa, aí a família toda eufórica, imagina?! (...) Mas foi bem legal. Bem legal, show de bola, não esqueço até hoje. (...) Ah, foi uma festa pra todo mundo, néh?.

Todos os pais revelaram um sentimento de surpresa e de estar despreparado no momento da chegada da criança. Eles falam que, embora estivessem esperando pela criança, a ligação avisando que ela havia chegado foi inesperada, e por isso, foi uma “correria” para organizar a casa para receber a criança. P01 relata:

Tivemos aquela surpresa, três anos depois, exatamente três anos depois (...) da gente ser chamado. Assim, até foi bem inesperado, porque a gente tava naquela aflição, passou dois anos a gente fica meio que, é normalmente o tempo que se leva (...) a gente não tinha nada, absolutamente nada, daí então fomos comprar fralda, comprar o que tu pode imaginar, néh?! (...) [Minha mãe] mais do que a gente não... foi pega de supetão (...). A chegada dele foi assim (...) estressante, mas pelo lado bom assim néh, porque a gente não tinha nada, o quarto não tava nada preparado, não tinha berço, nada do que tu pode imaginar, então ele dormiu num colchãozinho do nosso lado no primeiro dia, na primeira noite, e assim os dias foram

passando, e a gente foi se ajeitando, até pela questão psicológica, imagina néh, dar a mamadeira (...). Aí, pra nossa surpresa em [mês específico] recebi um telefonema à tarde no meu serviço, diz ele que tinha uma [criança] no abrigo pra gente conhecer. Aí caiu a casa, porque, totalmente inesperado, tu tá preparado, mas não está tudo bem, está preparada a situação, tu se prepara, mas não o momento.

A subcategoria “contar ao filho sobre a adoção” se refere a como os pais vão contar ou estão contando aos filhos sobre a adoção. P01, P02 e P03 relatam que estão contando aos poucos e de modo indireto, até que o filho tenha maior compreensão. Esse contar indireto é evidenciado por P01:

Sabe, ele não tem uma compreensão, logicamente, pela idade, não tem uma compreensão de tudo, mas a gente falou desde o ano passado, quando ele fez dois anos, a [nome da esposa] sempre, aos pouquinhos, foi falando, que todas as crianças nascem da barriga da mamãe, mas o [nome da criança] nasceu do coração da mãe, o coração da mãe cresceu, assim, de uma maneira mais, de história, mas já introduzindo, e claro, quando ele começar a ter mais idade, e for mais consciente, a gente vai contar tudo como é que foi.

O momento para contar ao filho sobre a adoção está relacionado à compreensão da criança. Isso pode ser um dos fatores que gera incertezas sobre como e quando contar sobre a adoção.

8. DISCUSSÃO

O presente estudo teve como o objetivo geral analisar a relação entre o envolvimento paterno com filhos adotivos e a estrutura familiar. Para isso, analisaram-se qualitativamente as características sociodemográficas, o processo de adoção, a estrutura familiar e o envolvimento paterno.

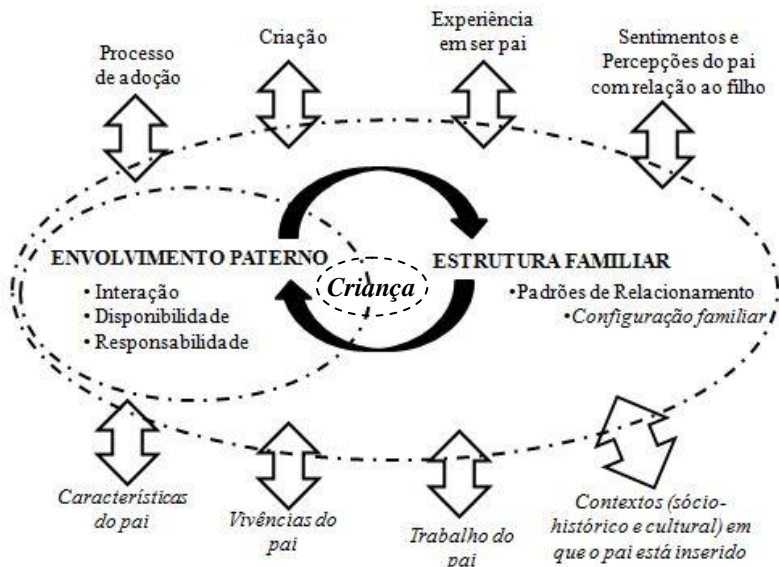


Figura 11. Relação entre as categorias.

A Figura 11 demonstra uma síntese que relaciona as categorias, na qual verifica-se que o envolvimento paterno é explicitado através das categorias “interação”, “disponibilidade” e “responsabilidade”, e a estrutura familiar é evidenciada por meio da categoria “padrões de relacionamento”. Contudo, a estrutura familiar não se refere apenas ao tipo de relacionamento, mas é diretamente influenciada por este, pois se entende que o tipo de relacionamento auxiliará a estabelecer as formas como, por exemplo, o pai irá se envolver com os filhos. Então, esclarece-se que a estrutura familiar remete também a como a família se organiza em termos de papéis e funções, os quais estão relacionados à configuração familiar. Por ser um conceito amplo e complexo, a estrutura familiar foi descrita através dos padrões de relacionamento para melhor abstrair o fenômeno e investigá-lo.

Ainda com relação à Figura 11, constata-se que o envolvimento paterno e a estrutura familiar se inter-relacionam, recebem influência e influenciam diversos fatores, entre eles, os aspectos evidenciados nas seguintes categorias: Processo de adoção; criação; experiência em ser pai; e sentimentos e percepções do pai com relação ao seu filho. Além disso, verifica-se que o envolvimento paterno está inserido na estrutura familiar, e segundo o relato dos pais, suas características, vivências, seu trabalho e o contexto em que estão inseridos interferem nessa estrutura e, conseqüentemente, em seu envolvimento paterno. Porém, essa interferência não é linear, e a estrutura familiar e o envolvimento paterno, também irão interferir nas características do pai, suas vivências, seu trabalho e contexto em que está inserido, sendo uma *causalidade circular recursiva*, a qual refere-se ao fato do produto ser produtor do próprio processo que o produz, podendo ser representado graficamente como uma espiral (Vasconcellos, 2010)..

Assim, neste capítulo, com base na análise dos resultados, busca-se responder aos objetivos específicos propostos³⁰, discutindo os achados através das semelhanças e considerando-se as particularidades dos casos. Também discutem-se brevemente outras questões relevantes exploradas, como o modelo de pai e criação dos filhos, sentimentos e percepções do pai; experiência em ser pai, processo de adoção e características sociodemográficas. Ressalta-se que grande parte das obras utilizadas para a discussão são estudos realizados com pais biológicos (visto que ainda são poucos os estudos com pais adotivos), o que reforça a suposta semelhança entre esses pais.

8.1 INTERAÇÃO, DISPONIBILIDADE E RESPONSABILIDADE COMO DIMENSÕES DO ENVOLVIMENTO PATERNO

Um dos objetivos específicos da presente pesquisa foi caracterizar o envolvimento de pais com filhos adotivos em termos de interação, disponibilidade e responsabilidade. Essas três dimensões são utilizadas para conceituar o envolvimento paterno (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997). A hipótese era: “O envolvimento paterno com filhos adotivos será semelhante ao o que a literatura relata de pais biológicos, ou seja, na interação se destacará a brincadeira; a disponibilidade do pai será maior quando a esposa trabalhar fora de casa, e a principal responsabilidade do pai será a de provedor na família”.

³⁰ A Tabela 22, que se encontra no Apêndice H, sintetiza os resultados dos objetivos específicos, considerando também as hipóteses.

Essa hipótese foi parcialmente corroborada, pois embora na interação se destacasse o brincar e o pai apresentar grande papel de provedor, a disponibilidade dos pais não pareceu ser influenciada pelo fato de a mãe trabalhar ou não fora de casa. Outras variáveis parecem interferir mais na disponibilidade do pai para com o filho, como o trabalho do pai. Além disso, verifica-se que embora apenas dois pais (P01 e P04) revelassem o desejo pela paternidade, os quatro estão “maravilhados” (sic) com a mesma, e possivelmente por isso, os resultados se assemelham aos estudos realizados com pais biológicos.

Na categoria “Interação”, verifica-se que o pai cuida do filho, conversa, demonstra afeto, brinca e possui momentos de lazer com o mesmo. Esses aspectos evidenciados em interação são, em sua maioria, referentes ao que Bronfenbrenner (1994) chamou de mesotempo, ou seja, interações que ocorrem com alguma periodicidade. Assim, essas formas de interação pai-filho relatadas pelo pai fazem parte do cotidiano das famílias.

Com relação aos cuidados, embora os pais se mostrem participativos, os cuidados mencionados não são realizados exclusivamente por eles. Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2012), ao estudarem o envolvimento paterno em bebês, também verificaram que os pais se envolveram com os cuidados do filho, embora nem sempre de maneira rotineira. Desse modo, embora o pai esteja envolvido nas atividades do cotidiano familiar, como os próprios resultados revelam, a mãe continua sendo a principal responsável pelo cuidado das crianças (Balancho, 2004; Bossardi, 2011; Fagan, 1997; Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008; Nunes & Vieira, 2009; Staudt & Wagner, 2008; Wall & Arnold, 2007).

Dois pais (P01 e P03) ressaltam que buscam tomar a iniciativa desses cuidados. Esse achado difere da afirmação de Balancho (2012) que alega que os homens, em geral, não tomam a iniciativa com relação aos filhos. Desse modo, parece que o “novo pai”, ou melhor, o estilo emergente de paternidade, além de estar mais envolvido com os filhos e a casa, nem sempre espera a mulher lhe pedir para fazer algo, tomando a iniciativa.

Ao serem questionados como aprenderam a cuidar de criança, três pais (P02, P03 e P04) afirmaram que foi através da convivência com outras crianças, apenas um (P01) contou que foi com seu próprio filho com auxílio da esposa. Verifica-se que essas vivências possibilitaram a esses pais sentirem-se competentes nos cuidados dos filhos, e, segundo Pleck (1997), tais habilidades podem contribuir positivamente para um

maior envolvimento paterno. O auxílio da esposa também revela a influência da mulher na relação pai-criança, uma vez que esta pode facilitar ou restringir o envolvimento paterno (Monteiro et al., 2010; Staudt & Wagner, 2008).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano afirma que as características pessoais (neste caso, do pai) influenciam os processos proximais (Tudge et al., 2009). Desse modo, pode-se pensar a convivência do pai com crianças (antes de tornar-se pai) como uma característica pessoal do tipo “recurso” que auxilia nas interações face a face. Assim, tendo mais habilidades com crianças, essa experiência pode facilitar a interação de cuidado com as mesmas.

Além disso, três pais (P01, P03 e P04) afirmaram que sua esposa lhes ajuda a se envolver com o filho, embora P02 tenha alegado que não há interferência da mesma (P02). Essa ajuda da esposa mencionada pelos três pais pode ser pensada como um suporte que os pais recebem, aumentando o envolvimento paterno (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997; Pleck, 1997).

Os pais alegaram que costumam conversar com seus filhos sobre a escola, e também sobre a brincadeira, no momento em que esta acontece. O conversar também é aproveitado para os pais ensinarem e explicarem coisas aos filhos, bem como para disciplinar. Assim, verificam-se diferentes usos e funções da conversa na relação pai-filho.

Todos os pais afirmaram que buscam demonstrar o afeto que sentem pelo filho. Essa maior demonstração de afeto está relacionada ao estilo emergente de paternidade (Cabrera & Bradley, 2012). Sánchez (1996) afirma que as famílias com filhos adotivos apresentam grande escore em afeto e comunicação, mais demonstrado pelas mães do que pelos pais.

O brincar, de um modo geral, foi mencionado por todos os pais, e não considerando o tipo de brincadeira, foi a subcategoria com maior número de frequência de ocorrência (como pode ser constatado no Apêndice I). Isso é corroborado na literatura (Balanchó, 2012; Bossardi, 2011; Crepaldi et al., 2006; Lamb et al., 1985; Lamb, 1997; Paquette, 2004), uma vez que se verifica, na cultura ocidental, que a interação pai-criança é caracterizada pela brincadeira.

Além do brincar em geral, dos tipos específicos de brincar, ganhou destaque o andar de bicicleta e ver desenho com o filho na televisão (TV). Jogar bola (P01, P02 e P03) e ir ao parque (P01, P03 e P04) foi mencionado por três de quatro pais. Essas atividades são elencadas como exemplos de “abertura ao mundo”, ou seja, como

atividades que os pais utilizam para incentivar seus filhos a explorar o ambiente, enquanto lhes garantem sua segurança (através do controle/disciplina) (Paquette, 2004). Ressalta-se que embora assistir desenho com o filho na televisão tenha sido elencada pelos pais como uma brincadeira, se os mesmos apenas assistem, sem interagir, trata-se muito mais de uma atividade conjunta do que uma brincadeira.

Das brincadeiras, verifica-se que as realizadas com maior frequência nas quatro famílias são algumas das que a criança mais gosta, e para dois pais (P02 e P03), é também algo de que o pai mais gosta. Isso reforça que os gostos da criança influenciam na interação do pai com a mesma, mas até que ponto o pai não influencia esses gostos da criança? Não há uma resposta fechada a esta pergunta, uma vez que se reconhece que inúmeros fatores irão interferir nos gostos de cada pessoa. Contudo, realiza-se esse questionamento/reflexão pela verificação de uma maior frequência em atividades que a criança e/ou o pai gostam de fazer.

Com relação ao lazer, os pais afirmam que costumam sair de casa com os seus filhos para momentos de lazer. Ao especificarem o que é esse sair de casa ou para onde vão, evidenciam-se o passear e o visitar os familiares, bem como ir à praia, ao shopping e ao teatro. Segundo relato dos pais, essas atividades são geralmente realizadas em família. Isso é constatado na obra de Crepaldi et al. (2006) que afirmam que o pai costuma realizar atividades com os filhos e com a esposa, como sair. Porém, diferentemente do que afirma Crepaldi et al. (2006), as demais atividades, como brincar e conversar, não necessariamente são mais realizadas em família, e sim, como afirmam os pais da presente pesquisa, em díades (pai-filho ou mãe-filho).

Assim, na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, pode-se considerar a interação como processo proximal (Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 1994; Prati et al., 2005), a qual é promotora do desenvolvimento das pessoas envolvidas. A interação pai-filho pode ser pensada como uma promotora do desenvolvimento tanto do pai quanto do filho, pois os pais participantes interagem com o filho com regularidade e é uma interação recíproca e cada vez mais complexa. Ressalta-se que, segundo essa teoria, a interação contribui não apenas para o desenvolvimento do filho, mas também para o desenvolvimento do pai, pois o envolvimento paterno possibilita ao pai aprender novas formas de se comportar, incrementando seu papel como pai (Gomes, 2011). Ressalta-se que a interação pai-filho contribui também para uma transformação pessoal, e não apenas do pai como pai.

Lamb (1997) afirma que não basta focar apenas quanto tempo o pai passa com a criança, mas deve-se levar em conta o tempo que ele passa considerando a sua disponibilidade. Assim, na categoria “Disponibilidade”, verifica-se a influência do trabalho do pai no tempo em que os pais ficam disponíveis para o filho. Dois pais da pesquisa (P02 e P04) possuem uma carga horária de trabalho mais flexível, o que permite passar mais tempo com seus filhos. O fato de a mãe ter ou não jornada de trabalho fora de casa não pareceu alterar o envolvimento do pai, como também verificou Bolze (2011) e Gomes (2011).

Ressalta-se também que, nas quatro famílias, o trabalho do pai (turno e carga horária) organiza a rotina familiar. Ou seja, verifica-se que os pais que têm uma carga horária de trabalho mais flexível (e reduzida) passam mais tempo com seu filho do que o pai que possui uma carga horária de trabalho de 40 horas, o que permite que a esposa tenha mais tempo “livre” para realizar outras atividades. Além disso, quem arruma a criança ou a leva para a escola, por exemplo, também está relacionado com o trabalho do pai, o qual, quando possui mais tempo fora do trabalho, está mais disponível para as atividades que envolvem o cotidiano da criança.

Além disso, pode-se afirmar que os pais demonstram ser participativos quando não estão trabalhando, independentemente da carga horária, ou seja, quando estão acessíveis aos filhos aproveitam esse tempo disponível geralmente interagindo. Como esse “ser participativo” pode variar muito de homem para homem, escolheu-se utilizar como critério a própria autopercepção desses homens como pais participativos (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Esse resultado difere dos estudos de Beltrame e Bottoli (2010) e de Gomes (2011), os quais evidenciam que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos envolvido ele é com o filho. Verifica-se que quanto maior a carga horária de trabalho, menos tempo disponível o pai tem para o filho, mas o uso que todos os pais revelaram fazer do tempo que não estão trabalhando é semelhante: Sendo participativo tanto das tarefas da casa como das tarefas sobre o filho, uma vez que este último também exige do pai que o mesmo participe.

Neste caso, verifica-se, conforme Bronfenbrenner (1999), a influência do microsistema trabalho do pai sobre o microsistema família, sendo essa relação entre esses microsistemas chamada mesossistema família-trabalho. É importante salientar que mesmo sendo participativos na vida dos filhos independentemente do tempo que passam com os mesmos, a quantidade de tempo também é importante.

Assim, não se pode afirmar que os pais se envolvem da mesma forma independentemente da carga horária de trabalho, mas verifica-se que os pais buscam interagir sempre que possível.

A categoria “Responsabilidade” se refere às atividades que o pai assume com relação ao filho e com relação à casa. Nas tarefas sobre o filho que são de responsabilidade dos pais, verificaram-se o acompanhamento da saúde do filho, levantar à noite quando o filho chama, cuidar do mesmo quando a mãe não pode e levar e buscar o filho da escola. Wagner et al. (2005) afirmam que o compromisso com a escola é uma tarefa compartilhada entre os pais e as mães, e buscar e levar o filho da escola pode ser pensada como parte dessa tarefa compartilhada.

Embora os pais busquem dividir as tarefas com as mães, as mesmas ainda são as principais responsáveis pelos filhos (Staudt & Wagner, 2008). Contudo, a forma como os pais se envolvem com os seus filhos é diferente da forma como as mães se envolvem com os mesmos. Elas geralmente ficam com mais tarefas de cuidados, enquanto eles geralmente brincam mais com os filhos. Ressalta-se, todavia, que em se tratando de aspectos psicológicos, para um desenvolvimento infantil saudável, é importante que pais assumam papéis específicos e que sejam complementares aos papéis das mães no sistema familiar (Paquette et al., 2009, 2012; Paquette, 2004). Esses diferentes papéis desempenhados por pais e mães resultam do contexto cultural no qual estão inseridos, sendo os papéis multidimensionais e complexos (Bolze, 2011), e por isso, sua compreensão sistêmica se faz importante (Dubeau et al., 2009).

Quanto às tarefas sobre a casa, ganha destaque o pai como sendo provedor do sustento financeiro da família, o que vai ao encontro dos achados da literatura (Freitas et al., 2009; Lamb, 1997; Wagner et al., 2005). Ou seja, mesmo que ser provedor da família seja uma tarefa que está cada vez mais sendo compartilhada pelos pais e mães (como em P03), verifica-se nesta pesquisa que essa tarefa ainda tem o homem como o principal responsável pelo sustento econômico da família (P01, P02 e P04).

Contudo, mesmo tendo papel importante no sustento financeiro, este estudo reforça os achados de Silva e Piccinini (2007), os quais afirmam que os pais podem ter uma ampla participação na vida dos seus filhos, não restringindo seu envolvimento ao sustento financeiro, passeios ou brincadeiras. Assim, a participação do pai no desenvolvimento infantil pode ser definida, conforme Manfroi et al.

(2011), em termos de contribuição direta (interação, estar com a criança) e indireta (provedor, estar acessível e ser responsável pela família).

Verifica-se que um dos pais (P02) alega que nunca faz nada em casa, mas depois ele afirma que sempre lava a louça, cozinha e faz as compras. Essa parece ser uma avaliação crítica por parte do pai, o qual mesmo auxiliando a esposa, afirma que não faz nada. Essa subavaliação difere dos achados de Dubeau et al. (2009), os quais verificam que o pai supervaloriza seu envolvimento enquanto a mãe costuma subavaliar esse envolvimento.

Constata-se que o pai se coloca como ajudante da esposa na maioria das tarefas, as quais embora busque compartilhar, quem fica com grande parte das atividades é a esposa. O pai como ajudante da mãe é evidenciado por Andrade et al. (2006), Balancho (2012), Bustamante e Trad (2005) e Nascimento et al. (2013). Além disso, como aponta a literatura (Cabrera & Bradley, 2012; Freitas et al., 2009; Simões et al., 2010; Staudt & Wagner, 2008), esse pai mais envolvido (estilo emergente de paternidade) resulta da mistura do estilo tradicional de paternidade, no qual o pai ainda é o principal provedor do sustento da família, com o estilo contemporâneo de paternidade, no qual pai e mãe possuem uma divisão dos cuidados das crianças mais igualitária.

Os resultados encontrados corroboram os estudos que indicam que os pais da atualidade mostram-se mais engajados, responsivos e compartilham tarefas com suas esposas mais do que o esperado em uma visão tradicional de paternidade (Andrade et al., 2006; Balancho, 2012; Beltrame & Bottoli, 2010; Bustamante & Trad, 2005; Cabrera & Bradley, 2012; Gomes, 2011; Jayakody & Phuong, 2013). Contudo, como já discutido anteriormente, as mulheres ainda são as principais responsáveis pelas tarefas relacionadas à família e à casa (Gomes, 2011; Jayakody & Phuong, 2013; Staudt & Wagner, 2008). Além disso, segundo Lamb et al. (1985) e Lamb (1997), a proporção de tempo de interação, disponibilidade e responsabilidade do pai com seus filhos costuma ser menor que o tempo de interação, disponibilidade e responsabilidade das mães com seus filhos.

8.2 ENVOLVIMENTO PATERNO E PADRÕES DE INTERAÇÃO FAMILIAR

Outro objetivo específico foi relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e os padrões de interação da família. A hipótese original era: “O pai será envolvido com seus filhos em famílias pautadas

por relacionamentos harmônicos”. Essa hipótese foi corroborada. Assim, considerando-se os padrões de relacionamento, verificou-se predominantemente relacionamentos harmônicos, e como os pais se mostraram envolvidos nos cuidados com os filhos e com a casa (como se constatou através das três dimensões anteriormente mencionadas), pode-se dizer que esse tipo de padrão de relacionamento pode estar positivamente relacionado ao envolvimento paterno. Entende-se que inúmeros fatores interferem na forma como o pai irá se envolver com o filho. Contudo, a predominância de relacionamentos harmônicos na família (famílias com fronteiras nítidas) permite que os papéis e as funções de cada membro sejam suficientemente definidos sem interferência indevida de outros membros (S. Minuchin, 1982), o que possibilitaria um maior envolvimento paterno.

Esse objetivo específico foi analisado considerando-se envolvimento paterno em termos de interação, disponibilidade e responsabilidade, e os padrões de relacionamento familiar como os padrões que predominaram nas famílias como um todo, considerando-se os relacionamentos nas famílias de origem, com as famílias de origem, com as famílias do cônjuge, relacionamento conjugal e parental. Nesta análise, buscou-se abstrair os dados objetivamente³¹, buscando associações e padrões.

Verifica-se que, nas famílias de origem dos pais, predominam relacionamentos harmônicos (P02 e P04), relacionamentos conflituosos, fundido e conflitual (P01), e também, predomínio de relacionamentos distantes (P03). Já nas famílias de origem das esposas: Na família de E02 constata-se o predomínio de relacionamentos distantes; na família de E04 se verificou relacionamentos muito estreitos; e nas famílias de E01 e E03 não se observou o predomínio de algum tipo de relacionamento.

Constata-se que nas famílias é comum existirem diferentes tipos de padrões de relacionamento, os quais definem como cada um participa de cada subsistema e como irá participar (S. Minuchin, 1982). Como há um predomínio de relacionamentos harmônicos nas famílias de origem dos pais e um predomínio de relacionamentos distantes nas famílias de origem da esposa, realiza-se a seguinte reflexão: Ou existe essa diferença nas formas dos membros das famílias se relacionarem, ou os pais tenderam a serem mais críticos ao falarem das famílias das esposas,

³¹ Contou-se o número total de cada tipo de relacionamento evidenciado, e os relacionamentos considerados predominantes foram os que tiveram uma maior ocorrência.

uma vez que há um distanciamento emocional maior, o que permite uma melhor avaliação da família da esposa. Bowen (1979) afirma que a independência emocional chamada de diferenciação é algo que ocorre ao longo da vida, e que pessoas pouco diferenciadas de suas famílias de origem são mais facilmente levadas à emotividade. Além disso, a diferenciação trata-se de um processo, e há momentos da vida em que as pessoas podem estar mais ou menos diferenciadas (Bueno, Souza, Monteiro, & Teixeira, 2013).

Verifica-se que, no relacionamento dos pais com suas famílias de origem, há um predomínio de relacionamentos harmoniosos. Outras formas de relacionamentos dos pais com suas famílias de origem também foram encontradas, como relacionamento muito estreito, distante, vulnerável e rompimento. Já no que se refere às esposas com suas famílias de origem, constata-se o predomínio de relacionamentos harmoniosos em E01 e E03, distantes em E02 e muito estreito em E04. Outras formas de relacionamento das esposas com suas famílias de origem também foram evidenciadas como fundido e conflitual e rompimento.

Verifica-se que, embora sejam diversos os padrões de relacionamento dos participantes e suas esposas com suas respectivas famílias de origem, há o predomínio de relacionamentos harmônicos. Assim, nessas famílias, o que compete a cada um, como e quando agir e interagir em cada momento e com cada pessoa, por exemplo, está mais bem definido, o que pode facilitar o envolvimento paterno.

Todos os pais possuem relacionamentos harmoniosos com a família de origem da esposa. Já com relação ao relacionamento das esposas com a família de origem dos pais (participantes), verifica-se o predomínio de relacionamentos harmoniosos, mas há também relacionamentos do tipo: Vulnerável, distante e rompimento. Uma hipótese para tal achado é que o pai avalia mais positivamente a ele próprio (Dubeau et al., 2009), ou no caso, o relacionamento que ele estabelece com a família de origem da esposa.

No que diz respeito ao relacionamento estabelecido entre o casal, os casais P01 e P03 possuem um relacionamento harmonioso, enquanto os casais P02 e P04 possuem um relacionamento muito estreito. Além disso, ao serem questionados sobre o seu envolvimento paterno quando o casal está em conflito, dois pais afirmaram que nada muda (P03 e P04), um deles relata que se envolve mais (P01), e um dos pais negou a existência de conflito entre ele e a esposa (P02). Os estudos sobre a relação entre envolvimento paterno e relacionamento conjugal verificam

que o pai se envolve menos, quando há uma relação conjugal problemática (Bolze, 2011; Bossardi, 2011; Cabrera & Bradley, 2012; Falceto et al., 2008; Pleck, 1997; Schober, 2012; Simões et al., 2010; Wagner et al., 2005). Ou seja, como os pais relatam apresentar um relacionamento harmonioso ou muito estreito, quando há alguma briga ou discussão, esta parece não afetar seu relacionamento parental. Além disso, segundo Andolfi (1996) e Gabriel (2012), o envolvimento paterno elevado pode ser usado como uma resposta para o conflito conjugal.

Ressalta-se que uma relação conjugal caracterizada como harmônica não se refere, necessariamente, a uma relação conjugal sem conflitos (Schmidt, 2012). O conflito faz parte de todos os relacionamentos humanos, e pode ser positivo, uma vez que pode servir como oportunidade e transformação aos envolvidos (Bolze, 2011).

Evidenciou-se como relacionamento parental dois tipos de relacionamentos: Muito estreitos (E02-F02; P03-F03; P04-F04 e E04-F04) e harmoniosos (P01-F01; E01-F01; P02-F02; e E03-F03), não havendo prevalência de nenhum desses tipos. O fato de os filhos serem adotivos não parece estar diretamente relacionado aos padrões de interação pais-filho, uma vez que os pais, inclusive, alegam que esquecem que o filho é adotado.

Verifica-se que todos os pais tiveram com seus filhos o mesmo tipo de relacionamento que tiveram com suas próprias mães, podendo ser um padrão de relacionamento transmitido intergeracionalmente. A transmissão intergeracional pode ser entendida como transmissão de fenômenos entre duas gerações de contato, a qual ocorre de forma recíproca, ou seja, dos pais em direção aos filhos e desses em direção os pais (Falcke & Wagner, 2005). Assim, o relacionamento mãe-filho de superenvolvimento parece ser um fenômeno transmitido entre essas duas gerações nas famílias pesquisadas. Ressalta-se, todavia, conforme Marin et al. (2013), os quais investigaram a transmissão intergeracional das práticas educativas parentais, que a transmissão intergeracional não é linear e é influenciada por diversos fatores, e não somente pelos modelos aprendidos com os pais.

Além disso, ressalta-se que embora seja comum manter um relacionamento muito estreito com os filhos pequenos, isso nem sempre é positivo, uma vez que esse superenvolvimento pode ser ruim para a emancipação da criança (autonomia). Desse modo, embora a diferenciação seja algo que ocorre ao longo do desenvolvimento do indivíduo, relacionamentos muito estreitos dificultam esse processo (Bowen, 1979).

Assim, de um modo geral, verifica-se que predominam nas famílias estudadas relacionamentos harmônicos, ou seja, são famílias que possuem fronteiras nítidas em grande parte de seus subsistemas. Conforme a definição de Wendt e Crepaldi (2008), nas famílias com relacionamentos harmônicos, os membros experienciam união, sustentam sentimentos positivos uns para com os outros, são diferenciados e apresentam interesses, atitudes ou valores recíprocos.

8.3 ENVOLVIMENTO PATERNO E CONFIGURAÇÃO FAMILIAR

Outro objetivo específico foi relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e a configuração familiar. A hipótese original era: “O envolvimento paterno será elevado em famílias compostas por pai, mãe e filho adotivo, e cujo estágio do ciclo vital seja o de famílias com filhos pequenos”. Essa hipótese foi corroborada, uma vez que as famílias eram compostas por pais, mães e filhos, estavam na etapa do ciclo vital denominado famílias com filhos pequenos, e nessas famílias os pais alegavam realizar diversas atividades com as crianças e para as mesmas. Isso foi considerado “elevado” ao comparar com o estilo tradicional de paternidade, no qual o envolvimento paterno se resumia a provedor do sustento financeiro da família. Contudo, como não se investigaram famílias com outras configurações familiares, não foi possível comparar qualitativamente diferentes configurações.

Para atingir o objetivo específico aqui evidenciado, considerou-se a configuração da família nuclear dos pais, ou seja, a que eles compõem/construíram, e os dados gerais do envolvimento paterno (considerando-se as dimensões interação, disponibilidade e responsabilidade). Analisaram-se os resultados buscando associações e padrões. Os achados são discutidos abaixo.

Verificou-se que as famílias dos participantes são compostas por pai, mãe e filho. Essa configuração familiar é ainda a que predomina no Brasil (IBGE, 2010a). Assim como Wagner et al. (2011), constata-se que a configuração familiar não determina nem explica a estrutura da família. Contudo, parte-se do pressuposto de que a configuração familiar pode influenciar o envolvimento paterno e a estrutura familiar. Desse modo, como a família precisa dar conta dos cuidados da prole, quando não há pessoas da família extensa por perto auxiliando nos cuidados das crianças (Bustamante & Trad, 2005), os pais podem ser mais solicitados, o que de fato acontece, segundo relato dos pais. Embora a configuração

familiar seja a de pai, mãe e filho, este filho possui a peculiaridade de ser adotivo.

As famílias dos participantes da pesquisa encontram-se no estágio de famílias com filhos pequenos. Nessa etapa os adultos precisam cuidar da criança e fazer inúmeros novos ajustes em seu relacionamento, como a forma de divisão das responsabilidades, cuidados da criança e redistribuição de tarefas domésticas (Carter & McGoldrick, 1995). Esse estágio corresponde à fase de aquisição proposta por Cerveny e Berthoud (2009) que afirmam que essa fase corresponde à aquisição da parentalidade e objetivos comuns, e vai desde a união do casal até a entrada dos filhos na adolescência. Assim, como as crianças pequenas necessitam de um maior envolvimento por parte dos pais e das mães principalmente nos cuidados básicos (Carter & McGoldrick, 1995), é esperado encontrar um maior envolvimento dos pais e das mães nesse estágio do ciclo vital.

8.4 DO MODELO DE PAI À CRIAÇÃO DOS FILHOS

A forma como os pais criam seus filhos é perpassada pelos modelos que os próprios pais receberam de seus pais. A maneira como os pais criam seus filhos se refere a como eles se envolvem e educam os mesmos. Considerando que é uma tarefa importante do envolvimento paterno, a mesma será aqui discutida.

Todos os pais mencionaram a importância da imposição de limites para a educação de seus filhos. Apenas um dos pais (P01) afirmou que é ele quem mais disciplina o filho comparando-se com a esposa, dois (P02 e P04) dizem que é a esposa, e um (P03) alega que são ambos. Três pais (P01, P03 e P04) reforçam a importância da criança obedecer aos pais e quando isso não acontece, de receber algum tipo de punição (geralmente o castigo). No que diz respeito a quem impõe mais limites, os achados não corroboram o que se encontra na literatura, segundo a qual o pai disciplina os filhos mais que a mãe (Bolze, 2011; Bossardi et al., 2013; Paquette, 2004; Sánchez, 1996).

Os pais também falam que buscam conversar com suas esposas e encontrar um “meio-termo” no que se refere ao filho, fazendo combinações sempre que necessário para entrarem em um consenso sobre como agir com o filho. Conforme Bolze (2011), os casais com filhos pequenos precisam se organizar e fazer uma série de combinações para bem criá-los. Assim, combinações e negociações são feitas pelo casal para educar seus filhos. Essas combinações são necessárias não

apenas na educação dos filhos, mas em outras dimensões da vida em família para melhor se adequar às necessidades de seus membros (Carter & McGoldrick, 1995).

A educação que os pais dão aos seus filhos parece estar diretamente relacionada aos modelos que receberam de educação quando crianças. De modo geral, conforme Gabriel e Dias (2011), a percepção que o homem tem de seu pai revela certa ambiguidade, pois em alguns momentos o pai é visto como um bom pai e em outros é tido como alguém que poderia ter sido melhor ou diferente do que foi. Segundo as autoras, essa ambiguidade revela que os filhos entendem que o seu genitor teve algumas falhas, mas que, nem por isso, seu modelo de pai torna-se inteiramente desclassificável. Ao falar das características negativas de seu próprio pai, é comum os pais contextualizarem o momento histórico em que este estava inserido, e que o mesmo também apresentava características positivas (Gabriel & Dias, 2011).

Essas considerações são verificadas na fala dos pais desta pesquisa, quando contextualizavam que a forma de ser pai na época era diferente de como é ser pai nos dias atuais. Além disso, dois pais (P02 e P04) buscam ser pais como os pais que tiveram, e os outros dois (P01 e P03) buscam ser diferentes do pai que seus pais foram, lembrando que nestes últimos era um relacionamento não muito afetivo. Buscar ser um pai igual ao pai que teve remete ao conceito de continuidade, uma vez que se busca manter um modelo comportamental e relacional (Baptista, Cardoso, & Gomes, 2012). Já o buscar ser um pai diferente do pai que teve remete ao conceito de descontinuidade, que se refere à modificação nos comportamentos e formas relacionais de uma geração à outra (Conger, Belsky, & Capaldi, 2009).

Ressalta-se que assim como constataram Gabriel e Dias (2011), neste estudo os pais também tiveram o seu próprio pai como modelo de como um pai deve ser ou não ser. Isso demonstra a grande influência que os pais têm na construção da paternidade que seu filho desenvolverá no futuro.

Essa motivação do pai em se envolver com o filho igual ou diferente de como foi seu relacionamento com o próprio pai pode ser pensada, através da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, como uma característica pessoal do tipo “disposição” por movimentar os processos proximais. Segundo Lamb et al. (1985), Lamb (1997) e Pleck (1997), a motivação dos pais em se envolverem nos cuidados dos filhos é influenciada por sua própria história e pelo envolvimento com seu

próprio pai, características da personalidade e crenças. Assim, o pai se envolve com seus filhos como seu próprio pai se envolvia com ele, ou tenta compensar as faltas que percebeu no envolvimento do seu pai se envolvendo mais com seus filhos do que seu pai se envolvia com ele (Pleck, 1997). Gabriel e Dias (2011) também constataram que a experiência de ser filho em um modelo tradicional (geralmente com o pai pouco afetivo e distante) faz os homens desejarem ser um pai diferente.

Ao pensar no cronossistema que alude ao elemento tempo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, verificam-se essas continuidades e descontinuidades nos modelos de paternidade que os pais receberam de seus pais (Bronfenbrenner, 1994; Prati et al., 2005). Esses modelos que são ou não seguidos se referem ao macrotempo (mudanças ao longo das gerações) (Bronfenbrenner, 1994).

Além disso, verifica-se que os pais estão refletindo sobre a paternidade, questionando os modelos de paternidade de seus próprios pais. Isso está abrindo a possibilidade de uma nova forma de ser pai, uma vez que as referências passadas não estão dando conta das demandas da paternidade na atualidade (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007). Assim como verificaram Gabriel e Dias (2011), neste estudo também os pais (como declarou P01 e P04) desejam ser modelos para seus filhos.

8.5 SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES DO PAI

Os sentimentos e as percepções do pai com relação aos filhos foram explorados, pois se entende que estarão diretamente relacionados com o envolvimento paterno. Embora não tenha sido um objetivo específico relacionar os sentimentos e as percepções do pai, com seu envolvimento paterno, devido a sua relevância, os mesmos foram considerados.

Um dos sentimentos mencionados pelos pais é o “amor”. O amor aparece como algo instantâneo e “maravilhoso” (no caso de P01 e P02). Esse amor “imediato” também foi encontrado na pesquisa de Sonego e Lopes (2009), ao estudarem mães adotivas. Embora os pais aleguem que esse amor é imediato, pode-se pensá-lo como um sentimento que foi de certa forma “construído”, durante a espera pela criança.

Dois pais (P01 e P02) mencionaram que o amor pelo filho seria como o de um filho biológico, já os outros dois (P03 e P04) não fazem essa comparação, mas relatam ser muito apegados aos filhos. Isso é

verificado por Glover, Mullineaux, Deater-Deckard e Petrill (2010), ao estudarem filhos biológicos e adotivos, que não encontraram diferença com relação aos sentimentos de pais e mães para com os filhos adotivos ou biológicos. No estudo de Sonogo e Lopes (2009), as mães adotivas também alegaram que o amor que sentem pelo filho adotivo é igual ao de um filho biológico, resposta esta dada por mães que também tinham filhos biológicos e pelas que tinham apenas filhos adotivos. Conforme Hartman (1994), negar que existe diferença é uma forma de os pais protegerem a si mesmos e aos filhos de qualquer “intrusão do passado”.

Além disso, essa grande proximidade entre os pais com os filhos pode ser justificada pelo padrão de relacionamento entre eles estabelecido, ou seja, como possuem relacionamentos harmoniosos e muito estreitos com os filhos, é esperado essa proximidade afetiva. Essa proximidade é verificada entre esses pais com os seus próprios pais (um ou ambos os pais³²) e remete à transmissão de um padrão intergeracional, como já discutido no subcapítulo anterior (envolvimento paterno e padrões de relacionamento familiar).

Dois pais (P01 e P02) afirmam que o amor que sentem pelo filho facilita seu envolvimento com os mesmos, e os quatro pais afirmaram que nada dificulta seu envolvimento. Isso pode ser decorrente de estarem inseridos em famílias com relacionamentos harmônicos, visto que, como mencionado anteriormente, os papéis dos membros da família estão mais bem definidos neste tipo de interação. Além disso, em um estudo com mães adotivas, verificou-se uma tendência na minimização das dificuldades (Sonogo & Lopes, 2009).

Os pais também relataram sentimentos de medo e/ou preocupação com relação a diversos aspectos, tais como, com relação à saúde da criança, para que a mesma não adoça. Essa parece ser uma preocupação comum dos pais, preocupação que Piccinini et al. (2012) verificaram em pais com crianças de três meses.

Medos e preocupações com relação a ter um filho adotivo também apareceram (em P01 e P03). Segundo Levy et al. (2009), as dúvidas e incertezas sobre a capacidade de acolher como filho uma criança que não foi gerada pelo casal precisam ser elaboradas durante o processo de adoção. Esse receio por parte dos candidatos (Levy et al., 2009) pode estar relacionado ao preconceito que ainda existe com relação às crianças adotadas.

³² Neste caso, o termo pais possui o sentido de “pai e mãe”.

Outros medos também emergiram, como o medo de P04 com relação à reação da filha quando esta souber que é adotada; medo de P03 com relação à diferença de idade dele para com o filho; e medo de P01 de que o filho se envolva com drogas. Medos e preocupações com relação aos filhos fazem parte da vivência como pais. Contudo, se esses medos são influenciados ou o quão influenciados são pelo fato de o filho ser adotivo é algo que não se pode, neste estudo, afirmar, sendo uma temática possível de ser explorada em estudos futuros.

Os pais relatam um sentimento de “pertencimento” com relação ao filho, e três deles (P01, P02 e P03) inclusive relatam que esquecem que o filho é adotado. Isso reforça o pressuposto de que os pais adotivos se assemelham aos pais com filhos biológicos. Segundo Nunes, Fernandes e Vieira (2007), há evidências de que a convivência seja um forte propiciador de vinculações afetuosas entre pais e filhos, e esse fator pode se sobrepor à natureza (que privilegia a vinculação quando há parentesco), por ser base da formação do apego.

Os quatro pais relatam que as pessoas com as quais convivem alegam semelhança física entre eles e o filho(a), como se os filhos fossem biológicos. Outra semelhança evidenciada entre pai e filho (em P01 e P02) é quanto à personalidade. A semelhança física pode estar relacionada ao perfil de criança escolhido no momento da adoção, no qual geralmente os pais escolhem que sejam crianças que se pareçam fisicamente com os mesmos (Weber, 2001). Já a semelhança em alguns aspectos da personalidade do pai e do filho pode resultar da convivência dos mesmos, perpassada pelo viés do pai, o qual pode enfatizar as semelhanças em detrimento das diferenças. A semelhança evidenciada nos filhos pode também ser pensada, segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, como uma característica da pessoa do tipo “demanda” (Tudge et al., 2009), pois parece favorecer os processos proximais (interação), e conseqüentemente, o envolvimento paterno.

8.6 EXPERIÊNCIA EM SER PAI

Devido à sua relevância, ainda é pouco o que se sabe sobre como os pais vivenciam as mudanças na estrutura familiar ao tornarem-se pais, como se avaliam e que sentimentos possuem com relação à paternidade (Bossardi et al., 2013). Assim, por serem aspectos importantes e relacionados ao envolvimento paterno, os mesmos foram explorados.

O tornar-se pai se refere a esse processo de transição para a paternidade e foi experienciado de diferentes maneiras. Assim como afirmam Gabriel e Dias (2011), pode ser tanto um momento cheio de significados, transformações e responsabilidades, como um momento de reavaliação dos valores e da educação que recebeu de seus próprios pais.

Um dos pais (P01) experienciou o “tornar-se pai” de modo brusco, já que não houve uma gestação biológica e, portanto, não houve um período mais concreto de preparação psicológica. Contudo, como afirmam Faustino, Coelho e Silva (2007), para muitos homens, o sentir-se pai pode ocorrer apenas após o nascimento/chegada da criança.

Já outro pai (P02) explicou que no dia a dia foi aprendendo a ser pai. A paternidade como algo construído aos poucos, na relação do pai com o filho também é evidenciada no estudo de Costa e Rossetti-Ferreira (2009).

Os pais falam que a chegada do filho foi um marco e relatam que foi uma mudança radical em suas vidas. Essa mudança é esperada, uma vez que com a chegada de um filho, o casal (subsistema conjugal) precisa construir o chamado subsistema parental, no qual o casal deve se organizar para desempenhar as tarefas de cuidados e de socialização da criança, sem perder o apoio mútuo (S. Minuchin, 1982). Nesse momento, ampliam-se os papéis dos membros da família, como o casal, além de marido e mulher, tornam-se pais (Carter & McGoldrick, 1995). Assim, quando o casal torna-se uma família (Prado, 1996), o mesmo deve se reorganizar e renegociar os papéis e funções de seus membros (Bradt, 1995; D’Andrea, 2002; Marchetto, 2010). A percepção sobre esse processo irá variar (Jager & Bottoli, 2011), como é observado nesta pesquisa, na qual um dos pais experienciou de modo mais “brusco” enquanto o outro o experienciou de modo mais gradativo.

Todos os pais relatam muito positivamente os “sentimentos em ser pai”, afirmando ser uma experiência muito boa. Essa satisfação também foi evidenciada por Silva e Piccinini (2007), ao estudar os sentimentos sobre a paternidade. Talvez pelo fato de experienciarem tão positivamente a paternidade, é que dois pais (P01 e P04) desejam adotar o segundo filho.

O modo como os pais percebem a si mesmos como pai também é relatado, de modo geral, muito positivamente. Os pais afirmam que seu papel é importante para a criança e se percebem³³ como amigos,

³³ Ressalta-se que, neste caso, não são os quatro pais que se percebem da forma descrita a seguir, mas que, unindo os relatos dos quatro pais, elencam-se essas percepções.

atenciosos, carinhosos, protetores, participativos, provedores, preocupados, mas também, por vezes, impacientes. Essa percepção predominantemente positiva qualifica o tipo de participação prestada pelo pai ao seu filho, a qual revela-se grande (na perspectiva dos pais). Chama a atenção que, no estudo de Sonogo e Lopes (2009), as mães adotivas alegaram que percebem seus maridos como excelentes pais. Isso reforça a ideia de Schettini et al. (2006), na qual os pais adotivos se mostram mais participativos e há uma maior igualdade entre eles e as mães no compartilhamento das tarefas de cuidado das crianças.

8.7 PROCESSO DE ADOÇÃO

O processo de adoção vivenciado pelos pais apresenta muitas similaridades no que se refere aos desejos, motivações, sentimentos, entre outros fatores. Explorou-se essa dimensão, pois a mesma é uma vivência importante na vida desses pais, a qual pode interferir na forma como o mesmo vivencia seu envolvimento ou como participa da vida do filho.

Todos os pais entrevistados tornaram-se pais através de uma adoção legal (Weber, 2003). Isso possivelmente evita fantasias e medos que poderiam emergir se a adoção fosse à brasileira (informal).

Dois pais (P01 e P04) relatam que eles e suas esposas desejavam ter um filho. Contudo, os pais P02 e P03 afirmam que não tinham esse desejo. Embora Daly e Wilson (2005, 2007a) mencionem que os filhos não biológicos são menos investidos e sofrem mais violência que filhos biológicos, esses autores constatarem estudos que indicam um maior envolvimento paterno no caso de pais adotivos, quando comparados aos padrastos, pelo desejo desses pais pela paternidade. Verifica-se que mesmo que dois pais (P02 e P03) não tivessem o desejo pela paternidade, ao tornarem-se pais, os sentimentos que nutrem pelos filhos os fazem ser pais envolvidos.

Segundo relato de P04, sua família também expressou o desejo de que o casal tivesse filhos, o pressionando para ter. Essa pressão também é evidenciada no estudo de Rios e Gomes (2009) com casais que optam por não ter filhos. Verifica-se que a pressão social para que o casal tenha filhos é uma realidade, o que pode aumentar a angústia dos casais que desejam ter filhos, mas biologicamente não conseguem ou apresentam dificuldades.

Sobre o desejo em adotar uma criança, foi P02 quem tomou a iniciativa por sugerir a adoção, o que ele justifica por ter em sua família

primos adotivos. Os demais pais relatam que a iniciativa foi da esposa e, inclusive, P01 e P04 comentam que desejam adotar o segundo filho, desejo este evidenciado pelas esposas. Assim, pelo menos nesta pesquisa, parece que é a mulher quem faz questão em ter um filho e toma a iniciativa para resolver a dificuldade de ter filhos biológicos através da decisão pela adoção.

Os pais da presente pesquisa optaram por adotar um bebê. Uma das justificativas é elencada por P01 que fala que essa escolha é para vivenciar todas as fases e evitar que a criança viesse com traumas (de vivências anteriores). Essas justificativas são elencadas por Ladvoat (2009), Schettini et al. (2006) e Weber (2003).

O desejo pela criança que seria adotada é explicitado por P04 e P01. P04 afirma que quando lhe ligaram para falar da criança, ele já a queria, sem antes conhecê-la. P01 também compartilha que quando conheceram seu filho, desejaram levá-lo imediatamente para casa. Esses pais que desejavam a criança que seria adotada são os mesmos que tinham o desejo de ter um filho. É possível que esses pais tivessem medo de que se não ficassem com a criança, fossem para o final da “fila”, mas esta explicação é apenas uma hipótese.

A principal motivação para adotar uma criança, em todos os pais, foi a infertilidade, verificada após tentativas frustradas de ter filhos biológicos. Essa motivação remete ao que se chama de adoção clássica, a qual busca suprir as necessidades e interesses dos casais, cujos primórdios tinham o objetivo de deixar descendência a quem não possuía filhos biológicos (Weber, 2001, 2005). O fato de não ter filhos ser a principal motivação para a adoção também é corroborado na literatura (D’Andrea, 2002; Rangel, 2007; Schettini et al., 2006; Weber, 2001, 2003).

Todavia, também surge como motivação para adoção a caridade (P01) e ter alguém para cuidar deles, quando envelhecerem (P04). Essa motivação por caridade remete à adoção moderna que busca garantir o direito de toda criança crescer e ser educada por uma família (Weber, 2001, 2005), contudo, na adoção moderna o principal objetivo é a preocupação em dar uma família à uma criança, o que não é o caso. Já a terceira motivação referente a ter alguém para os cuidar, remete à adoção clássica explicitada anteriormente.

As reações dos familiares com relação à decisão do casal por adotar uma criança foi de aceitação e tranquilidade. Contudo, sentimentos como estranhamento também apareceram (P03), os quais

podem estar relacionados ao preconceito que ainda existe com relação a crianças adotadas (Levy et al., 2009).

Embora os pais afirmem que procuraram não idealizar a criança que viria, P01 e P03 mencionaram que imaginavam uma criança saudável, e P04 contou que esperava um menino para que fosse como ele. Embora haja pais que não idealizam e alegam que desejarão a criança que vier (Costa & Kimmelmeier, 2013), verifica-se que da mesma forma como os pais biológicos, os pais adotivos também constroem uma criança idealizada que será confrontada com a criança real (Costa & Kimmelmeier, 2013; Levy et al., 2009).

A ansiedade aparece como um dos sentimentos com relação à demora na lista de espera, e é evidenciada por todos os pais, os quais alegaram que achavam que a adoção não iria mais acontecer. Essa demora foi em média de quatro anos e três meses. Além da burocracia, o que torna o processo demorado é o perfil de criança escolhido pelos adotantes (Souza, 2012).

Outro sentimento elencado pelos pais nesse processo é a alegria no momento da chegada do filho. Além da alegria, todos os pais revelaram um sentimento de surpresa e de estar despreparados nesse momento da chegada da criança. Eles falam que embora estivessem esperando pela criança, a ligação avisando que ela havia chegado foi inesperada, e por isso, foi uma “correria” para organizar a casa para receber a criança. Esse sentimento de não estar preparado remete a uma ambivalência da paternidade, a qual pode também perpassar por pais biológicos. Contudo, se faz importante pensar na possibilidade de os pais que querem adotar uma criança saberem quando são os próximos da “fila”, e que sejam orientados sobre como costuma ser esse momento, até para que eles possam, se assim o desejarem, se preparar para a chegada e não serem pegos tão de surpresa.

As famílias adotivas, mais cedo ou mais tarde, deparam-se com a questão da revelação sobre a adoção (Sonego & Lopes, 2009). No que se refere a como os pais vão contar ou estão contando aos filhos sobre a adoção, três pais (P01, P02 e P03) relatam que estão contando aos poucos e de modo indireto, até que o filho tenha maior compreensão para poderem contar. Esse contar de modo indireto está relacionado a falar que a criança “*nasceu do coração da mãe*” (sic), e que “*o coração da mãe cresceu*”(sic) para ir introduzindo a temática da adoção. O momento para contar ao filho sobre a adoção está relacionado à compreensão da criança, o que gera incertezas sobre como contar e quando. Esse momento geralmente é revestido de ansiedades, e os pais

temem a reação dos filhos (Levy et al., 2009). Segundo Vieira (2006), os pais temem que os filhos fiquem “chocados” ao saber da adoção e poderiam se sentir diferentes das outras crianças, mas na verdade, a autora discute que o “choque” resultaria se a criança não recebesse a confirmação da adoção.

Assim, o fato de os pais investigados serem pais adotivos possui repercussões e influências sobre o envolvimento paterno e a estrutura familiar. Sobre o envolvimento paterno, há estudos (Schettini et al., 2006) que discutem que o pai adotivo seria mais envolvido que os pais biológicos, mas há também estudos (Daly & Wilson, 2007a) que alegam o contrário. O presente estudo não comparou pais adotivos com pais biológicos, mas verificou que os pais adotivos estão mais envolvidos que o estilo tradicional de paternidade, caracterizando-se no estilo emergente de paternidade (Staudt & Wagner, 2008). No que se refere à estrutura familiar, assim como em famílias não adotivas, o casal precisa se organizar para acolher o filho e criá-lo. A forma como isso acontecerá resultará dos padrões de relacionamento estabelecidos na família.

8.8 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

A média de idade dos pais e das mães é de aproximadamente 44 anos. Assim como Souza e Benetti (2008) e Bossardi et al. (2013), verificou-se que a idade do pai não interfere no envolvimento paterno, pois não se constataram diferenças nos relatos dos pais que pudessem ser atribuídos à idade.

Duas crianças têm três anos de idade, e duas têm quatro anos. É possível que os pais sejam envolvidos com seus filhos de diversas maneiras devido aos seus filhos serem dependentes de adultos, mas estarem menos dependentes das mães e mais abertos a novos relacionamentos, facilitando essa aproximação do pai (Lamb et al., 1985).

Não é possível afirmar um padrão no que se refere à escolaridade dos participantes, ou seja, se o envolvimento aumenta ou diminui conforme o grau de escolaridade. Também não se podem fazer inferências como as de Sánchez (1996) que verificou que as manifestações de afeto nos pais aumentam conforme o nível de escolaridade dos mesmos.

Os pais com maior escolaridade e carga horária de trabalho apresentam maior renda. Quanto ao nível socioeconômico, Cabrera et al. (1999) afirmam que pais com maior nível socioeconômico passam

menos tempo com seus filhos, mas se envolvem mais positivamente em termos de qualidade com seus filhos, quando comparados com os pais que possuem nível socioeconômico mais baixo. Conforme Bustamante e Trad (2005), nas famílias de nível socioeconômico baixo, o pai é geralmente o provedor, e a mãe é a responsável por administrar os recursos e manter a união da família. Considerando as famílias pesquisadas, nas três famílias em que os pais são os principais provedores (P01, P02 e P04), a ocupação da esposa é do lar, e não se verificou relação da renda da família com o envolvimento paterno, o que corrobora os achados de Bossardi et al. (2013).

Observou-se que nas duas famílias em que o pai possui 40 horas (ou mais) de trabalho por semana, são pais menos disponíveis a seus filhos por passarem grande parte do dia trabalhando. Logo, a carga horária de trabalho do pai influencia diretamente a dimensão “disponibilidade” do envolvimento paterno.

Evidencia-se um tempo médio de união de 18 anos entre os casais. Esse tempo de união pode indicar maior estabilidade na relação, uma vez que o casal precisa de tempo para se adaptar à vida conjugal (Carter & McGoldrick, 1995). Contudo, como todos os casais, eles precisaram construir um espaço para o filho (Bradt, 1995), os quais relataram como sendo uma mudança radical em suas vidas.

A média de número de irmãos que os pais possuem é de dois irmãos, enquanto a média de irmãos que as esposas possuem é de cinco irmãos. O número médio de pessoas que fazem parte da família de origem dos pais (isto inclui eles, os irmãos, os cônjuges dos irmãos, os filhos dos irmãos e os seus pais) foi de 11 pessoas, enquanto a média de familiares na família de origem das esposas foi o dobro.

Quanto à ocupação, verifica-se que a profissão do pai dos participantes é também a profissão de um dos irmãos dos participantes. Nas famílias de P01 e P02, que possuem mães e sogras que são do lar, suas esposas também o são. Esse pode ser entendido como um padrão de transmissão intergeracional (Falcke & Wagner, 2005), na qual, por exemplo, a profissão do pai é “passada” para um dos filhos.

Além disso, a família dos pais ou a família das esposas moram próximo deles. Contudo, os pais relatam não haver interferência (Bustamante & Trad, 2005) no sentido de pessoas da família de origem cuidar de seus filhos ou se intrometer na família que estão constituindo. Isso remete ao fato de haver predominância de relacionamentos harmônicos com as famílias de origem, pois, neste tipo de relação, as fronteiras estão bem definidas (S. Minuchin, 1982).

De um modo geral, assim como Bossardi (2011), verificou-se que o envolvimento paterno não apresentou relações com as variáveis sociodemográficas. Como averiguou Lamb (1997), constata-se que existe uma influência indireta das características sociodemográficas sobre o envolvimento paterno. Porém, ainda são escassas as obras que discutem essas variáveis e o envolvimento paterno, especialmente diante do reconhecimento da importância do pai na família (Bossardi, 2011).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

9.1 PRINCIPAIS CONCLUSÕES E CONTRIBUIÇÕES

O presente estudo permitiu compreender o envolvimento paterno com filhos adotivos e que este envolvimento está inserido e relacionado com a estrutura familiar que o pai apresenta. Assim, concluiu-se que, com base nos participantes da presente pesquisa, pais adotivos cujos padrões de relacionamento predominantes na família sejam o de relacionamentos harmônicos, e cuja configuração da família é a de pai, mãe e filho adotivo, buscam ser pais envolvidos. Ou seja, esses pais apresentam um vínculo estreito com seus filhos, e, como as fronteiras entre os subsistemas estão nítidas, está bem definido como participar da vida do filho e da vida familiar, não havendo interferências que prejudiquem essa participação, muito pelo contrário, relatam positivamente a ajuda da esposa em aprender a lidar com o filho.

Desse modo, esses pais buscam ser envolvidos, o que significa que são pais que brincam com seus filhos, ajudam a cuidar dos mesmos, conversam e demonstram afeto aos seus filhos e têm momentos de lazer com os mesmos. Os pais também são participativos na vida de seus filhos quando estão disponíveis, e essa disponibilidade está diretamente relacionada ao trabalho do pai, o qual organiza a rotina da família. Eles também compartilham algumas tarefas e responsabilidades com suas esposas, tanto no que se refere ao filho quanto no que se refere à casa, e ainda, ganha destaque seu papel de provedor do sustento financeiro da família, papel este mantido por três pais, e um deles o divide com a esposa.

Assim, conclui-se que o pai adotivo com relacionamentos familiares harmônicos se caracteriza no que se denomina estilo emergente de paternidade, em que o estilo tradicional e contemporâneo de paternidade se fazem presentes. Dessa forma, os resultados deste estudo sugerem que o pai adotivo está mais envolvido que o modelo de pai de décadas passadas, e que é um pai que busca ajudar a esposa na criação dos filhos. A forma como a família se organiza para isso, através de constantes acordos e combinações, é fundamental nesse envolvimento.

Como os participantes são pais por adoção, ressalta-se que as esposas de três dos quatro pais foram quem tomaram a iniciativa pela adoção. A maior motivação para adotarem foi não conseguirem ter filhos biológicos, e o período de espera pela criança foi de ansiedade.

Quando a criança chegou, os pais relatam sentirem-se despreparados, mas felizes. Suas famílias, segundo afirmam, aceitaram a adoção. Eles estão contando aos poucos para o filho que o mesmo é adotado, e nesse processo os pais revelam dificuldade. Destaca-se que o vivenciar o processo de adoção, embora seja uma experiência única, possui diversas semelhanças no relato dos pais. Isso é importante na medida em que possibilita que profissionais envolvidos possam pensar e propor estratégias para tornar o processo menos ansiogênico e de maior promoção de saúde psicossocial nessas famílias.

Os seguintes fatores parecem interferir positivamente no envolvimento paterno: Os pais percebem o seu papel de pai como importante para a criança; experienciam a paternidade como algo gratificante; sentem amor pelo filho; percebem seus filhos parecidos com eles; têm a sensação de que o filho sempre foi deles. Esse envolvimento paterno também resulta de uma avaliação do modelo de pai que tiveram de seus próprios pais, modelo este que busca ser repetido quando os pais o julgam adequado, mas reformulado quando os pais acreditam que podem ser pais diferentes para os seus filhos. A forma como educam seus filhos é perpassada pelos modelos de pai que tiveram e suas vivências, e os pais buscam entrar em acordo com suas esposas sobre a como agir com seu filho, impondo limites aos mesmos e castigando-os quando estes não lhes obedecem.

O posicionamento epistemológico sistêmico foi útil na medida em que permitiu uma compreensão mais ampla do fenômeno em estudo. Assim, ressalta-se que não se pode afirmar que quando há relacionamentos harmônicos o pai será envolvido como descrito acima, mas que inúmeros fatores interferem tanto na estrutura familiar quanto no envolvimento paterno, devendo-se sempre contextualizar o fenômeno. Desse modo, não é o relacionamento harmônico que originou esse tipo de envolvimento e nem este tipo de envolvimento originou o relacionamento harmônico. Trata-se de uma causalidade circular recursiva.

Considerando o contexto, fatores como os padrões de relacionamento transmitidos intergeracionalmente nas famílias, a experiência de paternidade, os sentimentos do pai para com o filho, o fato de terem passado pela experiência de adoção, entre outros aspectos, podem contribuir para que estes pais sejam os pais que são. Por isso, não é possível prever ou controlar o envolvimento paterno ou a estrutura familiar.

Além disso, é possível que a presença da pesquisadora possa ter interferido nas respostas dos pais, os quais podem ter respondido o que acharam ser mais socialmente aceito. Contudo, a partir da perspectiva sistêmica, existem múltiplas versões da realidade, e os pais estavam falando sobre a percepção que possuem sobre sua família e seu envolvimento paterno. Essa é outra contribuição do presente estudo: Ter sido realizado apenas com os pais, pois ainda são poucos os estudos que buscam explorar o que o pai tem a dizer sobre seu envolvimento e sua família.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano também auxiliou para se pensar no pai como uma pessoa em desenvolvimento que interage com as demais pessoas, com os objetos e símbolos do contexto, e cujas características irão interferir na forma como ele interage no e com o meio. Ainda nessa teoria, pode-se pensar os diferentes contextos nos quais o pai está inserido, a forma como esses contextos se influenciam mutuamente, bem como o efeito do tempo no envolvimento paterno e na estrutura familiar. Assim, a descrição de cada um dos participantes e suas famílias, antes da apresentação dos resultados, foi uma forma de melhor “visualizar” o contexto em que estes pais estão inseridos.

Desse modo, redefinir o papel do pai no contexto familiar, considerando-se as necessidades desse contexto, é um dos grandes desafios dos homens da contemporaneidade, independentemente de serem ou não pais adotivos. Portanto, o envolvimento paterno e a estrutura familiar não podem ser dissociados, uma vez que ambos se influenciam mutuamente e são influenciados por diversos outros fatores do contexto em que o pai e a família estão inseridos.

9.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Em termos metodológicos, os instrumentos propostos nesta pesquisa se mostraram adequados para atingir aos objetivos, e o estudo poderia ser replicado em outros contextos. Contudo, existem limitações, e ajustes podem ser feitos para melhor contemplar o fenômeno.

O Questionário Sociodemográfico é um instrumento bastante utilizado nos estudos realizados pelo NEPeDI, e as entrevistas foram elaboradas para a presente pesquisa. Embora tenha sido realizada a aplicação dos instrumentos com um pai adotivo para aperfeiçoar as

entrevistas, alguns ajustes nas mesmas poderiam futuramente ser realizados.

Como os trabalhos iniciais sobre o pai tinham uma maior ênfase no aspecto quantitativo (como mensurar o número de horas ou atividades do pai para com a criança), este trabalho também contribuiu cientificamente por enfatizar o aspecto qualitativo, ou seja, enfatizar como o pai compreende e significa seu envolvimento e a estrutura familiar. Contudo, seria interessante um estudo complementar a este que investigasse o envolvimento paterno com filhos adotivos e sua relação com a estrutura familiar sob a abordagem quantitativa, principalmente para verificar se existem correlações significativas entre o envolvimento paterno e a estrutura familiar.

Ressalta-se que a maior dificuldade encontrada pela pesquisadora foi conseguir participantes. Mesmo que duas instituições que trabalham com adoção tenham aceitado participar da pesquisa, o número de pais adotivos do perfil almejado era reduzido, e o número dos que aceitaram participar era ainda menor. Optou-se por não ampliar os critérios de inclusão dos participantes justamente para se conseguir participantes com características semelhantes. Reforça-se que não se buscou a representatividade do fenômeno, mas o estudo aprofundado do mesmo.

É possível que os pais que aceitaram participar da pesquisa sejam pais que demonstram mais interesse no envolvimento com seus filhos, do que os que não aceitaram participar. Também é possível que suas respostas apresentem uma desejabilidade social, ou seja, que tenham respondido o que acreditam ser “o certo”, e eles tenham se avaliado mais positivamente do que na verdade o são. Todavia, ressalta-se que esses pais podem ter demonstrado um maior envolvimento com seus filhos por serem os únicos pais que passam por um “processo de habilitação”, o que pode ter os feito sentirem-se mais “cobrados” em serem pais envolvidos. Além disso, esses pais foram indicados pelas instituições, o que pode ter reforçado o “viés” de “pais perfeitos”. Mesmo que a pesquisa tenha buscado explorar sua percepção sobre o envolvimento paterno e estrutura familiar, é importante ressaltar que pode haver um viés. Uma forma de contornar essa limitação em estudos futuros poderia ser realizando filmagens do pai com seus filhos na residência da família, com a finalidade de constatar como o envolvimento paterno se manifesta e como são os padrões de relacionamento da família. Outra alternativa poderia ser entrevistando também a esposa, visto que ela traria sua percepção sobre o envolvimento do pai e sobre a estrutura familiar.

Além disso, é importante ressaltar que um dos pais (P04) relatou o medo que sentiu em vir fazer a pesquisa, dizendo do medo de que pudesse haver algum problema com relação à adoção, pois foi a instituição que entrou em contato com ele para convidá-lo a participar da pesquisa. Esse medo pode ter sido vivenciado também pelos demais pais. Talvez seja por isso que eles marcaram a entrevista imediatamente, como se fosse uma convocação no lugar de um convite. Pode ter existido um medo/fantasia de que, se não aceitassem participar, poderia “dar problema” na adoção. Assim, mesmo que se tenha explicado se tratar de uma pesquisa cuja participação era voluntária, o medo se fez presente, e somente foi amenizado após conversar pessoalmente com a pesquisadora.

Destaca-se que, no final de cada coleta de dados, os pais afirmaram ter gostado de participar da pesquisa e se colocaram à disposição para participar de pesquisas futuras. Como combinado com uma das instituições, a pesquisadora não permaneceu com o contato dos pais acessados na mesma, os quais serão acessados novamente apenas através da instituição para a devolução dos resultados. Já a combinação com a outra instituição é que a pesquisadora combine diretamente com o pai a devolutiva. O fato de terem gostado de participar pode ser uma manifestação de desajustabilidade social, mas pode também ser uma resposta sincera de que foi bom falar sobre sua paternidade e sua família. Assim, embora sejam pais de difícil acesso, é importante que mais estudos sejam feitos com essa população.

9.3 DESDOBRAMENTOS PARA A PRÁTICA

É possível afirmar que a estrutura familiar constituída predominantemente de relacionamentos harmônicos, nos quais as combinações das funções de cada um são realizadas constantemente para se ajustar às novas necessidades da família, pode ser um fator potencialmente de proteção para os membros da família. Isso porque ao ficar claro o que cada um precisa fazer e como fazer, reduzem-se os estresses e frustrações de expectativas construídas e não realizadas, de cobranças sobre algo não antes estabelecido, e por isso, auxilia na promoção psicossocial de saúde dos membros da família.

Como o envolvimento paterno é importante para o desenvolvimento da criança, principalmente se esse envolvimento for diferente do envolvimento da mãe, o mesmo pode ser fomentado em programas de intervenção proporcionados por profissionais como

psicólogos, não apenas com pais adotivos, mas também com pais biológicos e padrastos. Isto porque, embora haja peculiaridades no envolvimento paterno desses homens, todos eles são pais, e esse é um grande ponto de convergência. Mas qual seria a peculiaridade dos pais adotivos se eles se mostram tão semelhantes ao que a literatura indica dos pais biológicos? Uma resposta a tal pergunta pode ser o fato de sua paternidade ser construída a partir da chegada da criança. Embora haja a “gestação psicológica” no período de espera da criança, o relato dos pais demonstrou que a chegada da criança foi o “marco” que os tornou pais. Essa transição para a paternidade também pode ser uma dimensão a ser mais bem explorada e enfatizada por psicólogos.

Sobre o processo de adoção, as ansiedades e angústias referentes à demora nesse processo, bem como o sentimento de estar despreparado e o não saber quando e como contar sobre a adoção para a criança podem ser potenciais fatores de risco, uma vez que podem interferir negativamente no desenvolvimento das pessoas envolvidas. Assim, um dos aspectos que pode ser mais bem discutido, nas instituições envolvidas com pessoas que são candidatos à adoção, é sobre como se preparar melhor para a chegada da criança, pois segundo o relato dos pais, embora estivessem esperando, a chegada da criança foi de surpresa. Portanto, mesmo que já ocorra, ainda há muito a ser “trabalhado” no que se refere ao acompanhamento psicológico das famílias durante o processo, auxiliando-as a melhor se preparar para a chegada da criança.

Outro momento que ainda gera dúvidas nas famílias se refere a quando e como contar sobre a adoção para a criança. Embora a maioria das instituições envolvidas com a adoção proporcionem cursos preparatórios para os adotantes, e existam grupos de estudo e apoio para esse público, os resultados da presente pesquisa indicam que ainda há dúvidas sobre a temática, e uma maior orientação e acompanhamento para esse momento poderiam ser fornecidos. Ao abordar a temática do medo de contar ao filho sobre a adoção e orientar como e quando contar, o psicólogo pode desencadear nas famílias adotivas um potencial fator de proteção.

9.4 ESTUDOS FUTUROS

Com base nos resultados encontrados, sugerem-se alguns temas que ainda podem ser explorados em estudos futuros:

- Envolvimento paterno com filhos adotivos de diferentes idades (infância);
- Envolvimento paterno com filhos adotivos adolescentes;
- Comparação do envolvimento paterno entre pai adotivo, pai biológico e padrasto;
- A influência das redes sociais (“redes de apoio”) no envolvimento de pais com filhos adotivos;
- Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar: Abordagem quantitativa (ou quantitativa e qualitativa);
- Acompanhamento longitudinal das famílias pesquisadas: Semelhanças e diferenças no envolvimento paterno e estrutura familiar, ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- Andolfi, M. (1996). O triângulo como unidade mínima de observação. In *A linguagem do encontro terapêutico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andrade, R. P. de, Costa, N. R. D. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2006). Significações de paternidade adotiva: Um estudo de caso. *Paidéia*, 16(34), 241–252. doi:10.1590/S0103-863X2006000200012
- Balancho, L. S. (2012). *Ser pai, hoje* (9 ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), 377–386.
- Baptista, M. N., Cardoso, H. F., & Gomes, J. O. (2012). Intergeneracionalidade familiar. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Eds.), *Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenção* (pp. 16–26). Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, 32, 205–226.
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista de Psicopedagogia*, 28(85), 67–75.
- Böing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisa com famílias: Aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, 18(40), 251–266.
- Böing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2009). A epistemologia sistêmica como substrato à atuação do psicólogo na atenção básica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 828–845.

- Bolze, S. D. A. (2011). *A relação entre engajamento paterno e conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos* (Dissertação de Mestrado). Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica, 19*(1), 75–92.
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Revista Psicologia Argumento, 31*, 237–246.
- Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2010). Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas, 44*(1), 205–221.
- Bowen, M. (1979). *De la familia al individuo: La diferenciacion del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós.
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In *International Encyclopedia of Education* (2 ed., pp. 37–43). Oxford: Elsevier.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D.

- Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3–28). Washington: American Psychological Association Press.
- Bronfenbrenner, U. (2005). The bioecological theory of human development. In *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 3–15). California: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, *101*(4), 568–86. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7984707>
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. W. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, *9*(1), 115–125.
- Bueno, R. K., Souza, S. A. de, Monteiro, M. A., & Teixeira, R. H. M. (2013). Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. *Psico*, *44*(1), 16–25.
- Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento* (artigo no prelo).
- Bustamante, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: Um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, *21*(6), 1865–1874.
- Cabrera, N. J., & Bradley, R. H. (2012). Latino Fathers and Their Children. *Child Development Perspectives*, 1–7. doi:10.1111/j.1750-8606.2012.00249.x
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child development*, *71*(1), 127–136.

- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999). Measuring father involvement in the early head start evaluation: A multidimensional conceptualization. *Paper presented at the National Conference on Health Statistics.*
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2 ed., pp. 7–29). Porto Alegre: Artmed.
- Cerqueira-Silva, S., Dessen, M. A., & Júnior, Á. L. C. (2011). As contribuições da ciência do desenvolvimento para a psicologia da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, *16*(1), 1599–1609.
- Cerveny, C. M. de O., & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. In L. C. Osorio, M. E. P. do Valle, & Colaboradores (Eds.), *Manual de terapia familiar* (p. 488). Porto Alegre: Artmed.
- Chacon, M. C. M. (2011). Aspectos relacionais, familiares e sociais da relação pai-filho com deficiência física. *Revista Brasileira*, *17*(3), 441–458.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2006). Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai – filho. *Psico-USF*, *11*(2), 257–264.
- Cia, F., Barham, E. J., & Fontaine, A. M. G. V. (2012). Desempenho acadêmico e autoconceito de escolares: Contribuições do envolvimento paterno. *Estudos de Psicologia*, *29*(4), 461–470.
- Cia, F., D’Affonseca, S. M., & Barham, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia*, *14*(29), 277–286.
- Cia, F., Pamplin, R. C. de O., & Williams, L. C. de A. (2008). O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psicologia em Estudo*, *13*(2), 351–360.

- Cia, F., Williams, L. C. de A., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: Revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 225–233.
- Conger, R. D., Belsky, J., & Capaldi, D. M. (2009). The intergenerational transmission of parenting: Closing comments for the special section. *Developmental Psychology*, 45(5), 1276–1283. doi:10.1037/a0016911
- CNJ. (2013). Cadastro Nacional da Adoção. Retrieved from <http://www.cnj.jus.br/programas-de-a-a-z/infancia-e-juventude/cadastro-nacional-de-adocao-cna>
- Costa, L. F., & Campos, N. M. V. (2003). A avaliação psicossocial no contexto da adoção: Vivências das famílias adotantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 221–230.
- Costa, L. T. M., & Kimmelmeier. (2013). O olhar de futuros pais sobre o processo de adoção. *Psicologia Argumento*, 31(72), 187–196.
- Costa, N. R. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2007). Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 425–434.
- Costa, N. R. do A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2009). Becoming mother and father in late adoption: A case study. *Child & Family Social Work*, 14(1), 58–67. doi:10.1111/j.1365-2206.2008.00581.x
- Cox, M. J., & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual Review of Psychology*, 48, 243–67. doi:10.1146/annurev.psych.48.1.243
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. de. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579–587.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3 ed.). Porto Alegre: Artmed.

- D'Andrea, A. (2002). O casal adotante. In M. Andolfi (Ed.), *A crise do casal: Uma perspectiva sistêmico-relacional* (2 ed., pp. 233–247). Porto Alegre: Artmed.
- Daly, M., & Wilson, M. (2005). The “Cinderella effect” is no fairy tale. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(11), 507–508. doi:10.1542/peds110.2.e18
- Daly, M., & Wilson, M. (2007a). Is the “Cinderella Effect” controversial? a case study of evolution-minded research and critiques thereof. In C. Crawford & D. Krebs (Eds.), *Foundations of evolutionary psychology* (pp. 383–400). Mahwah NJ: Erlbaum Associates.
- Daly, M., & Wilson, M. (2007b). Discriminative parental solicitude: A biological perspective. *Journal of Marriage and Family*, 42(2), 277–288.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: Desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 202–219.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71–98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Fagan, J. (1997). Patterns of mother and father involvement in day care. *Child & Youth Care Forum*, 26(2), 113–126.
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento* (12 ed.). São Paulo: Edicon.
- Falceto, O. G., Fernandes, C. L., Baratojo, C., & Giugliani, E. R. J. (2008). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista Saúde Pública*, 42(6), 1034–1040.
- Falceto, O. G. (1996). As mudanças sociais e as transformações das funções parentais. In L. C. Prado (Ed.), *Famílias e Terapeutas*:

Construindo caminhos (pp. 189–197). Porto Alegre: Artes Médicas.

Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25–46). Porto Alegre: Edipucs.

Faustino, W. de M., Coelho, F. E. de A. C., & Silva, A. T. M. C. da. (2007). Sentir-se pai: A vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(1), 137–145.

Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). The role of father involvement in children's later mental health. *Journal of Adolescence*, 26(1), 63–78. doi:10.1016/S0140-1971(02)00116-1

Fouts, H. N. (2008). Father involvement with young children among the Aka and Bofi foragers. *Cross-Cultural Research*, 42(3), 290–312. doi:10.1177/1069397108317484

Freitas, W. de M. F. e, Silva, A. T. M. C. da, Coelho, E. de A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T. de, & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: Responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 85–90.

Gabriel, M. R. (2012). *Transformações no envolvimento paterno ao longo dos seis primeiros meses do bebê na creche* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: Descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253–261. doi:10.1590/S1413-294X2011000300007

Gagno, A. P., & Weber, L. N. D. (2002). Um retrato dos filhos de criação na imprensa brasileira. *Interação em Psicologia*, 6(2), 203–212.

- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). Como inquirir? as entrevistas. In R. Ghiglione & B. Matalon (Eds.), *O inquirito: Teoria e prática* (pp. 69–114). Oeiras: Celta.
- Ghirardi, M. L. de A. M. (2009). A devolução de crianças adotadas: Ruptura do laço familiar. *Revista Brasileira de Medicina: Psicologia em Pediatria*, 2(45), 66–70.
- Gil, A. C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Glover, M. B., Mullineaux, P. Y., Deater-Deckard, K., & Petrill, S. A. (2010). Parents' feelings towards their adoptive and non-adoptive children. *Infant Child Development*, 19(3), 238–251.
- Goetz, E. R. (2005). *Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2008). Diferenças nas percepções de crianças sobre cuidado parental real e ideal quando pais vivem juntos ou separados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 83–90.
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2009a). *Pai real, pai ideal: O papel paterno no desenvolvimento infantil*. Curitiba: Juruá.
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2009b). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 195–203.
- Gomes, L. B. (2011). *Engajamento paterno e agressividade em crianças de quatro a seis anos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Hartman, A. (1994). Segredos na adoção. In E. Imber-Black. *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 94–112). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Hennigen, I. (2010). Especialistas advertem: O pai é importante para o desenvolvimento infantil. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(1), 169–184.
- Hook, J. L., & Wolfe, C. M. (2012). New fathers?: Residential fathers' time with children in four countries. *Journal of Family Issues*, 33(4), 415–450. doi:10.1177/0192513X11425779
- IBGE. (2010a). Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Retrieved from <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoidevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/default.shtm>
- IBGE. (2010b). Censo 2010. Retrieved from <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>
- Jager, M. E., & Bottoli, C. (2011). Paternidade: Vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 141–153.
- Jayakody, R., & Phuong, P. T. T. (2013). Social change and fathering: Change or continuity in vietnam? *Journal of Family Issues*, 34(2), 228–250. doi:10.1177/0192513X12461618
- Johnson, E. S. (2008). Ecological Systems and Complexity Theory: Toward an alternative model of accountability in education. *Complicity: An International Journal of Complexity and Education*, 5(1), 1–10.
- Jones, C., & Hackett, S. (2011). The role of “family practices” and “displays of family” in the creation of adoptive kinship. *British journal of social work*, 44(1), 40–56.
- Ladvoat, C. (2009). Famílias com filhos adotivos. In L. C. Osorio, M. E. P. do Valle, & Colaboradores (Eds.), *Manual de terapia familiar* (p. 488). Porto Alegre: Artmed.

- Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: An introductory overview and guide. In *The role of the father in child development* (3 ed., pp. 1–18). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal Behavior in Humans. *American Zoologist*, *25*, 883–894.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (p. 342). Belo Horizonte: Artmed.
- Leavell, A. S., Tamis-LeMonda, C. S., Ruble, D. N., Zosuls, K. M., & Cabrera, N. J. (2012). African american, white and latino fathers' activities with their sons and daughters in early childhood. *Sex Roles*, *66*, 53–65. doi:10.1007/s11199-011-0080-8
- Levy, L., Dinana, S., & Pinho, P. G. R. (2009). O grupo de reflexão como estratégia de promoção de saúde com famílias adotivas. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, *17*(1), 39–42.
- Lordelo, E. R., França, C. B. da, Lopes, L. M. dos S., Dacal, M. del P. O., Carvalho, C. S., Guirra, R. C., & Chalub, A. A. (2006). Investimento parental e desenvolvimento da criança. *Estudos de Psicologia*, *11*(3), 257–264.
- Magill-Evans, J., Harrison, M. J., Rempel, G., & Slater, L. (2006). Interventions with fathers of young children: Systematic literature review. *Journal of Advanced Nursing*, *55*(2), 248–64. doi:10.1111/j.1365-2648.2006.03896.x
- Manfroi, E. C., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, *21*(1), 59–69.
- Marchetto, M. V. (2010). *Mudanças no ciclo de vida familiar a partir da adoção* (Trabalho de conclusão). Familiare Instituto Sistêmico, Florianópolis, Brasil.

- Marchetto, M. V. (2012). *A estrutura e a dinâmica de famílias de crianças vítimas de violência* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Marin, A. H. (2005). *Práticas educativas maternas em famílias de mães solteiras e famílias nucleares* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Porto Alegre, Brasil.
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. de O., Silva, I. M., Lopes, R. de C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 123–132.
- Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, T. N. de, & Laganá, D. C. (2008). Amostragem em pesquisa clínica: Tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20(2), 186–194.
- McGoldrick, M., & Gerson, R. (1995). Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2012). *Genogramas* (3 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child development*, 56, 289–302.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., Lee, W.-Y., & Simon, G. M. (2008). *Dominando a terapia familiar* (2 ed.). Porto Alegre: Artmed.

- Monteiro, L., Fernandes, M., Verissimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares: Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicología*, 44(1), 1–11.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395–409.
- Moré, C. L. O. O., Crepaldi, M. A., Golçalves, J. R., & Menezes, M. (2009). Contribuições do pensamento sistêmico à prática do psicólogo no contexto hospitalar. *Psicologia em Estudo*, 14(3), 465–473.
- Moyer, A., & Goldberg, A. (2011). Violated expectations across the transition to adoptive parenthood: A mixed methods study of age, race, sex, and special needs preferences among foster-to-adopt parents. In *New worlds of adoption - Research-based interventions promoting attachment* (Vol. 40, pp. 54–55).
- Nascimento, A. R. A. do, Vieira, G. T., Mesquita, A. C. R., Gomes, M. M. L. O., Silva, M. C., & Alves, R. G. S. (2013). Representações sociais de paternidade na revista Pais & Filhos (1969–2008). *Psicologia Argumento*, 31(73), 205–213.
- Nogueira-Martins, M. C. F., & Bógus, C. M. (2004). Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, 13(3), 44–57.
- Nunes, C. C., Silva, N. C. B. da, & Aiello, A. L. R. (2008). As contribuições do papel do pai e do irmão do indivíduo com necessidades especiais na visão sistêmica da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(1), 37–44.
- Nunes, S. A. N., Fernandes, M. G., & Vieira, M. L. (2007). Interações sociais precoces: Uma análise das mudanças nas funções parentais.

Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 17(3), 160–171.

Nunes, S. A. N., & Vieira, M. L. (2009). Fundamentos históricos e epistemológicos no estudo do comportamento paterno. *Psicologia Argumento*, 27(57), 103–115.

Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193–219. doi:10.1159/000078723

Paquette, D., Coyl-shepherd, D. D., & Newland, L. A. (2012). Fathers and development: New areas for exploration. *Early Child Development and Care*, 183(6), 735–745. doi:http://dx.doi.org/10.1080/03004430.2012.723438

Paquette, D., Eugene, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M.-N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99–119). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.

Piccinini, C. A., Silva, M. da R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. de C. S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento Paterno aos Três Meses de Vida do Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303–314.

Piccinini, C. A., Silva, M. da R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303–314.

Pinheiro, I. R., Crepaldi, M. A., & Cruz, R. M. (2012). Entendeu ou quer que eu desenhe? Transições familiares através da visão sistêmica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(1), 175–192.

Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3 ed., pp. 66–103). New York: John Wiley & Sons, Inc.

- Prado, A. B., & Vieira, M. L. (2003). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de Ciências Humanas*, 34, 313–334.
- Prado, L. C. (1996). O bebê inaugura a família: A terapia pais-bebês. In L. C. Prado (Ed.), *Famílias e Terapeutas: construindo caminhos* (pp. 97–130). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Prati, L. E., Couto, M. C. P. de P., Moura, A., Poletto, M., & Koller, S. H. (2005). Revisando a inserção ecológica: Uma proposta de sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 160–169.
- Rangel, B. T. (2007). *Motivações para adoção: Uma perspectiva da Psicologia Evolucionista* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.
- Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Retrieved from <http://www.bioetica.ufrgs.br/res19696.htm>
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 311–319.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3 ed., p. 583). São Paulo: McGraw-Hill.
- Sánchez, Y. (1996). Relaciones padres-hijos en familias adoptivas. *Anuario de Psicología*, 71, 87–105.
- Sarkadi, A., Kristiansson, R., Oberklaid, F., & Bremberg, S. (2008). Fathers' involvement and children's developmental outcomes: A systematic review of longitudinal studies. *Acta paediatrica*, 97(2), 153–8. doi:10.1111/j.1651-2227.2007.00572.x

- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. de A., & Dias, C. M. de S. B. (2006). Famílias adotivas: Identidade e diferença. *Psicologia em Estudo, 11*(2), 285–293.
- Schmidt, B. (2012). *Relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Schober, P. S. (2012). Paternal child care and relationship quality: A longitudinal analysis of reciprocal associations. *Journal of Marriage and Family, 74*(2), 281–296. doi:10.1111/j.1741-3737.2011.00955.x
- Schultz, N. C. W., Duque, D. F., Silva, C. F. da, Souza, C. D. de, Assini, L. C., & Carneiro, M. da G. de M. (2012). A compreensão sistêmica do bullying. *Psicologia em Estudo, 17*(2), 247–254.
- Sifuentes, T. R., Dessen, M. A., & Oliveira, M. C. S. L. de. (2007). Desenvolvimento humano: Desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23*(4), 379–386.
- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia, 24*(4), 561–574.
- Simões, R., Isabel, L., & Maroco, J. (2010). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças, 11*(2), 339–356.
- Sonego, J. C., & Lopes, R. de C. S. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Aletheia, 29*, 16–26.
- Souza, C. L. C. de, & Benetti, S. P. da C. (2008). Paternidade e desemprego: Características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos Clínicos, 1*(2), 61–71. doi:10.4013/ctc.20082.02

- Souza, G. (2012). Cadastro tem 5,2 mil crianças. *Conselho Nacional de Justiça. Publicado em 25/05/2012*. Retrieved September 23, 2012, from <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/19552-cadastro-tem-52-mil-criancas>
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174–185.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2011). A vivência da paternidade em tempos de diversidade: Uma visão transcultural. In A. Wagner & Colaboradores (Eds.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões* (pp. 99–110). Porto Alegre: Artmed.
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: A vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74–82.
- Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista? In L. V. C. Moreira & A. M. A. Carvalho (Eds.), *Família e educação: Olhares da psicologia* (pp. 209–231). São Paulo: Paulinas.
- Tudge, J. R. H., Mokrova, I., Hatfield, B. E., & Karnik, R. B. (2009). Uses and misuses of Bronfenbrenner 's bioecological theory of human development. *Journal of Family Theory & Review*, 1(1), 198–210.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: Definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, 39(3), 507–514.
- Vasconcellos, M. J. E. de. (2010). *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência* (9 ed.). Campinas: Papirus.
- Vieira, J. M. (2006). Era uma vez... Esta pode ser a sua história. *Cadernos Pagu*, 26, 59–85.

- Vieira, M. L., Rímoli, A. O., Prado, A. B., & Chelini, M. O. M. (2009). Cuidado e responsividade parentais: Uma análise a partir da Teoria da História de Vida e da Teoria do Investimento Parental. In E. Otta & M. E. Yamamoto (Eds.), *Psicologia Evolucionista* (pp. 86–95). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181–186.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea. In A. Wagner & Colaboradores (Eds.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões* (pp. 187-196). Porto Alegre: Artmed.
- Wall, G., & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering?: An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender & Society*, 21, 508–527. doi:10.1177/0891243207304973
- Weber, L. N. D. (2001). *Pais e filhos por adoção no Brasil*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. D. (2003). *Aspectos psicológicos da adoção* (2 ed.). Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. D. (2005). Abandono, institucionalização e adoção no Brasil: Problemas e soluções. *O Social em Questão*, 14, 53–70.
- Wendt, N. C. (2006). *Fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na Pesquisa Qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302–310.

Yunes, M. A. M., & Juliano, M. C. (2010). A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. *Cadernos de Educação*, 37, 347–379.

APÊNDICE A – DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL

(TIMBRE DA INSTITUIÇÃO)

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar, e cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

(cidade em que a pesquisa foi realizada),/...../.....

(ASSINATURA DO/A RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO)
(CARIMBO DO/A
RESPONSÁVEL)

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Rovana Kinas Bueno, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o, a participar do processo de coleta de dados de minha Dissertação de Mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Luís Vieira, e coorientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi. Esta pesquisa que se intitula “Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar”, tem como objetivo relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos (em termos de interação, disponibilidade e responsabilidade) e a estrutura familiar (em termos de interação e configuração familiar). Objetiva-se também descrever a vivência do pai com filho adotivo. Este estudo justifica-se por sua relevância social, pois, o maior aprofundamento do conhecimento sobre o envolvimento paterno irá contribuir para que o pai possa desempenhar ainda melhor sua função. Além disso, como há poucos estudos sobre a temática proposta nesta pesquisa, em termos científicos este estudo irá contribuir para o avanço do conhecimento, e conseqüentemente, no progresso da ciência. Sua participação acontecerá por meio do seu consentimento em responder a um Questionário Sociodemográfico, uma Entrevista Semiestruturada sobre Envolvimento Paterno e uma Entrevista Semiestruturada de Genograma, sendo as duas últimas com gravações em áudio. Esclareço que as gravações serão apagadas após o término deste estudo. O seu nome, ou quaisquer dados que possam identificá-los, não serão utilizados nos documentos pertencentes a este estudo. É provável que a pesquisa permita uma reflexão acerca de suas vivências e sentimentos sobre seu envolvimento paterno. Porém, visto que nas entrevistas serão abordadas algumas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, você poderá ser

encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC). A sua participação é absolutamente voluntária, não remunerada e a pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento, antes e durante a pesquisa. Você é livre para recusar a dar resposta a qualquer questão durante as entrevistas, parar ou desistir da participação a qualquer momento. As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração do trabalho científico que poderá ser utilizado para publicação em meios acadêmicos e científicos. Esclareço que será feita a devolução dos resultados da pesquisa a você e às instituições que possibilitaram o acesso aos participantes, em data a ser agendada. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu, abaixo assinado, declaro através deste documento o meu consentimento em participar desta pesquisa.

RG: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Data: _____

Pesquisador Responsável

Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Fone: (48) 3721-8606

E-mail: maurolvieira@gmail.com

Pesquisadora

Mestranda: Rovana Kinas Bueno

Fone: (48) 9620-5298

E-mail: rovanak@gmail.com

APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DE ENVOLVIMENTO PATERNO

Instrumento elaborado por Bueno, Vieira e Crepaldi (2012a)³⁴,
com perguntas adaptadas de Bossardi e Vieira (2012)³⁵

Introdução

Conte-me como foi o processo de adoção do _____ (criança focal).
(Se não mencionar, explorar:)

- Como foi a decisão de vocês em adotar o _____ (criança focal)?
- Por que motivos decidiram adotar? (explorar o desejo em ser pai e em adotar)
- Quando surgiu a ideia da adoção? (Quem quis adotar?)
- Como foi para a família essa decisão?
- Quanto tempo vocês ficaram na fila de espera?
- Como era o bebê que vocês imaginavam? Ele correspondeu às suas expectativas?
- Com quantos dias, semanas ou meses _____ (criança focal) foi adotada(o)?
- Como foi a chegada do bebê?
- Seu filho adotivo sabe que foi adotado? Quando e como você contou para ele? Se ainda não contou, pretende contar? Se não pretende contar, por que pretende guardar segredo?

Experiência de ser pai

1) Como está sendo a experiência de ser um pai adotivo?

Se já tem filhos biológicos: Você percebe alguma diferença entre ser pai dos seus filhos biológicos e ser pai adotivo? Se percebe, qual é a diferença?

2) Como você se descreve como pai?

(Se não mencionar, explorar:)

³⁴ Bueno, R. K.; Vieira, M. L.; Crepaldi, M. A. (2012a). Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno. Instrumento não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil.

³⁵ Bossardi, C. N.; Vieira, M. L. (2012). Entrevista. Instrumento não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil.

- Como você avalia sua participação na vida do seu filho? (motivação e habilidades)
- 3) O que sua esposa, amigos e familiares comentam sobre você como pai? (suporte)

Responsabilidade

- 4) Como você participa na organização das tarefas da casa e dos cuidados com o(s) filho(s)?
- Que tarefas você assume com relação ao seu filho? (ver o tempo que demora e a frequência com que é feita) E com relação a casa?

Disponibilidade

- 5) Me fale do seu dia a dia: em que momento você costuma estar com seu filho (ou filha) durante a semana e nos finais de semana? (Se não mencionar, explorar:)
- Quanto tempo fica junto durante os dias de semana? E nos finais de semana?

Interação

- 6) E o que você faz quando está junto com ele/ela (atividades ou tarefas que realiza)? (explorar durante a semana e nos finais de semana) (Se não mencionar, explorar:)
- Do que brinca, sobre o que conversa?
 - Quais programas e atividades seu filho mais gosta de fazer? (perguntas indiretas para verificar o envolvimento)
 - Nessas atividades está apenas você ou sua companheira está junto? Ela interfere? Como? (suporte)
 - Na sua opinião, sua companheira ajuda ou atrapalha sua participação no cuidado com a criança? Existe alguma atividade que ela não deixa ou não gosta que você realize com seu filho(a)? Dê exemplo.
 - Dentre essas atividades ou tarefas, qual ou quais as que você realiza com maior frequência? E de qual você mais gosta?
 - *Se o pai cuida do filho ou demonstra envolver-se nos cuidados:* Percebi que você cuida do seu filho, com quem aprendeu a cuidar dele? (habilidades)

Outros fatores que interferem no envolvimento paterno

- 7) O que você acha que facilita no seu envolvimento com seu filho?
- 8) E o que você acha que dificulta?
- 9) Você acha seu filho parecido com você? Em quê?

10) Como seu pai era como pai? (motivação)

(Se não mencionar, explorar:)

- É ele que você tem como modelo de pai ou outra pessoa exerceu essa função em sua vida?
- O que acha que você repete do seu pai/pessoa que exerceu essa função?
- Você acha que seu jeito de ser como pai é semelhante ao dele?
- O que você acredita que faz diferente?

11) Quando acontece algum conflito (briga ou discussão) com sua esposa, como é sua relação com seu filho(a)? (relacionamento conjugal)

12) Como você descreve o jeito do seu filho? Como é lidar com ele? (explorar como o pai percebe que educa o filho) (habilidades)

13) O que você faz quando _____ (criança focal) não obedece?

14) Tem mais alguma coisa que deseja falar ou acrescentar sobre o que conversamos?

APÊNDICE D - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DE GENOGRAMA

Instrumento elaborado por Bueno, Vieira e Crepaldi (2012b)³⁶, com adaptação do roteiro de Wendt (2006).

Abaixo segue a frase introdutória e algumas questões norteadoras da entrevista do genograma familiar. Ressalta-se que são apenas tópicos a serem investigados, pois, muito do que irá emergir vai depender do que o participante irá informar. Não necessariamente todas estas perguntas serão realizadas, visto que isso dependerá do quanto o participante irá informar sobre sua família, ou seja, se houver necessidade, as perguntas serão realizadas para que não fique nenhum aspecto sem ser explorado.

Frase introdutória:

“Uma das partes da pesquisa é construir um mapa familiar ou desenho familiar, no qual vou desenhar as pessoas que fazem parte de sua família e como elas se relacionam. Gostaria que você me ajudasse a desenhar o mapa da família de vocês, sua família de origem e as pessoas que são muito próximas a você. A construção desse mapa dura em torno de uma hora e pode ser interrompida, se houver necessidade. Preciso que você inclua as pessoas que já faleceram ou que apresentam alguma condição especial (física ou psicológica). Os quadrados representam os homens e os círculos, as mulheres. Os nomes que mencionar serão depois excluídos ou substituídos para manter as identidades em sigilo. Vamos começar? Para começar a fazer o desenho da família, gostaria de saber...”

1) Quais são as pessoas que fazem parte de sua família? (configuração familiar e ciclo vital)

(Se não mencionar os aspectos abaixo, explorar)

- Há quanto tempo você está casado/união estável com sua companheira?
- Você e sua esposa têm mais algum filho além do _____ (criança focal)? Se sim, quantos? São biológicos ou adotivos? Qual a idade

³⁶ Bueno, R. K.; Vieira, M. L.; Crepaldi, M. A. (2012b). Entrevista semiestruturada de genograma. Instrumento não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil.

desses filhos (ano e meses)?

- Seus pais e sogros ainda são vivos? Você possui irmãos e cunhados? Qual a idade deles? Qual é a profissão?
- E seus avós e os avós de sua esposa? Ainda estão vivos?
- Você teve outros relacionamentos? Você possui filhos desses outros relacionamentos? Se sim, quantos?
- E sua esposa, teve outros relacionamentos? Se sim, ela possui filhos desses relacionamentos anteriores? Se sim, quantos?
- Quem mora com você? (Se houver uma pessoa além da família nuclear, anotar parentesco ou afinidade)
- E as outras pessoas, aonde moram?
- O que essas pessoas fazem? Qual a escolaridade do(s) seu(s) filho(s)?
- Com que frequência você fala ou vê as pessoas que não moram com você?

2) (Analisar nas perguntas abaixo sobre os relacionamentos: Se essas pessoas são muito próximas ou distantes, se são muito leais uma a outra, se há alguém que não se fala, se há conflito entre as pessoas ou se há pessoas que estão permanentemente em conflito mas são muito ligadas emocionalmente, se estão bem, mas em situações adversas entram em conflito, se há pessoas que se unem contra uma terceira, entre outros) (padrões de transacionais)³⁷

Gostaria de saber...

- *Se os sogros estiverem casados:* Como é o relacionamento (conjugal) dos seus sogros?
- Como é o relacionamento da tua esposa com o pai dela? E com a mãe dela?
- Como é o relacionamento da sua esposa com os irmãos dela? (explorar cada irmão)
- Como é o relacionamento dos teus sogros com os teus cunhados(as)?
- *Se os avós da esposa estiverem vivos:* Como é o relacionamento dos avós da tua esposa com ela? e dela com os teus pais?
- Como é o relacionamento da tua esposa com o restante da família?

³⁷ Verifica-se a necessidade de perguntas específicas para investigar o relacionamento com cada um dos membros da família, para que o mesmo possa ser explorado de modo satisfatório.







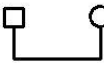

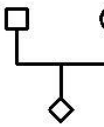
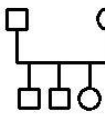
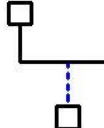
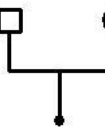
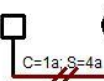
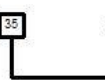
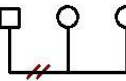

Agora vamos falar um pouco da sua família de origem...

- *Se os pais estiverem casados:* Como é o relacionamento (conjugal) dos teus pais? *Se houver madrasta ou padrasto:* Como é o relacionamento conjugal da(o) tua(teu) mãe(pai) com teu(tua) padrasto(madrasta)?
- Como é o seu relacionamento com o seu pai? E com sua mãe?
- Como é seu relacionamento com seus irmãos?
- Como é o relacionamento dos seus irmãos com os seus pais? (explorar cada irmão)
- Como é o seu relacionamento com os seus avós?
- Como é o relacionamento dos seus pais com os seus avós? (explorar o relacionamento do pai dele com o seu avô)
- Como é o seu relacionamento com sua esposa? Como vocês se conheceram?
- Como é seu relacionamento com teus sogros? E teus cunhados?
- E com o filho adotivo? E os outros filhos (se tiver)?
- Como é o seu relacionamento com os demais membros da família? (Se o pai mencionar outra pessoa significativa, explorar também seu relacionamento com ela. Caso o pai mencione algum padrão, como por exemplo “bater no filho para educá-lo”, verificar se há repetição do padrão na família, como por exemplo “Você também apanhou? Seu pai também apanhou? E sua mãe? Quem mais na sua família bate nos filhos para educá-los?”).

3) Ocorreu algum evento significativo nesse último ano? O que? Como isso o afetou? (interferências externas)









4) Tem mais alguma informação que deseja acrescentar?

Legenda do Genograma³⁸:

	Homem		Mulher
	Participante da Pesquisa		Abuso de álcool e outras drogas
	Problemas mentais ou físicos		Morte
	Casamento ou união estável		Separação ou Divórcio
	Gravidez		Filhos: ordem de nascimento com o mais velho à esquerda
	Filho adotivo		Aborto espontâneo
	Tempo de casamento e de separação em anos		Idade das pessoas vai dentro dos quadrados e bolinhas
	Recasamento (no exemplo, o homem casou pela 2ª vez)		Abuso de álcool e outras drogas, e problemas mentais ou físicos
?	Não se sabe o sexo da pessoa		

³⁸ Fonte: Legenda retirada e adaptada de Wendt e Crepaldi (2008, p. 309), baseada em McGoldrick e Gerson (1995) e Minuchin (1982).

Relacionamentos:

	Distante		Conflituoso
	Rompimento		Muito estreito
	Fundido e Conflitual		Aliança
	Harmônico		Vulnerável

Demais símbolos utilizados nos genogramas apresentados:

Siglas das profissões:

AnSist	Analista de Sistemas
Jard	Jardineiro
Adv	Advogado(a)
Apo	Aposentado
ApoI	Aposentado pelo INSS
Com	Comerciário
CorIm	Corretor de Imóveis
Cost	Costureira
Dent	Dentista
Diar	Diarista
Ofi	Dono de uma oficina
FuncP	Funcionário Público
Func	Funcionário(a)
Ge	Gerente
Mec	Mecânico
Med	Médico
Mot	Motorista
Pint	Pintor
Prof	Professora

ProfUn	Professora Universitária
Pro	Promotor de Justiça
ServP	Servidor(a) Público(a)
Tur	Trabalha com turismo
Trein	Treinamento/palestra
Vig	Vigilante
VRe	Vive de aluguéis

Doenças/causas de morte:

<aci>	Acidente de trânsito
<al>	Uso e abuso de álcool
<avc>	Acidente vascular cerebral
<Ca>	Câncer
<CN>	Causas naturais
<Cor>	Doença do coração/ infarto
<di>	Diabetes
<dr>	Uso e abuso de outras drogas
<pne>	Pneumonia
<tu>	Tumor
<Úl>	Complicação no estômago, como úlcera

Outras informações importantes:

NCF	Nunca casou nem teve filhos
Spsi	Surto Psicótico

APÊNDICE E – CARTA-CONVITE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CARTA-CONVITE

Prezado pai,

Gostaria de convidá-lo a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em (cidade da pesquisa) sobre o envolvimento do pai com seu filho adotivo e as interações familiares.

Sua participação acontecerá por meio de respostas a entrevistas e questionário que abordam o tema da pesquisa. Sua identidade será mantida em sigilo. A pesquisa se dará com a participação voluntária de pais que tenham pelo menos um filho adotivo de 3 a 6 anos de idade e que tenham adotado este filho com até um ano de idade.

Sua opinião é de extrema importância para o sucesso da pesquisa. Caso aceite participar, gostaria de agendar uma data e horário para a realização da pesquisa, a qual poderá acontecer na instituição

_____ (nome) _____, endereço _____

_____ (local) _____.

Qualquer dúvida, pode entrar em contato com a pesquisadora Rovana Kinas Bueno, mestrande do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do telefone (48) 9620-5298 ou pelo e-mail rovanak@gmail.com

APÊNDICE F – TABELA DE FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DOS ELEMENTOS TEMÁTICOS

CATEGORIA - SUBCATEGORIA - ELEMENTO TEMÁTICO*	PARTICIPANTES				TOTAL:
	P 01	P 02	P 03	P 04	
A - contar ao filho sobre a adoção - aos poucos/indiretamente	1	7	0	1	9
A - contar ao filho sobre a adoção - compreensão	1	0	1	1	3
A - contar ao filho sobre a adoção - filho do coração	2	0	0	1	3
A - contar ao filho sobre a adoção - momento	0	4	1	1	6
A - contar ao filho sobre a adoção - não sabe como	0	1	0	4	5
A - desejos - adotar	2	1	3	11	17
A - desejos - criança recém-nascida	1	1	0	1	3
A - desejos - da família	0	0	0	4	4
A - desejos - não ter filho	0	1	1	2	4
A - desejos - pela criança	1	2	0	2	5
A - desejos - ter filho	5	2	0	9	16
A - idealização - menino como o pai	0	0	0	2	2
A - idealização - realismo	4	1	1	0	6
A - idealização - saudável	2	0	1	0	3
A - motivações - caridade	1	0	0	0	1
A - motivações - infertilidade	2	4	2	4	12
A - motivações - ter alguém pra nos cuidar	0	0	0	1	1
A - reações da família - aceitação	2	1	2	1	6
A - reações da família - estranhamento	0	0	3	0	3
A - reações da família - felicidade	1	0	0	2	3
A - reações da família - tranquilidade	6	1	0	1	8
A - sentimentos - alegria	3	1	0	3	7
A - sentimentos - ansiedade/demora	6	2	9	5	22
A - sentimentos - surpresa/despreparado	5	4	6	1	16
B - amor - facilita envolvimento	2	2	0	0	4
B - amor - instantâneo	3	1	0	0	4
B - amor - maior/igual que de filho biológico	2	1	1	0	4
B - amor - mais apegado ao pai	0	0	2	1	3
B - amor - maravilhoso	1	2	0	0	3
B - amor - muito apegado	0	0	0	4	4
B - medo/preocupação - em ter um filho adotivo	5	0	2	0	7
B - medo/preocupação - que se envolva com drogas	4	0	0	0	4
B - medo/preocupação - reação da criança em saber da adoção	0	0	0	2	2
B - medo/preocupação - saúde da criança	7	2	0	4	13
B - medo/preocupação com a diferença de idade	0	0	1	0	1
B - pertencimento - esquece que o filho foi adotado	1	3	4	0	8
B - pertencimento - nosso filho	5	2	0	1	8

B - semelhança - destino	4	0	0	0	4
B - semelhança - física	6	3	6	6	21
B - semelhança - herdada	1	0	0	0	1
B - semelhança - personalidade/jeito de ser	3	2	0	0	5
C - como se percebe como pai - amigo	0	1	0	1	2
C - como se percebe como pai - atencioso	0	1	0	0	1
C - como se percebe como pai - carinhoso	1	1	0	0	2
C - como se percebe como pai - impaciente	1	0	0	0	1
C - como se percebe como pai - paizão/bom pai	8	4	0	0	12
C - como se percebe como pai - papel importante	1	1	1	1	4
C - como se percebe como pai - preocupado	2	0	1	0	3
C - como se percebe como pai - presente	2	0	2	0	4
C - como se percebe como pai - protetor	0	1	2	0	3
C - como se percebe como pai - provedor	0	1	0	0	1
C - sentimentos em ser pai - bom/prazeroso	1	5	5	1	12
C - sentimentos em ser pai - experiência única	0	0	0	1	1
C - sentimentos em ser pai - gratificante	2	1	1	1	5
C - sentimentos em ser pai - surpreender-se	2	0	0	0	2
C - tornar-se pai - do dia para a noite	1	0	0	0	1
C - tornar-se pai - marco na vida	2	0	0	1	3
C - tornar-se pai - muda a vida	0	0	2	0	2
C - tornar-se pai - no dia a dia	0	1	0	0	1
D - brincar - andar de bicicleta	1	10	2	1	14
D - brincar - andar de carrinho/moto	0	0	2	0	2
D - brincar - com areia	0	0	0	5	5
D - brincar - contar histórias	3	0	0	0	3
D - brincar - de bonecos	0	0	1	0	1
D - brincar - de carrinho	2	0	2	0	4
D - brincar - de quebra-cabeça	6	0	0	2	8
D - brincar - desenhar	0	0	0	4	4
D - brincar - geral	8	5	5	6	24
D - brincar - ir ao parque	5	0	1	6	12
D - brincar - jogar bola	2	2	5	0	9
D - brincar - jogar videogame	8	0	0	0	8
D - brincar - jogos de encaixe	7	0	0	0	7
D - brincar - no balanço	0	3	0	1	4
D - brincar - no escorregador	0	3	0	0	3
D - brincar - supervisionar	0	0	1	1	2
D - brincar - ver TV	7	2	3	4	16
D - conversar - assuntos diversos	0	1	1	0	2
D - conversar - disciplinar	1	0	1	0	2
D - conversar - ensinar	0	2	0	1	3
D - conversar - sobre a brincadeira	0	0	0	1	1
D - conversar - sobre a escola	2	0	1	0	3
D - cuidar - ajudar no banheiro	3	0	0	0	3

D - cuidar - aprender a cuidar	1	1	2	4	8
D - cuidar - arrumar o filho	1	0	0	1	2
D - cuidar - dar banho	2	0	1	2	5
D - cuidar - dar comida	0	4	1	0	5
D - cuidar - fazer dormir	1	1	1	0	3
D - cuidar - fazer “mamã”	2	4	2	1	9
D - cuidar - iniciativa	2	0	1	0	3
D - cuidar - trocar fralda	3	1	2	0	6
D - cuidar - vestir	1	0	0	2	3
D - demonstrar afeto	5	2	1	1	9
D - lazer - passear	0	0	1	5	6
D - lazer - praia	0	1	0	0	1
D - lazer - sair de casa	8	1	3	0	12
D - lazer - shopping	6	0	0	0	6
D - lazer - teatro	1	0	0	0	1
D - lazer - visitar familiares	2	0	0	2	4
E - participativo	3	0	3	1	7
E - trabalho - fica menos tempo com o filho	2	0	2	0	4
E - trabalho - fica muito tempo com o filho	0	3	0	1	4
E - trabalho - organiza a rotina familiar	2	1	2	1	6
F - tarefas da casa - provedor	2	1	0	3	6
F - tarefas da casa - arrumar a mesa para o café	2	0	0	0	2
F - tarefas da casa - dar banho no cachorro	0	0	0	1	1
F - tarefas da casa - divisão/ajudante	4	2	2	2	8
F - tarefas da casa - fazer compras	1	1	0	0	2
F - tarefas da casa - lavar a louça	1	1	1	3	6
F - tarefas da casa - lavar o carro	0	0	0	1	1
F - tarefas da casa - limpar os vidros	1	0	0	0	1
F - tarefas da casa - passar aspirador de pó	2	0	0	0	2
F - tarefas da casa - preparar o café da manhã	2	0	0	0	2
F - tarefas da casa - varrer	0	0	0	1	1
F - tarefas sobre o filho - acompanhamento de saúde	3	1	0	1	5
F - tarefas sobre o filho - acordar à noite	1	0	2	0	3
F - tarefas sobre o filho - divisão/ajudante	6	2	2	2	10
F - tarefas sobre o filho - levar/buscar da escola	2	2	0	1	5
F - tarefas sobre o filho - pentear o cabelo do filho	0	0	0	3	3
G - educação - ensinar o que é certo	1	0	1	0	2
G - educação - estratégias	1	3	0	1	5
G - educação - imposição de limites	2	1	2	7	12
G - educação - meio-termo	0	2	1	1	4
G - educação - obediência aos pais	1	0	1	1	3
G - educação - punição	2	0	2	2	6
G - modelos - acaba repetindo coisas boas e ruins	1	0	0	0	1
G - modelos - busca repetir somente os pontos positivos	3	0	0	0	3

G - modelos - mescla da educação que recebeu	3	0	0	0	3
G - modelos - quer ser exemplo para o filho	1	0	0	1	2
G - modelos - ser pai como o próprio pai	0	4	0	4	8
G - modelos - ser um pai diferente do pai que teve	1	0	4	0	5
TOTAL:	252	135	125	169	681

* *Legenda das categorias:*

A - Processo de adoção

B - Sentimentos e percepções do pai com relação ao filho

C - Experiência em ser pai

D - Interação

E - Disponibilidade

F - Responsabilidade

G - Criação

**APÊNDICE G – QUADROS-SÍNTESE DOS PRINCIPAIS
RESULTADOS DE CADA CATEGORIA**

Tabela 14

Categoria: Interação

SUBCATEGORIA	P01	P02	P03	P04
Cuidar	Fazer “mamá”; Trocar fralda; Fazer dormir; Dar banho; Vestir; Arrumar.	Fazer “mamá”; Trocar fralda; Fazer dormir; Dar comida.	Fazer “mamá”; Trocar fralda; Fazer dormir; Dar banho; Dar comida.	Fazer “mamá”; Dar banho; Vestir; Arrumar.
	Aprende a cuidar de criança com a esposa	Aprende a cuidar de criança convivendo com crianças	Aprende a cuidar de criança convivendo com crianças	Aprende a cuidar de criança convivendo com crianças
Conversar	De forma lúdica e sobre diversos assuntos	De forma lúdica e sobre diversos assuntos	De forma lúdica e sobre diversos assuntos	De forma lúdica e sobre diversos assuntos
Demonstrar afeto	Demonstra afeto	Demonstra afeto	Demonstra afeto	Demonstra afeto
Brincar	(já foi evidenciado na Tabela X)			
Lazer	Ver familiares; ir ao shopping; ir ao teatro	Ir à praia	Passear	Passear; ver familiares

Tabela 15

Categoria: Disponibilidade

SUBCATEGORIA	P01	P02	P03	P04
Trabalho	Organiza a rotina da família	Organiza a rotina da família	Organiza a rotina da família	Organiza a rotina da família
Participativo	É participativo quando disponível	É participativo quando disponível	É participativo quando disponível	É participativo quando disponível

Tabela 16

Categoria: Responsabilidade

SUBCATEGORIA	P01	P02	P03	P04
Tarefas sobre o filho	Divide com a esposa, sendo ajudante da mesma; acompanha a saúde; leva/busca da escola; acorda à noite	Divide com a esposa, sendo ajudante da mesma; acompanha a saúde; leva/busca da escola.	Divide com a esposa, sendo ajudante da mesma; leva/busca da escola; acorda à noite.	Divide com a esposa, sendo ajudante da mesma; acompanha a saúde; leva/busca da escola.
Tarefas da casa	Divide com a esposa, sendo ajudante da mesma; lavar a louça; fazer as compras; arrumar o café; arrumar a mesa; limpar os vidros; passar aspirador de pó. Ele é o provedor.	Divide com a esposa, sendo ajudante da mesma; lavar a louça; fazer as compras. Ele é o provedor.	Divide com a esposa, sendo ajudante da mesma; lavar a louça. Ele e ela são os provedores.	Divide com a esposa, sendo ajudante da mesma; lavar a louça; lavar o cachorro; lavar o carro; varrer a casa. Ele é o provedor, mas ela ajuda no sustento da casa.

Tabela 17

Categoria: Padrões de Relacionamento

SUBCATEGORIA	P01	P02	P03	P04
Na família de origem (pai)	Conflituoso, fundido e conflitual	Harmônico	Distante	Harmônico
Na família de origem (esposa)	-	Distante	-	Muito estreito
Com a família de origem (pai)	Harmônico	Harmônico	Harmônico	Harmônico
Com a família de origem (esposa)	Harmônico	Distante	Harmônico	Muito estreito
Com a família de origem do cônjuge (pai)	Harmônico	Harmônico	Harmônico	Harmônico
Com a família de origem do cônjuge (esposa)	Harmônico	Harmônico	Harmônico	Harmônico
Relacionamento conjugal	Harmônico	Muito estreito	Harmônico	Muito estreito
Relacionamento pai-filho	Harmônico	Harmônico	Muito estreito	Muito estreito
Relacionamento mãe-filho	Harmônico	Muito estreito	Harmônico	Muito estreito

Tabela 18

Categoria: Criação

SUBCATEGORIA	P01	P02	P03	P04
Educação	Impor limites	Impor limites	Impor limites	Impor limites
	Castigo		Castigo	Castigo
	Acordo	Acordo	Acordo	Acordo
Modelos	Busca fazer diferente	Busca fazer igual	Busca fazer diferente	Busca fazer igual

Tabela 19

Categoria: Sentimentos e Percepções do Pai com Relação ao Filho

SUBCATEGORIA	P01	P02	P03	P04
Amor	sentem amor	sentem amor	sentem amor	sentem amor
Medo/preocupação	saúde; adoção; filho se envolver com drogas	saúde	adoção; diferença de idade	saúde; filha saber que é adotada
Pertencimento	sentimento de pertencimen- to	sentimento de pertencimen- to	sentimento de pertencimen- to	sentimento de pertencimen- to
Semelhança	física e de personalida- de	física e de personalida- de	física	física

Tabela 20

Categoria: Experiência em Ser Pai

SUBCATEGORIA	P01	P02	P03	P04
Tornar-se pai	bruscamente	no dia a dia	-	-
Sentimentos em ser pai	gratificante	gratificante	gratificante	gratificante
Como se percebe como pai	importante; preocupado; carinhoso; participativo ; impaciente.	importante; amigo; atencioso; carinhoso; protetor; provedor.	importante; preocupado; protetor.	importante; amigo.

Tabela 21

Categoria: Processo de Adoção

SUBCATEGORIA	P01		P02	P03	P04	
Desejos	Ter filho		Não ter filho	Não ter filho	Ter filho	
	Iniciativa pela adoção: esposa		Iniciativa pela adoção: pai	Iniciativa pela adoção: esposa	Iniciativa pela adoção: esposa	
Motivações	Infertilidade	Caridade	Infertilidade	Infertilidade	Infertilidade	Cuidar
Reações da família	Aceitação		Aceitação	Aceitação	Aceitação	
Idealizações	Criança saudável		-	Criança saudável	Menino	
Sentimentos: Da espera à chegada da criança	Ansiedade pela demora		Ansiedade pela demora	Ansiedade pela demora	Ansiedade pela demora	
	Alegria pela chegada		Alegria pela chegada	Alegria pela chegada	Alegria pela chegada	
	Surpresa		Surpresa	Surpresa	Surpresa	
Contar ao filho sobre a adoção	Aos poucos		Aos poucos	Aos poucos	Aos poucos	

APÊNDICE H – TABELA QUE SINTETIZA OS RESULTADOS DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Tabela 22
Objetivos, hipóteses e resultados

Objetivos específicos	Hipóteses	Resultados
<p>Caracterizar o envolvimento de pais com filhos adotivos em termos de interação, disponibilidade e responsabilidade.</p>	<p>O envolvimento paterno com filhos adotivos será semelhante ao que a literatura relata de pais biológicos, ou seja, na interação se destacará a brincadeira; a disponibilidade do pai será maior quando a esposa trabalhar fora de casa, e a principal responsabilidade do pai será a de provedor na família.</p>	<p>Na interação destacou-se o brincar. A disponibilidade dos pais não pareceu ser tão influenciada pelo fato de a mãe trabalhar ou não fora de casa, visto que outras variáveis parecem interferir mais, como o trabalho do pai. Na dimensão responsabilidade, o pai possui grande papel de provedor. Além disso, verifica-se que embora apenas dois pais relevassem o desejo pela paternidade, os quatro pais estão “maravilhados” (sic) com a mesma, e possivelmente por isso, os resultados se assemelham aos estudos realizados com pais biológicos.</p>
<p>Relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e os padrões de interação da família.</p>	<p>O pai será envolvido com seus filhos em famílias pautadas por relacionamentos harmônicos.</p>	<p>Verificou-se nas famílias a predominância de relacionamentos harmônicos, e como os pais se mostram envolvidos nos cuidados com os filhos e com a casa, pode-se dizer que esse tipo de padrão de relacionamento pode estar positivamente relacionado ao envolvimento paterno.</p>
<p>Relacionar o envolvimento paterno com filhos adotivos e a configuração familiar.</p>	<p>O envolvimento paterno será elevado em famílias compostas por pai, mãe e filho adotivo e cujo estágio do ciclo vital seja o de famílias com filhos pequenos.</p>	<p>As famílias pesquisadas eram compostas por pai, mãe e filho adotivo e se encontram no estágio do ciclo vital denominado “famílias com filhos pequenos”. Nessas famílias pesquisadas se observou que o pai é envolvido com os filhos.</p>

APÊNDICE I – GRÁFICO COM AS SUBCATEGORIAS COM MAIOR FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA

Abaixo, segue um gráfico (Figura 12) com as cinco subcategorias que mais apresentaram frequência de ocorrência dos elementos temáticos que as compõem.

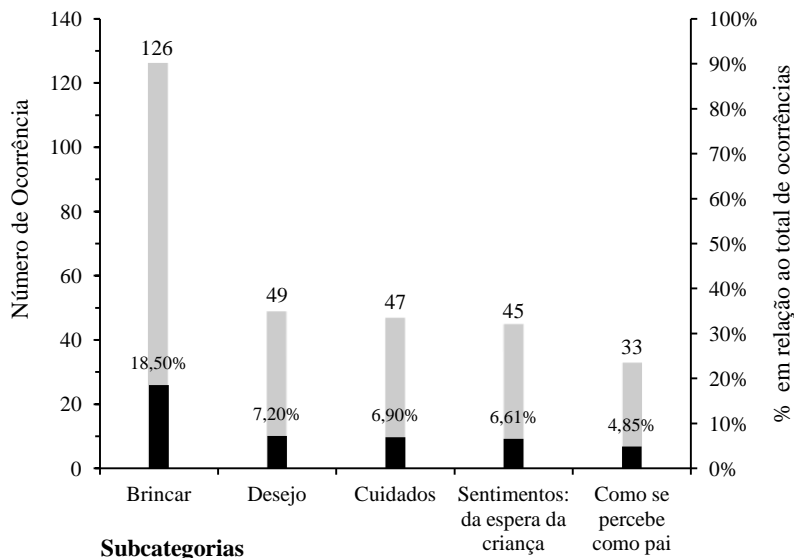


Figura 12. Cinco subcategorias com maior frequência de ocorrência de elementos temáticos.

Com esse gráfico, verifica-se que os diferentes elementos temáticos referentes ao brincar apareceram 126 vezes, sendo o brincar a subcategoria com maior frequência de ocorrência, representando 18,5% do total de ocorrências ($n=681$). As demais subcategorias do gráfico também apresentaram elevada frequência de ocorrência, mas ainda assim, é menos da metade do brincar. Ao encontro disso, tem-se o brincar em geral como elemento temático com maior frequência de ocorrência (total de 24) de todos os elementos temáticos (Apêndice F).

Ressalta-se que o fato de uma subcategoria ou elemento temático apresentar maior frequência de ocorrência pode ser devido a esse aspecto ter sido mais explorado na entrevista. Contudo, buscou-se no momento na coleta de dados não enfatizar um aspecto em específico e deixar que o pai falasse o que faz pelo filho, o tempo que passa com ele,

como se sente, entre outros aspectos. Desse modo, se relativizam os achados no que se refere às frequências de ocorrência, considerando-se que pode haver um viés, mas apresenta-se na presente dissertação por serem dados interessantes e relevantes, uma vez que foi o aspecto mais verbalizado por todos os pais e por isso deve ser apresentado.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

CÓDIGO: _____ DATA: _____

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Instrumento adaptado de Vieira (2010) e demais colaboradores do NEPeDI, o qual foi produzido no projeto de pesquisa “Valores, crenças e práticas parentais em diferentes contextos: integração entre fatores bio-psicológicos e culturais”³⁹

Por favor, responda às seguintes questões que se referem a informações gerais sobre você e sua família.

DADOS DA FAMÍLIA

1. Cidade de residência

() (cidade em que a pesquisa foi realizada)

() Outro. Especifique: _____

2. Pessoas que moram na casa (parentesco e idade – incluir o respondente).

3. Em que período a “criança-focal” frequenta a escola?

Manhã (); Tarde (); Integral ()

4. Escolaridade

Qual a sua escolaridade e qual a escolaridade de sua companheira?

	Respondente	Companheira
Não alfabetizado		

³⁹ Vieira, M. L. (2010). Valores, crenças e práticas parentais em diferentes contextos: integração entre fatores bio-psicológicos e culturais (Projeto de Pesquisa). Questionário sociodemográfico. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil - Universidade Federal de Santa Catarina.

Ensino fundamental incompleto: incompleto	primário		
Ensino fundamental incompleto: e ginásio incompleto	primário completo		
Ensino fundamental completo			
Ensino médio incompleto			
Ensino médio completo			
Ensino superior incompleto			
Ensino superior completo			
Pós-graduação			
Não sabe			
ANOS CONCLUÍDOS			

Renda Familiar

Respondente

Companheira

5. Profissão

6. Atividade atual

7. Jornada de trabalho
(que dias trabalha por
semana e as horas que
trabalha por dia)

8. Você tem empregada/babá: () sim () não

9. Quem cuida da criança quando ela não está na escola:

10. Quem leva a criança para a escola? E quem busca?

11. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua?

() sim () não

Quem? _____ Qual? _____

12. Renda familiar mensal

Por favor, vamos ver quanto você, seu/sua companheiro(a) e outras pessoas da casa ganham por mês. Vamos pensar no mês passado...

(Inclua salários, gorjetas, bicos, pensão, rendas de aluguel e outro capital, ajudas financeiras sistemáticas, etc. Registre sempre com,00. Se o respondente não souber, anote NÃO SABE).

	Salário	Outros Rendimentos	TOTAL (R\$)
Respondente			
Companheiro(a)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			

13. Existe(m) algum(ns) mês(es) do ano no(s) qual(is) a renda total é muito maior ou menor do que a do mês passado?

() Sim

() Não

() Não sei

No mês em que é maior, qual é essa variação?

No mês em que é menor, qual é essa variação?

Se houver, faça a soma da renda dos diferentes meses, calcule a média e classifique conforme opções a seguir:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Menos de R\$100,00 | <input type="checkbox"/> R\$801,00 a R\$1.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$101,00 a R\$200,00 | <input type="checkbox"/> R\$1.001,00 a R\$1.300,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$201,00 a R\$300,00 | <input type="checkbox"/> R\$1.301,00 a R\$1.600,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$301,00 a R\$400,00 | <input type="checkbox"/> R\$1.601,00 a R\$2.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$401,00 a R\$500,00 | <input type="checkbox"/> R\$2.001,00 a R\$3.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$501,00 a R\$600,00 | <input type="checkbox"/> R\$3.001,00 a R\$4.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$601,00 a R\$800,00 | <input type="checkbox"/> Acima de R\$4.000,00 |

14. Quantos cômodos tem sua casa? (Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda): _____

15. Tipo de Casa:

Casa de alvenaria () Casa de Madeira () Casa Mista ()

Observações:
